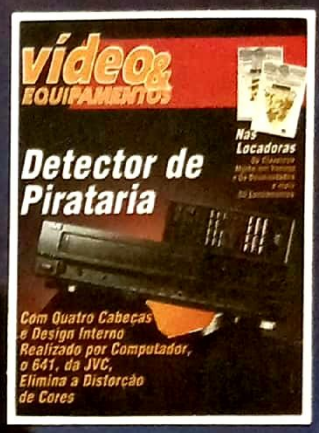
SET

EDITORA AZUL

5633 0001 – Ed. 37 – Ano IV – Nº 7 – Cr$ 220,00

EM **VÍDEO & EQUIPAMENTOS**



O DETECTOR DE PIRATARIA DA JVC

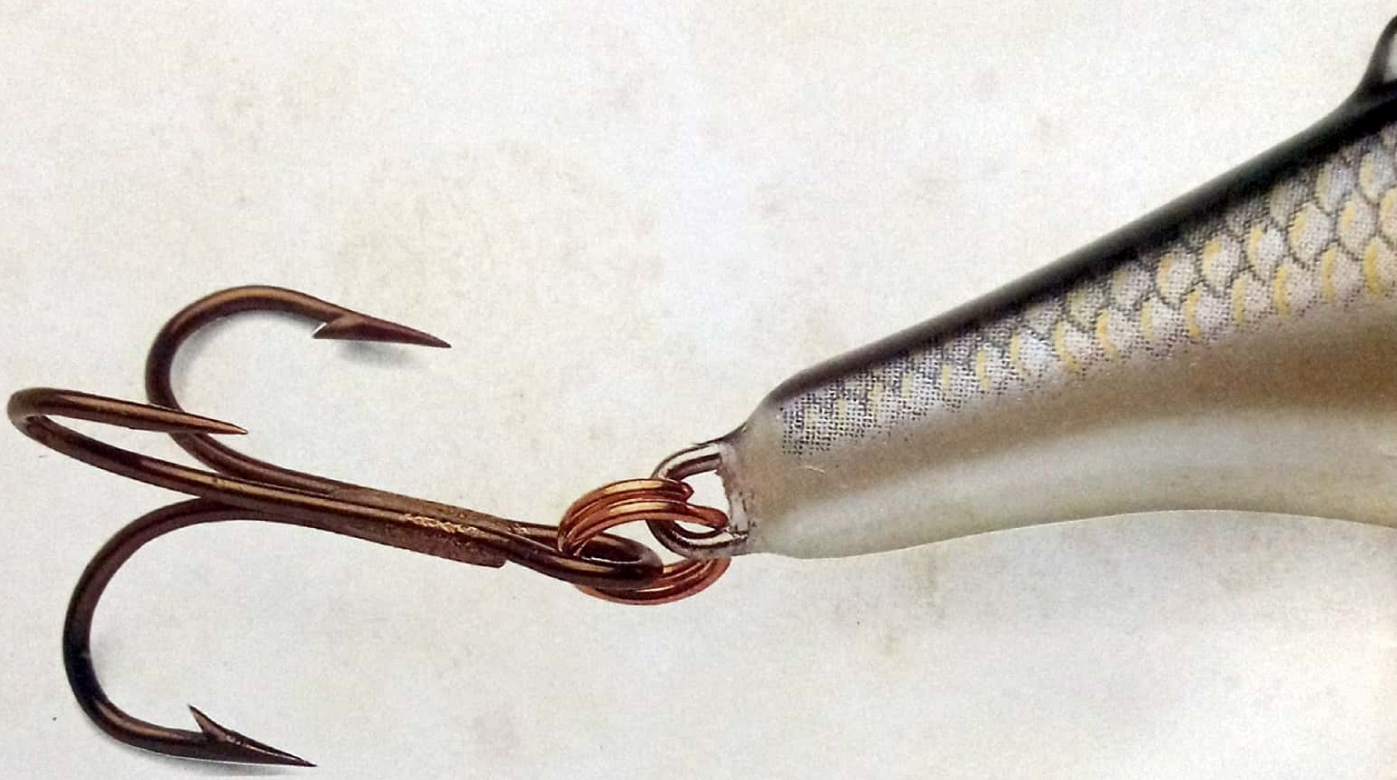
MITO
PERNALONGA CINQÜENTÃO

EM CARTAZ

DE VOLTA PARA O FUTURO III
A CONQUISTA DO VELHO OESTE

TRAVOLTA POR CIMA
O ÍDOLO DOS ANOS 70 RETORNA EM
OLHA QUEM ESTÁ FALANDO

CÓPIA OU



NÃO SEJA FI
UM PRODU

© Warner Home Video Inc.

Tem gente querendo pescar você com cópias de vídeo não seladas. Uma pirataria que, além de ilegal, é feita na maioria das vezes por pernas-de-pau.

Mais do que não respeitar a lei, estas pessoas estão desrespeitando seu direito de ver um bom filme. E, o que é pior, estragando seu lazer, seu fim-de-semana e principalmente seu vídeo cassete. Afinal, uma fita selada é produzida em modernos laboratórios, duplicada e legendada por técnicos capacitados com aparelhos corretos. Já as cópias piratas fazem experiências num local pouco recomendado: no seu próprio

ORIGINAL?

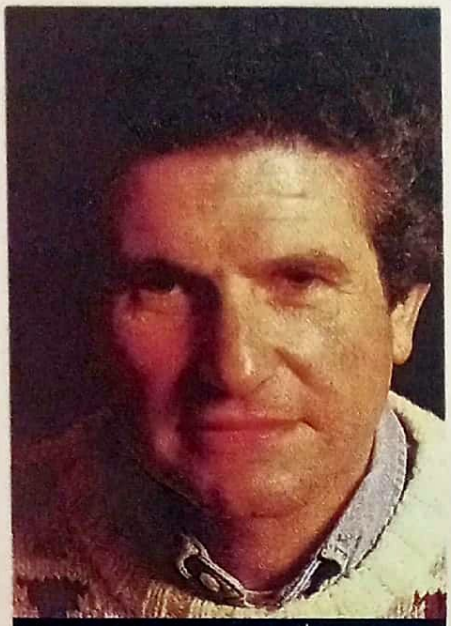
SGADO POR
TO FALSO.

FAST

aparelho.
Não caia nessa rede. Vá à sua locadora. E exija fitas seladas. Um produto que garante a qualidade da sua diversão.

WARNER HOME VIDEO

Vídeo, seu melhor programa.



O cineasta já tem o que fazer no próximo decênio

LELOUCH FAZ PLANOS ATÉ O ANO 2000

Claude Lelouch, o realizador de *Um Homem, uma Mulher* e *Retratos da Vida*, já tem preparado um "plano decenal" de realizações, à moda dos antigos burocratas soviéticos. No ano que vem ele vai dirigir *La Belle Histoire*, com Liza Minnelli e Gérard Lanvin. Em 1992 e 1993 ele levará às telas sua versão atualizada do romance *Os Miseráveis*, clássico de Victor Hugo, rebatizado de *Os Miseráveis do Século 20*. Jean-Paul Belmondo será o protagonista. No resto da década Lelouch se ocupará de *Cinq sur Cinq*, seu projeto mais ambicioso. Segundo a revista francesa *Premiere*, o filme, planejado para lançamento no ano 2000, vai mostrar os anos 80 do ponto de vista retrospectivo de cinco homens e cinco mulheres.

"O sexo é uma porta para alguma coisa extremamente potente, extremamente mística. A maior parte dos filmes trata o sexo vulgarmente, de maneira explícita demais, e isso mata toda a mística."

David Lynch

BLIER TENTA ATRAIR BEATRICE DALLE

Bertrand Blier (o diretor de *Corações Loucos* e *Meu Marido de Batom*) está prestes a rodar na França seu novo filme, *Merci la Vie*, ainda sem saber se contará com a estonteante Beatrice Dalle (de *Betty Blue*) para o papel principal. Charlotte Gainsbourg e Michel Blanc estão confirmados no elenco.

SEAN CONNERY SERÁ O PAI DE ALEXANDRE, O GRANDE

Sean Connery estrela *Alexandre, o Grande*, épico a ser dirigido pelo especialista John Milius (diretor de *Conan, o Bárbaro*). Em função da idade avançada, o ex-007 não fará o personagem título (cujo intérprete ainda não foi escolhido), e sim seu pai.

Fox

Beatrice Dalle (numa sequência de Betty Blue...

"É preciso se levantar contra a concepção de uma 'arte para as massas'. Dirigir-se às massas é cretinizar o público."

Jean-Luc Godard

Mondadori Press

O escritor tcheco (1883-1924) em foto da juventude

OS AMORES DE KAFKA VÃO AO CINEMA

A vida amorosa do escritor **Franz Kafka** chega às telas este ano em dois filmes: *Milena*, dirigido por Vera Belmont, com Valerie Kapriski no papel-título; e *The Loves of Kafka*, sob a direção de Ted Kotcheff, com base em roteiro de John Briley (o roteirista de *Gandhi*). Kotcheff dirigiu o primeiro *Rambo* (1982), o que não chega a ser uma credencial para quem quer lidar com as complexidades kafkianas.

...dirigida por Jean-Jacques Beineix): atraente

WARREN BEATTY E SPIELBERG CONTAM A VIDA DE HUGHES

Warren Beatty prepara sua nova superprodução, a cinebiografia do milionário excêntrico, aviador e produtor de cinema Howard Hughes. Além de dirigir e estrelar o filme, Beatty deverá co-produzi-lo, ao lado de ninguém menos que Steven Spielberg — aliás, outro milionário que gosta de aviões.

Warner

Beatty na persona de Dick Tracy, seu mais recente sucesso

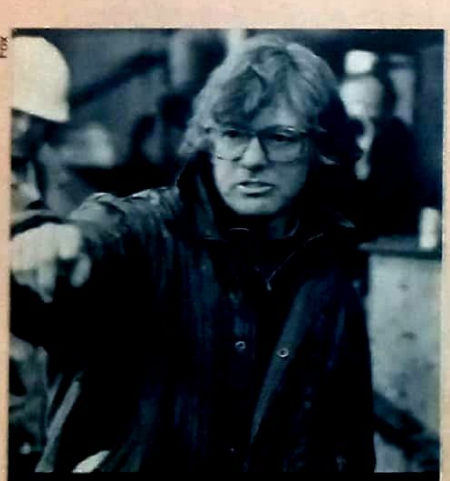
LUCAS DEFENDE A IMAGEM DE SEU HERÓI

A Lucasfilm, companhia produtora de George Lucas, está processando o músico e produtor **Luke Skywalker** (cujo verdadeiro nome é Luther Campbell), do grupo de *rap* 2 Live Crew, por ter-se apropriado do nome de um dos heróis de *Guerra nas Estrelas*. A empresa, que exige uma indenização de 300 milhões de dólares, teme que as letras pornográficas do último álbum da banda, *As Nasty as They Wanna Be*, possam comprometer a imagem imaculada do personagem da saga interestelar.

TV FAZ SERIADOS DOS CAMPEÕES DE BILHETERIA

Várias produções de sucesso no cinema devem ser transformadas proximamente em séries de TV. De acordo com a revista francesa *Starfix*, já estão acertadas as teleadaptações de *Big*, *As Bruxas de Eastwick*, *Curtindo a Vida Adoidado*, *Uma Dupla Quase Perfeita*, *Os Caçafantasmas*, *Irmãos Gêmeos*, *Olha Quem Está Falando* e *Flores de Aço*. As novelas da Globo e da Manchete que se cuidem.

Fox



Paul Verhoeven quando na direção de Robocop

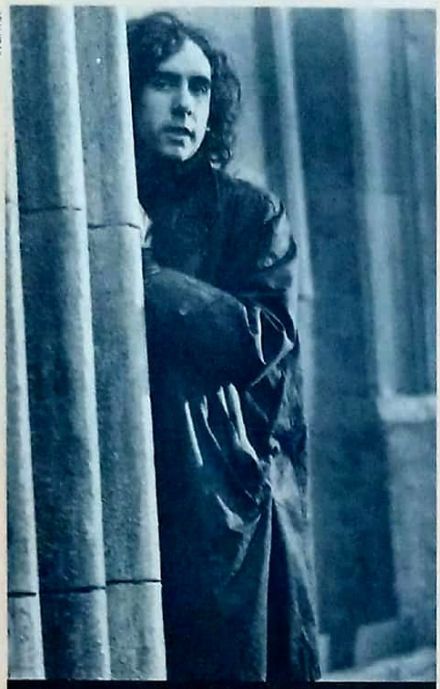
VERHOEVEN DIRIGE MULHERES DE BUKOWSKI

Paul Verhoeven, o talentoso diretor do primeiro *RoboCop*, vai realizar *Women*, baseado no livro homônimo de Charles Bukowski (publicado no Brasil pela Brasiliense). Ainda não se sabe quem vai fazer o papel de Henry Chinaski, o alter-ego do escritor.

Lucas Film

Mark Hammill, de pistola em punho, é o Lucky Skywalker de O Retorno de Jedi, *parte de* Guerra nas Estrelas

Warner



Burton a caminho das telas com duplo repeteco

OS FANTASMAS SE DIVERTEM DE NOVO

Tim Burton realiza *Beetlejuice 2*, a continuação de *Os Fantasmas Se Divertem*, enquanto prepara-se para começar os trabalhos de *Batman 2*. Vale lembrar que seus fãs ainda esperam ansiosamente seu novo filme, praticamente concluído, *Edward Scissorhands* (sobre um sujeito que tem tesouras no lugar das mãos).

"Em *White Hunter, Black Heart* eu quis mostrar como um sujeito (John Huston) pôde fazer filmes ao longo de toda a sua vida, tendo sempre a atenção voltada para outras coisas."
Clint Eastwood

Paramount

A bela Isabella Rossellini em defesa da Ecologia

ISABELLA ROSSELLINI DEFENDE ELEFANTES

Isabella Rossellini contracena com John Lithgow no drama ecológico *White Gold*, de Joseph Sargent, diretor de *O Seqüestro do Metrô* e *Um Dia de Sol*. No filme, os dois se empenham em defender os elefantes da caça predatória. O ouro branco do título é, obviamente, o marfim.

AGUARDE

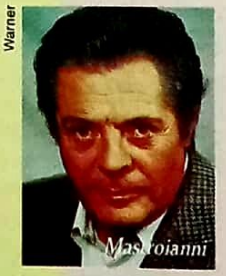
Rogério Reis/Abril

Hill

Terence Hill, o eterno Trinity, dirige no Kansas uma adaptação da história em quadrinhos de faroeste *Lucky Luke*. O herói será, obviamente, encarnado pelo próprio Hill.

Marcello Mastroianni e **Sandrine Bonnaire** trabalham juntos em *Dans la Soirée*, sob a direção de **Francesca Archibugi.**

Warner



Mastroianni

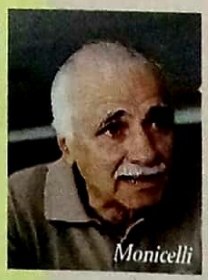
UIP

Goldie

Goldie Hawn faz em *Crisscross* o papel de uma mulher que descobre que o filho adolescente está traficando drogas para ajudá-la nas despesas domésticas. O diretor é **Chris Menges.**

Christopher Lambert vai produzir e estrelar a aventura futurista *Purple West*, a ser dirigida por **Adam Dubov.**

Fernando Pimentel/Abril



Monicelli

Mal terminou seu último filme, *Il Mare Oscuro*, o veterano **Mario Monicelli** (diretor de *Meus Caros Amigos* e *O Incrível Exército Brancaleone*) já prepara o próximo: uma comédia sobre velhos aposentados com o título provisório de *Buon Natale, Felice Anno Nuovo*.

Pedro Gomes/Azul

Lambert

Reina

Stamp

O ator britânico **Terence Stamp** aventura-se na direção com *Stranger in the House*, que ele está rodando em Nova York. No elenco, além do próprio Stamp, **Harry Dean Stanton** e **Lorraine Bracco.**

JARMUSCH QUER VENDER CAFÉ E CIGARROS

O próximo filme de **Jim Jarmusch** é um longa-metragem composto de dez episódios chamado *Coffee and Cigarettes* — título tirado de um dos segmentos, estrelado por Roberto Benigni e já exibido na TV brasileira. Outro episódio pronto foi rodado durante as filmagens de *Mistery Train*, e suas protagonistas são as irmãs de Spike Lee, Cinque e Joie. De acordo com Jarmusch, o filme "é uma série de desenhos animados ao vivo, nos quais são vistas pessoas que se sentam e discutem em todos os tipos de restaurantes".

"Você acredita naquela supertacada no terceiro game do último set? Experimente ver quadro-a-quadro. Se eu não tivesse visto com meus próprios olhos, não acreditaria. Agora o que eu tenho a fazer é dominar essa jogada para o jogo da próxima semana. Te vejo na quadra".

Onde quer que a ação esteja, na quadra ou na TV, resposta rápida e precisa é a chave do jogo. Com o vídeo Panasonic NV-F70 Hi-Fi, você obtém a agilidade de uma fração de segundo.

O NV-F70 põe literalmente a imagem sob o domínio dos seus dedos. Com o comando "Jog & Shuttle", sofisticado sistema que mesmo um atleta da poltrona pode controlar, com facilidade, o grau de variação da velocidade que se ajusta a 21 sensíveis graus; do Super Still cristalino à rápidas velocidades. Assim você pode agilmente localizar uma cena específica numa fita em qualquer direção, para frente ou para trás, e apreciá-la no seu próprio ritmo.

Para tornar a operação ainda mais precisa, o comando "Jog & Shuttle", move a imagem diretamente correspondente à velocidade que você controla. Por exemplo, um giro de 30 graus avança ou retrocede a fita exatamente num espaço. Você pára e a fita idem.

Dessa forma, quando a ação requer agilidade e energia, faça do Panasonic NV-F70 parte do seu jogo.

NV-L26 BR

NV-F70 BR

Hi-Fi STEREO

VHS

Controle Remoto completo dotado de scanner com código de barras que torna a programação com timer simples e rápida.

Panasonic

Panasonic e Technics são marcas registradas de Matsushita Electric.

Sipa-Press

A auspiciosa irmandade de Joel e Ethan Cohen (da esquerda para a direita)

OS IRMÃOS COEN ATACAM NOVAMENTE

Barton Fink, o próximo filme dos irmãos **Joel** e **Ethan Coen** (de *Gosto de Sangue* e *Arizona Nunca Mais*), terá como protagonistas John Goodman (o gordo de *Além da Eternidade* e *Vítimas de uma Paixão*) e John Turturro (de *Viver e Morrer em L.A.* e *O Siciliano*). Enquanto isso, está em cartaz nos EUA o filme anterior dos Coen, a história de gângsteres *Miller's Crossing*, estrelado por Turturro, Albert Finney e Gabriel Byrne.

Channel Four

O inglês Daniel Day Lewis em Minha Adorável Lavanderia

DAY LEWIS PÕE O PÉ (ESQUERDO) NA ESTRADA

O oscarizado **Daniel Day Lewis** (de *Meu Pé Esquerdo*) vai contracenar com River Phoenix (de *Conta Comigo* e *Mosquito Coast*) num *road movie* a ser dirigido por Gus Van Sant, o realizador do badalado (e inédito no Brasil) *Drugstore Cowboy*. Só depois desse filme é que Van Sant fará a cinebiografia do pop-artista Andy Warhol (já noticiada em Takes), com Willem Dafoe como protagonista.

ESTÉTICA DO SAGRADO

por Luiz Nazário

Influenciado por Sjöstrom, Stiller e Griffith, o dinamarquês Carl Theodor Dreyer ultrapassou os limites técnicos do cinema, conseguindo captar a expressão dos pensamentos mais profundos dos personagens. Seu cinema é um cinema centrado nos atores e, mais ainda, nas atrizes — não em suas palavras, que ele reduz ao essencial, mas em seus rostos. Ele procura aí exteriorizar a alma feminina, numa tentativa de reconstruir a imagem de sua mãe, que o abandonou num orfanato e teve — por ser pobre e solteira — o corpo retalhado por médicos legistas.

Filme após filme, Dreyer constrói uma estética do sagrado, mostrando mulheres martirizadas até a morte por uma sociedade intolerante, atingindo a perfeição de forma e conteúdo em *A Paixão de Joana d'Arc* (*La Passion de Jeanne d'Arc*, 1927).

O filme concentra os 29 interrogatórios do processo num único, realizado no dia da morte da heroína, a 30 de maio de 1431. Numa decorrência lógica da própria forma da inquisição — uma série de perguntas e respostas carregadas de perigo de morte —, Dreyer fragmenta as seqüências em uma série de grandes planos dramáticos sobre fundos brancos — dos instrumentos de tortura, das indumentárias, dos crucifixos, dos rostos feios dos inquisidores e da turba, tornando Renée Falconetti, de cabelos tosados e expressões mortificantes, a mais Joana d'Arc de todas as Joanas d'Arc do cinema.

Depois de uma distribuição irregular, o filme desapareceu num incêndio da UFA. Na versão francesa, que circulava pelo mundo, as cenas mais impressionantes — a da sangria feita em Joana d'Arc e a de sua morte terrivelmente lenta na fogueira — estavam cortadas, por determinação da Igreja.

Mas, não se sabe por que, uma cópia integral fora enviada ao diretor de um hospício em Solberg, na Noruega, e ali ficou esquecida, dentro de um armário, até 1984, quando funcionários a descobriram, intacta, em meio a uma mudança. Ib Monty, do Arquivo de Filmes da Dinamarca, procedeu à restauração, e o filme de Dreyer readquiriu, como por milagre, todo o seu impacto, em imagens de um rigor que atinge as raias da crueldade.

Renée Falconetti como a Joana D'Arc de Droyer: santa mortificada

NA HORA DE ESCOLHER NÃO FAÇA FITA, LIGUE DISTRIBUIDORA

VÍDEO MIX®

- ENTREGA GARANTIDA PARA TODO O BRASIL VIA SEDEX
- ACEITAMOS TODOS OS CARTÕES DE CRÉDITO
- O MAIS VARIADO ESTOQUE DE FILMES NACIONAIS E CATÁLOGOS
- ATENDIMENTO PERSONALIZADO

OS MENORES PREÇOS DO MERCADO, CONFIRA!

• ABERTO AOS SABADOS •

TELEMARKETING

São Paulo (011) 93-9100 / 93-2526 / 93-5342 / 948-5939 / 291-5483

REPRESENTANTES

Curitiba/PR	(041) 247-3995	Waldir
Campinas/SP	(0192) 31-0330	Raul
Belo Horizonte/MG	(031) 222-5837	Walter
Itajaí/SC	(0473) 44-1881	Gerson
Porto Alegre/RS	(0512) 28-0827	Luis

FILIAL - NORTE/NORDESTE
Av. Cons. Aguiar, 1175 - Conj. 301
Boa Viagem - Recife / PE
FONE (081) 326-4489
Estoque permanente - Pronta Entrega

PRODUTORAS

AB . Abril . Alvorada . América . Argovídeo . CIC . Century . Colúmbia . DIF . DIV . Disney . Elite . Everest . F.J. Lucas . Fox Home Globo . Herbert Richers . Jaguar . Look . Machine Vídeo . MGM . Mundial . Mega . Nacional . National Geographic . Office . Omni . PBV . Poletel . Polevídeo . Reserva Especial . Royalty . Sagres . Taipan . Tec Home . Top Tape . Transvídeo . Universo . Univídeo . Vic Vídeo Ban . Vídeo Lips . Vídeo Plus . VTI . VMW . Warner . Wera's . Zircon

MATRIZ **VÍDEO MIX DISTRIBUIDORA** - RUA HERVAL, 336 BELÉM - SÃO PAULO - SP - CEP 03062

A VIDEO LESTE AGORA É:

Shopping Video

VIDEO LESTE

Você já imaginou ir a um só local e encontrar tudo o que precisa para sua locadora?

Então Venha ao SHOPPING VIDEO LESTE.

- 15.000 fitas - todos os lançamentos das melhores distribuidoras
- Estojos, portas fitas - diversas côres
- Ficha para cadastro de clientes
- Ficha para controle de saída de filmes
- Fichas "T"
- Rebobinadores
- Adesivo protetor do selo do CONCINE
- Fita para limpeza de cabeçote
- Comanda de entrega 2 ou 3 vias
- Diversos tipos de etiquetas
- Sacolas plásticas lisas ou personalizadas
- Capas para Video Cassete, todos os modelos
- Painel de Informações
- 16 tipos de expositores
- Computadores e sistemas para gerenciamento de sua locadora
- Acessórios para vídeo, cabos, conectores, plugs etc.

E AQUELE ATENDIMENTO QUE VOCÊ CONHECE...

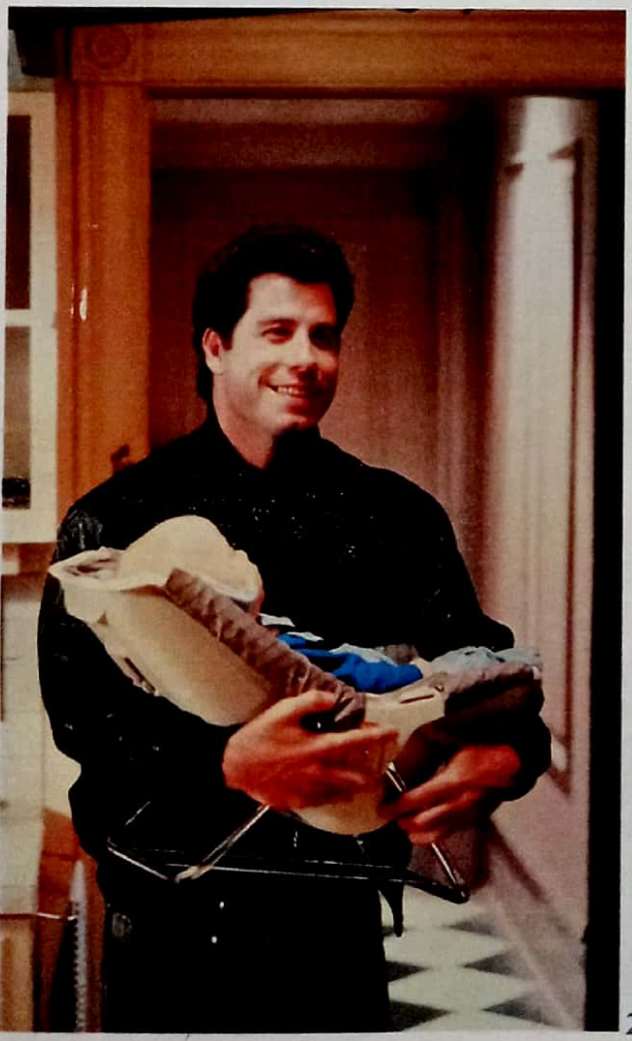
Preços e Condições Especiais

Aceitamos todos os cartões de crédito

Grandes promoções para o mês de inauguração

R. 24 de Maio, 77 - 14.º andar - Conj. 1402 Fones: (011) 223-2969 - 221-0440 - CEP 01041 FAX (011) 220-7462
Av. Conselheiro Carrão, 2094 Fones: (011) 941-3362 - 217-4989 - CEP 03402 FAX (011) 217-0871

John Travolta alterna em sua carreira uma curiosa série de ascensões, quedas e ascensões. Caindo nas boas graças do público com hits *que foram a cara de uma época, como* Embalos de Sábado à Noite, *cuja febre contaminou um pedaço dos anos 70, ele, desafortunadamente, acabou abraçando alguns "abacaxis" para os quais o público virou as costas sem remorso. Travolta voltou, já nos anos 80, provando que era capaz de representar, no* thriller *de Brian de Palma* Um Tiro na Noite, *em que mixava a boa-pinta de galã com a perplexidade tocante que o papel exigia. Quando se pensava que ele estava de pé, acabou entrando noutra fria, a bomba intitulada* Os Embalos de Sábado Continuam, *dirigido pelos músculos de Sylvester Stallone. De repente, ei-lo de volta, depois de uma série de tropeços, em* Olha Quem Está Falando, *na aurora dos anos 90. Contracenando com um bebê, Travolta exibe uma verve humorística impensada nos filmes anteriores. Faz um taxista fora de forma, barrigudo e afetuoso, que daria um boi para ser pai, e acaba parodiando a si mesmo como rei das discotecas dos* Embalos, *tendo como* partner *o tal bebê. Transformou-se de novo num megasucesso. Seu contrário é um coelho: faz cinquenta anos que Pernalonga é um sucesso de primeira linha — e com uma barriga irreprochável. SET conta nesta edição toda a história do infatigável mastigador de cenouras que, há meio século, vem detonando pequenos e grandes pandemônios, sempre com o bordão: — O que é que há, velhinho?*



Columbia Tri-Star

24

4 TAKES
8 TEMPOS MODERNOS
12 EM CARTAZ
De Volta Para o Futuro Parte III
16 OUTROS FILMES EM CARTAZ
24 MATÉRIA DE CAPA
Olha Quem Está Falando
32 ENTREVISTA
Robin Williams
34 REPORTAGEM
48 Horas Parte II
36 FESTIVAL DE CANNES
41 MITO
Pernalonga
50 LIVROS
52 FILMOTECA
53 VÍDEO & EQUIPAMENTOS
55 FOCO
56 EQUIPAMENTO JVC
60 VÍDEO LANÇAMENTOS
70 CARTAS
73 FILMOGRAFIAS
74 NOSTALGIA

Na capa: John Travolta em Olha quem Está Falando *e Michael J. Fox e Christopher Lloyd em* De Volta Para o Futuro III

Fotos de capa: Travolta (Columbia Tri-Star), De Volta Para o Futuro III (UIP)

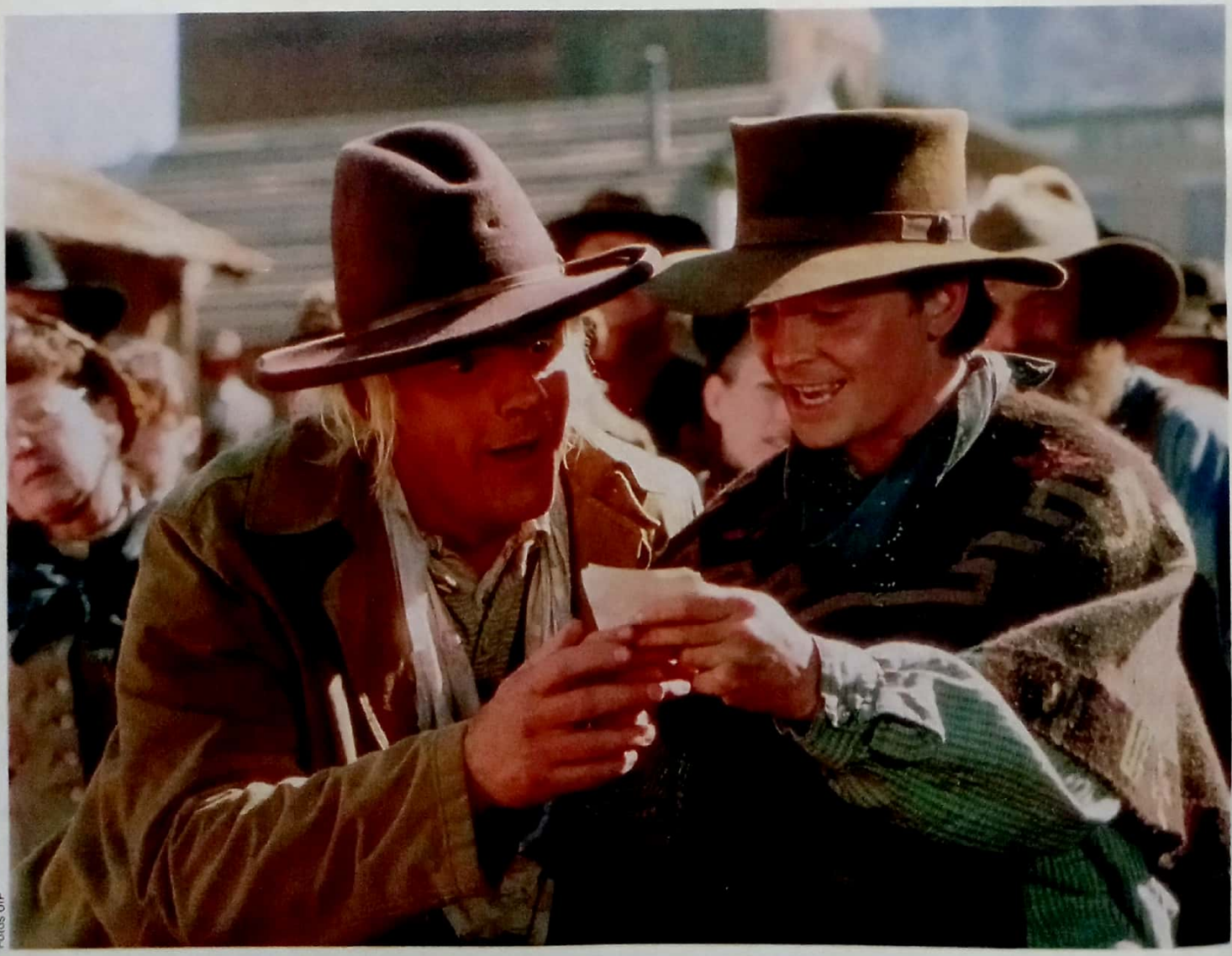
Uma passagem luminosa pelo tempo das diligências

DE VOLTA PARA O FUTURO III

de Zemeckis, com Michael J. Fox, Christopher Lloyd...

Anotem esta estranha predição: se os jovens diretores de Hollywood continuarem insistindo em realizar suas fantasias de adolescência, o *western*, este gênero banido das melhores mesas de reunião da indústria, pode muito bem voltar, se não a seu esplendor do passado, pelo menos a um interessante estágio de mutação. Porque essa é a realidade escondida atrás de filmes como *De Volta Para o Futuro 3* (e os dois *Young Guns* também). Diretores, atores e roteiristas que hoje estão na casa dos 30 têm um fetiche juvenil por bangue-bangues, criados que foram entre John Ford, Zorro, Clint Eastwood e *western-spaghetti* (Zorro, aliás, está sendo refilmado, o que só confirma minha teoria). O fato de o gênero ter, aparentemente, caído em desgraça com as novas gerações de fãs — para quem os conceitos de "ação" e "heroísmo" envolvem extermínio em massa, sangue aos borbotões e armas mais ferozes e eficientes que os velhos Colts e Smith & Wesson — gera o fator-mutação: os cineastas têm de disfarçar o comichão de seus dedos no gatilho e arrumar uma desculpa para pôr todo mundo vestido de caubói, em cima de um cavalo, disparando pelas pradarias e desertos da América (às vezes até o cavalo é dispensável. A diretora Kathryn Bigelow confessa que seu clássico cult *Near Dark* era, na verdade, um *western*, "com vampiros e carros no lugar de cavalos").

"*De Volta Para o Futuro 3* não é um *western*, é um filme sobre viagem no tempo", diz Robert Ze-



Fotos UIP

meckis, explicando por que colocou Marty McFly e o doutor Brown em 1885, munidos de Colts e chapéus enormes, cavalos, diligências e esse outro signo da conquista do Oeste, a locomotiva. "Mas", ele acrescenta, "ao colocar em 1885 um garoto dos anos 80, que só conhece o Oeste de filmes na tevê , estamos dando toda uma outra dimensão ao estilo." Ao dizer isso, Zemeckis se entrega; ele e Michael J. Fox estavam doidinhos para fazer um bangue-bague sob qualquer pretexto, até porque, explica o roteirista Bob Gale com a grossura histórica e a arrogância cultural típica dos americanos, "se levássemos a história para outro período no passado, para a Califórnia de 1785, por exemplo, só encontraríamos alguns índios e espanhóis correndo para lá e para cá, nada muito interessante para se pôr num filme".

Na página oposta, Doc (Christopher Lloyd) e Marty (Michael J. Fox) perfeitamente inseridos no cotidiano de Hill Valley em 1885. Acima, um respeitoso instante dos antepassados de Marty, a Sra. Lorraine (Lea Thompson) e o Sr. Seamus (Michael J. Fox). Ao lado, a professorinha Clara (Mary Steenburgen) encanta Doc a ponto de fazê-lo esquecer o futuro

Porque, pelo mesmo parâmetro nada sutil, a Corrida do Ouro na Califórnia — ou seja, a chegada dos anglos à região, o início do desmatamento, do genocídio indígena etc. — é, segundo Gale, "uma época vital na mitologia americana, uma era de descoberta, o crescimento de um povo em busca de um sonho". Lá se vão então Marty (Michael J. Fox) e Doc (Christopher Lloyd) para a Hill Valley do tempo das diligências, quando a vida era heróica e simples (em 1885 Doc ganha seu pão trabalhando como ferreiro, o que não o impede de, nas horas vagas, construir um rifle de mira telescópica e uma engenhoca capaz de, entre outras coisas, fazer gelo) e era perfeitamente OK ser racista (um jornal da época enumera os assassinatos cometidos pelo bandido "Mad Dog" Tannen — o antepassado de Biff Tannen, é claro: 12 homens, "não contando índios e chineses". Ao ver a camisa espalhafatosa com que Marty chega ao passado, um freguês do bar local comenta: "Ele deve ter roubado essa camisa de algum chinês morto").

Entretanto, ver *De Volta Para o Futuro 3* apenas como um excelente pretexto para ser racista sem culpa — afinal, estamos em 1885, quando esse negócio de direitos civis era conversa de salão lá no Leste — e para dar alguma nobreza a esse verdadeiro esporte nacional americano, o assassinato por arma de fogo é, afinal, reduzir o filme à essência do próprio *western*, que sempre rodou em torno desses temas básicos — com algumas doses generosas de machis-

DE VOLTA PARA O FUTURO III

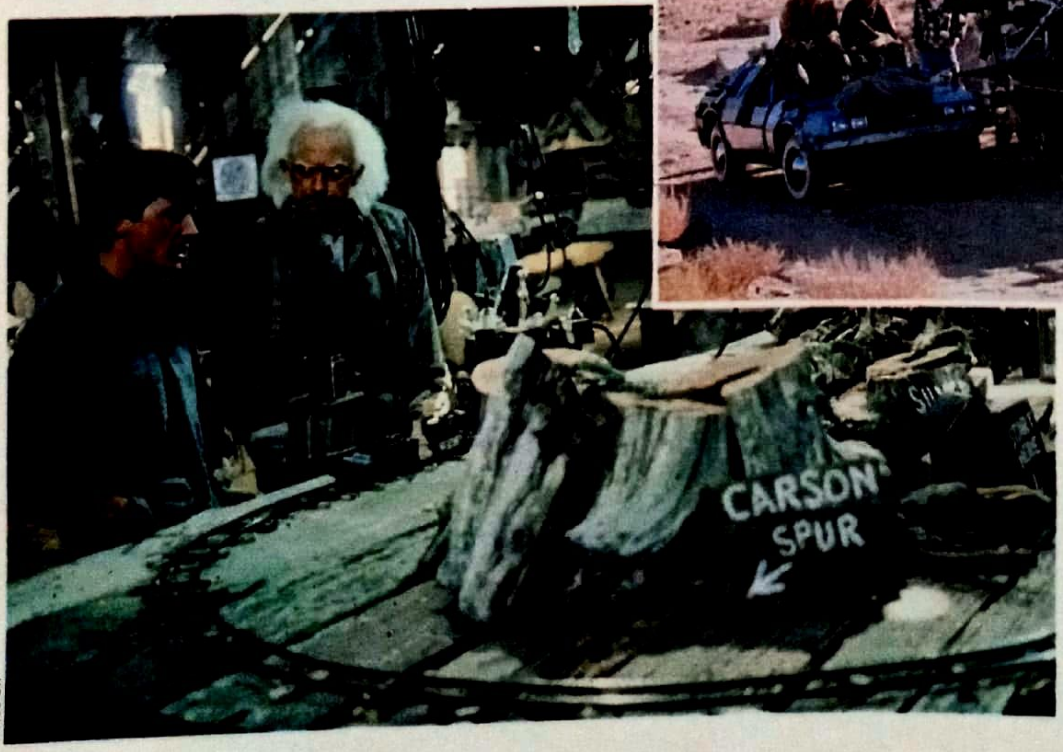
mo por cima.

Mas *De Volta Para o Futuro 3* não é um *western*, é uma fantasia de um *western*, é o gênero travestido e disfarçado para cair melhor no paladar de executivos e platéias de hoje. Por isso, ele tem direito a algumas graças salvadoras — e a principal delas é o carinho cínico com que não leva a sério nem a si mesmo nem ao gênero. Desafiado para um duelo, no melhor estilo *Matar ou Morrer*, Marty/Fox debate consigo mesmo durante dias sobre a necessidade ou não de gastar balas e, possivelmente, vidas (a sua, é claro) com um "idiota completo" como "Mad Dog" Tannen (Tom Wilson, mais uma vez grotescamente esplêndido). Vestido como uma paródia de caubói — camisa rosa, franjada e bordada com átomos dançantes —, Marty dispara seu Delorean rumo ao passado, através do painel de um drive-in, decorado com índios em tropel, só para aterrissar no meio de um tropel de índios de verdade, em pleno deserto de Sonora, no coração de uma paisagem filmada dezenas de vezes por John Ford. E, quando, enfim, ele entra no vilarejo que um dia será Hill Valley, apenas um nome lhe ocorre para sua nova identidade: Clint Eastwood (nome que os locais acham sumamente hilariante, é claro).

A outra graça salvadora que suspende *De Volta 3* acima das tentativas de "ser um *western*" é o engenho e graça com que incorpora a ciência ao universo pré-civilizado, pré-industrial e pré-tudo do Velho Oeste. A ciência, na fantasia de Zemeckis e Gale, é um grande sonho romântico — o sonho de Júlio Verne, o visionário que também imaginou o futuro sem ter outros instrumentos, além de sua própria inteligência, para navegá-lo. O amor à capacidade libertadora — isto é, imaginativa — da ciência, e a Verne, que a personifica, é o que une Doc à professorinha Clara Clayton (Mary Steenburger, ótima) — pontos extras a Zemeckis e Gale, por colocar uma mulher como o veículo essencial para a condução da narrativa. Apaixonados um pelo outro — e, juntos, pelo poder libertador da ciência —, Doc e Clara flertam primeiro com a capacidade submissora do amor — ele quase se deixa ficar para sempre no passado — e, enfim, deixam-se levar pelas asas da imaginação científica. A locomotiva, imensa, poderosa e veloz, ao mesmo tempo mais pesada e mais leve que o ar e que o tempo, como nos cálculos dos grandes visionários do *fin-de-siècle*, é o ícone do encontro e da paixão dos dois. De arma colonizadora e dominadora do Velho Oeste a nave dos sonhos futuros, a locomotiva é o grande achado narrativo do filme, e a encarnação de seus melhores momentos e intenções.

por Ana Maria Bahiana, de Los Angeles

Back to The Future III, EUA, 1990 ■ DIREÇÃO: Robert Zemeckis ■ Com Michael J. Fox, Christopher Lloyd, Mary Steenburgen, Thomas F. Wilson, Lea Thompson, Elisabeth Shue ■ ROTEIRO: Bob Gale, a partir da história de Robert Zemeckis e Bob Gale ■ FOTOGRAFIA: Dean Cundey ■ MÚSICA: Alan Silvestri ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Rick Carter ■ MONTAGEM: Arthur Schmidt e Harry Keramidas ■ PRODUÇÃO: Bob Gale e Neil Canton ■ DURAÇÃO: 123 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: UIP



Fotos UIP

Como um cientista louco em seu habitat, Doc (Lloyd) discute com Marty (Fox) as possibilidades de se voltar ao futuro (ao lado). Acima, Zemeckis e equipe filmam.

Videocassete de Alta Qualidade Sistema Dual PAL-M/NTSC

HV-BR77

Video HQ VHS, o desempenho supremo

Super FX 4-HEAD e Programação horária na tela

MADE IN JAPAN

GARANTIA DE 1 ANO

O AIWA HV-BR77 com o Super Sistema FX 4-head exibe imagens mais nítidas e bonitas em câmara lenta variável de 1/6—1/30, e também captura cada exato momento em imagens congeladas durante a reprodução de quadro a quadro. Além disso, possui um timer com programação na tela para maior conveniência. Estes e outros avanços contribuem ainda mais para o que há de mais moderno em matéria de rendimento de vídeo.

Mecanismo PAL-M de circuito real

- Configuração de 4 cabeças
- Display na tela
- Sistema HQ
- Funcionamento totalmente automático
- Gravação instantânea
- Avanço de quadro/câmara lenta/imagem congelada sem interferências (SP/LP/EP)
- Sintonizador-sintetizador de freqüência
- Programação para 6 eventos/14 dias
- Contador de fita digital

À venda na Zona Franca de Manaus

SERVIÇO DE GARANTIA

VIDEOMARTE ASSISTÊNCIA TÉCNICA LTDA. - Av. Marechal Henrique Lott, nº 120, Loja 103, Barra Shopping, Barra da Tijuca, Tel.: (021)325-1481, CEP 22600, Rio de Janeiro - RJ.
ELETRÔNICA PAL-M LTDA. (TECNOVIDEO) - Rua do Sumidouro, nº 305, Tel.: (011) 815-9144 , CEP 04528, São Paulo - SP.
VIDEOMATIC COMERCIAL ELETRÔNICA LTDA. - Rua General Polidoro, nº 177, Tel.: (021)295-3849, CEP 22280, Rio de Janeiro - RJ.
VIDEOTEC COMÉRCIO - C/REPRESENTAÇÃO, IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO LTDA. - SCRN, 704/705, Bl. H, Loja 9, Tel.: (061)274-9805, CEP 70000, Brasília - DF.
VIDEOTRON - Getúlio Araújo de Miranda - Rua Mundurucus, nº 114, Centro, Tel.:(092)233-2633, CEP 69003, Manaus - AM.
VIDEO CHECK SISTEMA ELETRÔNICO - Travessa 14 de Abril, nº 1.674, São Brás, CEP 66030, Belém - PA.
ELETRÔNICA HIGHTEC S/C LTDA. - Rua Pandia Calogeras, nº 139, Jardim Shangri-La, Zona A, CEP 86070, Londrina - PR.

Digital Audio & Video

AIWA®

Fantasia multicolorida sobre a ascensão social

JOE CONTRA O VULCÃO

de John Patrick Shanley, com Tom Hanks, Meg Ryan...

Joe Banks (Tom Hanks) padece no inferno engravatado de um emprego horroroso. As primeiras seqüências mostram-no pálido, caminhando para o escritório como quem caminha para a forca. Entregou sua alma ao patrão-carrasco Waturi (Dan Hedaya). No médico (Robert Stack), a surpresa: o hipocondríaco Joe está com uma moléstia terminal! Restam-lhe poucos meses de vida. Antes de mais nada, ele manda às favas seu cargo, diante do *boss* perplexo. E até adquire coragem para convidar sua coleguinha (Meg Ryan, que interpreta outros papéis) para jantar. Paradoxalmente, a morte resgata sua bravura desativada e a alegria esquecida debaixo de soturnas luzes fluorescentes.

Um industrial (Lloyd Bridges) faz uma proposta irrecusável para quem está com o pé na cova: pular heroicamente num vulcão para apaziguá-lo, contentando supersticiosos nativos tropicais. Em troca, o milionário joga todos os seus cartões de crédito em sua mão. Pode comprar tudo que desejar e "viver como um rei, morrer como um homem". Joe, revitalizado pela morte próxima e pelo dinheiro, aproveita: vive como milionário e zarpa num iate luxuoso com a filha (Meg Ryan) do novo chefe para a Polinésia, na tal ilha onde vivem os esquisitos waponis, um povo resultante da miscigenação de celtas, hebreus, latinos etc.

Escrito e dirigido por John Patrick Shanley (roteirista de *Five Corners* e Oscar de melhor roteiro pelo tocante *Feitiço da Lua*), o filme tem o toque de Midas de Spielberg na produção executiva. Uma comédia romântico-aventureira que, pelo humor mordaz (bem encarnado por Hanks), soará um pouco esquisita para o gosto médio. Destacam-se o doido "visual" (Bo Welch, de *Beetlejuice* e *Garotos Perdidos*, é o desenhista de produção), que passa do cinzento soturno do escritório às cores quentes, acompanhando o estado de espírito de Joe, com constelações, sóis e mares deslavadamente artificiais, e a trilha sonora, que inclui "Mas que Nada", de Jorge Ben.

Antonio Querino Neto

Joe Versus The Volcano, EUA, 1990 ■ DIREÇÃO: John Patrick Shanley ■ Com Tom Hanks, Meg Ryan, Lloyd Bridges, Robert Stack, Abe Vigoda, Dan Hedaya, Barry McGovern ■ ROTEIRO: John Patrick Shanley ■ FOTOGRAFIA: Stephen Goldblatt ■ MÚSICA: Georges Delerue ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Bo Welch ■ MONTAGEM: Richard Halsey ■ PRODUÇÃO: Teri Schawrtz ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner

Hanks e Meg em meio aos waponis, na Polinésia: vida milionária

Um Richard Gere engraçado, ao lado da linda "vadia", Julia Roberts

Warner

UMA LINDA MULHER

com Richard Gere

Uma prostituta como personagem principal de um filme dos Estúdios Disney é quase tão inesperado quanto Richard Gere fazendo comédia. Mas é basicamente esse o núcleo de *Uma Linda Mulher*, e, a julgar pelos mais de 100 milhões de dólares arrecadados pelo filme nas bilheterias americanas, essa fórmula improvável deu certo.

Como o superexecutivo que se associa por tempo limitado à "vadia" vivida por Julia Roberts, Gere exibe um lado satírico até agora não explorado em nenhum outro trabalho seu na tela. Não chega a ser um mergulho na comédia desbragada, mas injeta vida nova numa carreira que tinha estagnado no início da década passada e agora vem sendo revigorada paulatinamente.

Por causa do toque do diretor Garry Marshal, *Uma Linda Mulher* tem um certo ar de filme feito para a televisão (ou seja, não necessariamente arriscado ou provocante como um filme sobre prostitutas poderia vir a ser). Na verdade, *Uma Linda Mulher* seria exatamente o que foi explicado a Gere quando o convidaram a participar: uma mistura de *Wall Street* e *My Fair Lady*.

José Emilio Rondeau

Pretty Woman, EUA, 1990 ■ DIREÇÃO: Garry Marshall ■ Com Richard Gere, Julia Roberts, Ralph Bellamy, Jason Alexander, Laura San Giacomo, Hector Elizondo, Alex Hyde-White ■ ROTEIRO: J. F. Lawton ■ FOTOGRAFIA: Charles Minsky ■ MÚSICA: James Newton Howard ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Albert Brenner ■ MONTAGEM: Priscilla Nedd ■ PRODUÇÃO: Arnon Milchan e Steven Reuther ■ DURAÇÃO: 117 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner

Art Films

A dança-combate, afuncalhada e urbana, no alto do telhado: tiques comerciais

Musical romântico-lúmpen na onda da lambada

NOS TELHADOS DE NOVA YORK

de Robert Wise, com Jason Gedrick, Troy Beyer, Eddie Vélez...

O talentoso Robert Wise (*Amor, Sublime Amor*, 1961; *Punhos de Campeão*, 1949; *A Noviça Rebelde*, 1965) parece estar em vertiginosa decadência. Manipulando um tema já explorado em sua filmografia (gangues juvenis nova-iorquinas), faz de *Nos Telhados de Nova York* uma ineficaz tentativa de difundir (como em *Lambada*) um novo modismo, importado daquele exótico país chamado Brasil: a capoeira, com sua energia e sua cadência *caliente*. Numa região suburbana da megalópole chamada Alphabet City, "T" (Jason Gedrick) "reside" como um pássaro numa caixa-d'água do alto de um arranha-céu abandonado.

Namora a mulata Elana (Troy Beyer), que por sua vez trabalha para Lobo (Eddie Vélez) na comercialização de *crack*. Lobo montou o seu ponto de venda justamente no prédio de T, que é expulso pelo bandido e seus hediondos capangas. Com o apoio do garoto Squeak (Alexis Cruz), T enfrenta Lobo com a ginga marota de uma tal "dança-combate", cultuada numa "casa noturna" chamada Garden of Eden, que não passa de um terreno baldio onde a moçada se diverte. Ficamos sabendo então que ela é inspirada na famosa arte de defesa afro-brasileira que os escravos (presos às correntes) forjaram através de saltos e pontapés fluidos.

A "capoeira" de Wise, afuncalhada e urbana, construída "no ritmo de Manhattan", guarda pouco de suas origens folclóricas e adquire muito dos tiques comerciais dos filmes de arte marcial. Capoeira ou kung-fu, deve fazer pouca diferença para os produtores. John Carrafa, que (ao lado do baiano Jelon Vieira) coreografou esse musical romântico-lúmpen, afirmou que o astro Jason (inexperiente na dança), ao término do filme, já possuía o *timing* para "fazer carreira como dançarino". Difícil concordar com ele. Dave Stewart (do Eurythmics) e Michael Kamen (produtor e arranjador do Pink Floyd), na parte musical, não salvam as más atuações e as coreografias inexpressivas do filme, pálida caricatura dos bons musicais de Wise.

Antonio Querino Neto

Rooftops, EUA, 1989 ■ DIREÇÃO: Robert Wise ■ Com Jason Gedrick, Troy Beyer, Eddie Vélez, Tisha Campbell, Alexis Cruz, Allen Payne ■ ROTEIRO: Terence Brennan, baseado em história de Allan Goldstein e Tony Mark ■ FOTOGRAFIA: Theo Van De Sande ■ MÚSICA: Michael Kamen e David A. Stewart ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Jeannine C. Oppewall ■ MONTAGEM: William Reynolds ■ COREOGRAFIA: John Carrafa ■ PRODUÇÃO: Taylor Hackford e Stuart Benjamin ■ DURAÇÃO: 95 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Art Films

John Huston visto com astúcia e sensibilidade

CORAÇÃO DE CAÇADOR

de Clint Eastwood, com Clint, Marisa Berenson, Jeff Fahey...

Em 1951 John Huston realizou um de seus melhores filmes, *Uma Aventura na África*, estrelado por Humphrey Bogart e Katharine Hepburn. A realização do filme — com locações no Quênia, Rodésia, Congo e Uganda — foi tão atribulada e cheia de lances espetaculares que rendeu dois livros de memórias, um de Kate Hepburn *(Como Fui à África com Huston, Bogart e Bacall e Quase Fiquei Louca)* e outro do roteirista Peter Viertel *(White Hunter, Black Heart)*. Foi com base neste último que Clint Eastwood construiu, com paciência, garra e sensibilidade, seu melhor filme até agora.

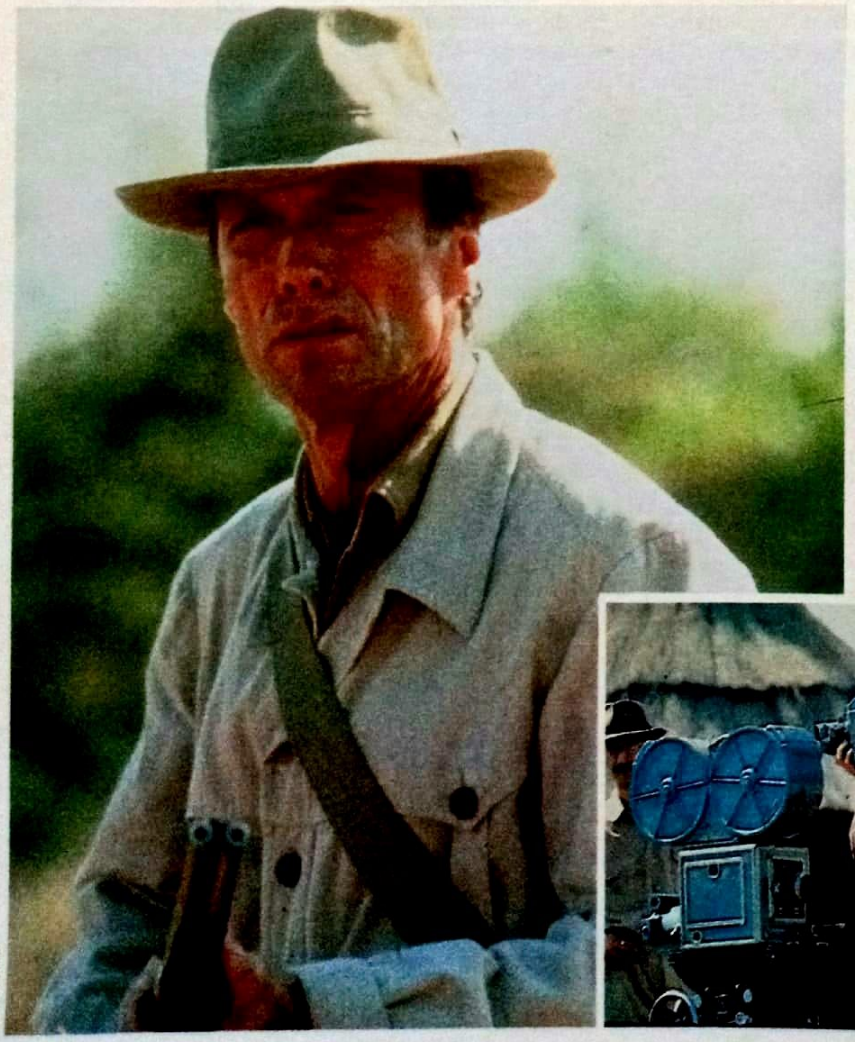
Como no livro de Viertel, os nomes dos personagens reais foram mudados, o que só aumenta o prazer de sua identificação: Huston virou John Wilson, Bogart virou Phil Duncan, o produtor Sam Spiegel virou Paul Landers, e assim por diante. É claro que Eastwood reservou para si o papel do protagonista, Wilson/Huston, transformado por ele numa espécie de paradigma do artista obstinado, independente e amante da vida. Um Hemingway que empunha a câmera em vez da máquina de escrever. Não por acaso, num belo diálogo do filme, Wilson diz que o artista deve buscar a simplicidade, como Hemingway, Tolstoi e Flaubert, tendo sempre em vista aproximar-se dos temas essenciais do homem: medo, impotência, morte...

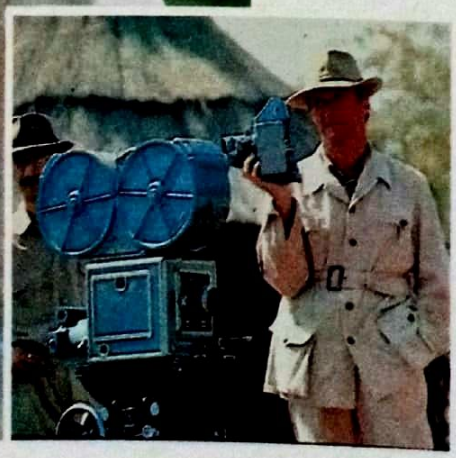
Com simplicidade, mas também com astúcia, Eastwood mostra seu apaixonado e contraditório herói em duas frentes de batalha: numa delas ele enfrenta a vida social e profissional, a relação com produtores, políticos e patrocinadores, o fardo de ser um "homem público"; na outra frente, ele depara, irremediavelmente sozinho, com a natureza selvagem, vista como uma força poderosa e sagrada. Participando dessas duas esferas, como uma ponte entre o social e o animal, aparece a relação com as mulheres, marcante em todos os momentos.

O roteirista Viertel (rebatizado de Pete Verrill) atua como contraponto de Wilson, discutindo com ele, tentando entendê-lo, explicando precariamente sua indomável intuição. Desse contraste de personalidades nasce muito da tensão permanente do filme, conduzido com ritmo e fluência desde as primeiras cenas.

Uma comparação com o filme anterior de Eastwood, *Bird* (1988), é inevitável. Em ambos, acompanha-se a dramática trajetória de um artista independente no sentido mais profundo da palavra (Charlie Parker no primeiro, John Huston no último). Em ambos discute-se a busca desesperada de um equilíbrio entre a paixão e a ética. Mas, se essa comparação mostra um progresso do diretor Eastwood (mais seguro e sutil no segundo filme), ela é desfavorável ao ator Eastwood, que parece pouco natural ao tentar imitar todos os trejeitos e expressões de John Huston, enquanto Forest Whitaker "reinventou" Charlie Parker com um talento espantoso. Mas isso não chega a comprometer *Coração de Caçador*, desde já um dos filmes do ano.

José Geraldo Couto





Como caçador (ao lado) ou como diretor de cinema (no destaque), John Wilson (Eastwood) é um personagem obstinado e amante da vida

Fotos Warner

White Hunter, Black Heart, Austrália, 1990 ■ DIREÇÃO: Clint Eastwood ■ Com Clint Eastwood, Jeff Fahey, George Dzundza, Alun Armstrong, Marisa Berenson, Timothy Spall ■ ROTEIRO: Peter Viertel, James Bridges e Burt Kennedy, baseado no romance de Viertel ■ FOTOGRAFIA: Jack Green ■ MÚSICA: Lennie Niehaus ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: John Graysmark ■ MONTAGEM: Joel Cox ■ PRODUÇÃO: Clint Eastwood ■ DURAÇÃO: 110 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner

Fotos F. J. Lucas

Ao lado, Beverly (Jeremy Irons) conforta o irmão adoentado Elliot (Jeremy Irons). No destaque, Elliot devidamente paramentado para uma incursão ginecológica

Medo de mulher ao quadrado

GÊMEOS – MÓRBIDA SEMELHANÇA

de Cronenberg, com Jeremy Irons, Geneviève Bujold...

O último filme de David Cronenberg é um pesadelo no qual o monstro principal é a sexualidade feminina. Além do corpo da mulher como fonte permanente de temor e curiosidade, *Gêmeos* revela-se uma espécie de almanaque de psicologia, com tudo o que você queria saber sobre esquizofrenia e sadomasoquismo e nunca teve coragem de perguntar. Cronenberg, na verdade, trafega por uma região meio pantanosa do horror, em que o intelecto busca impor-se sobre o grito primal, e se sai bem — apelando para as nossas mais caras aflições infantis.

Elliot e Beverly (ambos vividos magistralmente por Jeremy Irons) são gêmeos univitelinos, ginecologistas famosos, com clínica própria, especializada em fertilidade. Apesar da identidade física, os irmãos têm caracteres opostos: Beverly é vivaldino, charmoso, extrovertido; Elliot recolhe-se em caracol; Beverly funciona como relações-públicas da clínica, sua brilhante imagem social; Elliot é o cérebro, responsável pelas pesquisas avançadas que lhes dão renome. Dividem as mulheres, o apartamento. Unos, só mesmo uma mulher para dividi-los.

Claire Niveau (Geneviève Bujold) é uma atriz estéril que procura a famosa clínica Mantle de fertilidade. Beverly e Elliot descobrem, maravilhados, que ela tem uma rara trompa tríplice. Tal anomalia os atrai irresistivelmente. Primeiro Beverly, depois Elliot, ambos dormem com ela, que se envolve em sessões de sadomasoquismo e comoventes enlaces emotivos sem que suspeite da duplicidade. Depois, descobre a farsa, mas acaba ficando com Elliot.

Claire viaja e Elliot pensa ter descoberto um amante no seu quarto de hotel (era o seu assistente, *gay*). Entra em parafuso, num processo de autodestruição à base de drogas. Aí naufraga a unicidade dos gêmeos e começa a tragédia.

Inspirado numa história real (a dos irmãos Marcus, também ginecologistas), mais descabelada — os irmãos originais também dividiam seus corpos —, Cronenberg conseguiu fazer um filme impressionante. Ao pintar essa tragédia sem par, ele não deixou de imprimir suas cores de mestre do nojo: há instrumentos cirúrgicos desenhados pelo próprio Elliot em um surto psicótico que são um primor de *design* malévolo (as mulheres nunca mais vão encarar os ginecologistas do mesmo jeito depois deles); um pesadelo em que os irmãos, xifópagos, são divididos pelos dentes da mulher. Mas o grande terror nasce mesmo da divisão dos egos irreconciliáveis de Elliot e Beverly, por artes de Claire. Para eles, assim como para Cronenberg, a mulher e seu corpo são forças avassaladoras, indomáveis e ininteligíveis.

Carlos Volpato

Dead Ringers, Canadá, 1988 ■ DIREÇÃO: David Cronenberg ■ Com Jeremy Irons, Geneviève Bujold, Heidi von Palleske, Barbara Gordon, Shirley Douglas ■ ROTEIRO: David Cronenberg e Norman Snider, baseado no livro *Twins*, de Bari Wood e Jack Geasland ■ FOTOGRAFIA: Peter Suschitzky ■ MÚSICA: Howard Shore ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Carol Spier ■ MONTAGEM: Ronald Sanders ■ PRODUÇÃO: David Cronenberg e Marc Boyman ■ DURAÇÃO: 115 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: F. J. LUCAS

Schrader esvazia a aventura da jovem milionária

O SEQÜESTRO DE PATTY HEARST

com Natasha Richardson, Donald DeFreeze...

Quem espera encontrar neste relato cinematográfico sobre o famoso caso Patty Hearst algo que se aproxime das emocionantes crônicas jornalísticas da época poderá sentir-se frustrado. Poderá também sentir-se recompensado pelo tratamento psicológico e formal dado por Paul Schrader *(Mishima: Uma Vida em 4 Tempos)*. Desde o instante em que a jovem Patrícia Hearst (Natasha Richardson, excelente), de 19 anos, herdeira do império Hearst, é seqüestrada pelo Exército Simbionês de Libertação, o filme se preocupa exclusivamente com o pavor sofrido pela jovem milionária. Uma longa seqüência, do ponto de vista do cubículo em que Patty fica encarcerada durante dias, repete exaustivamente as entradas e saídas do líder Cinque (Donald DeFreeze) através de uma porta, num jogo quase estroboscópico de luz e escuridão. O filme, baseado no livro *Every Secret Thing*, de Patty Hearst, mostra que, após um longo cativeiro, os terroristas oferecem a ela a oportunidade de escolher entre a liberdade e a militância junto ao grupo. Patty prefere empunhar armas em favor dos "descamisados".

Paul Schrader leva o espectador à conclusão de que Patty sofreu um tipo indireto de lavagem cerebral: até ela ser apresentada formalmente aos elementos do grupo, o filme é quase que uma completa escuridão, conduzida pelas confusas impressões em *off* de Patty. Ademais, os guerrilheiros sugerem estudantes universitários sonhando em derrubar o capitalismo americano. Eles vivem num ambiente promíscuo, mesclado de maoísmo com resquícios do movimento hippie. A atitude política do pequeno "aparelho" é no mínimo patética. Antes mesmo do conhecido e esperado desenlace, não há como o espectador deixar de formular seu veredito inocentando a "filhinha do papai". Todos sabem o que aconteceu: ela foi condenada em 1975 e teve sua pena comutada em 1979 pelo presidente Jimmy Carter.

Patty sonhou em ser Robin Hood e acabou criando um clima nacional de novela, em que ela apenas foi Cinderela ao avesso. Um enredo fantástico para uma aventura cinematográfica, que Paul Schrader transformou em documentário dramático.

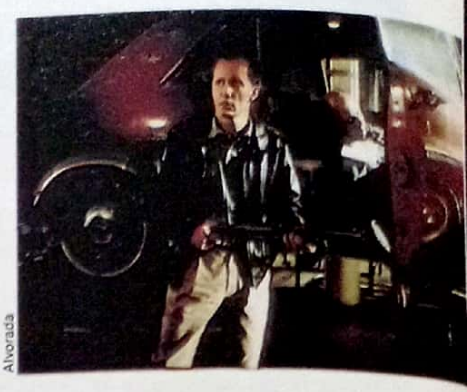
Walter de Silva

Patty Hearst (Natasha Richardson) treina para participar de ações armadas

Alvorada

Patty Hearst, EUA, 1988 ■ DIREÇÃO: Paul Schrader ■ Com Natasha Richardson, William Forsythe, Ving Rhames, Frances Fisher, Jodi Long, Olivia Barash, Dana Delany ■ ROTEIRO: Nicholas Kazan, baseado no livro *Every Secret Thing*, de Patricia Campbell Hearst e Alvin Moscow ■ FOTOGRAFIA: Bojan Bazelli ■ MÚSICA: Scott Johnson ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Jane Musky ■ MONTAGEM: Michael R. Miller ■ PRODUÇÃO: Marvin Worth ■ DURAÇÃO: 104 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Alvorada

O policial Hopkins (James Woods) e uma vítima do assassino que ele quer pegar



Alvorada

UM POLICIAL ACIMA DA LEI

com James Woods

O que há em comum entre esse filme e *Um Tira da Pesada*, *Máquina Mortífera*, *Perigo na Noite*, e *Nico — Acima da Lei*, só para ficar em exemplos recentes? Resposta: em todos eles há um momento em que o tira protagonista é suspenso por seu chefe e obrigado a entregar o distintivo e a arma. Daí para a frente, ele parte para o tudo ou nada contra os bandidos. Dessa vez, o policial acima da lei é Lloyd Hopkins (James Woods), que vira uma fera toda vez que uma jovem é violentada e morta. Ao investigar as ligações entre diversos assassinatos de garotas, ele chega à previsível conclusão de que todos são obra de um mesmo maníaco.

Suspenso pela corporação, abandonado pela mulher (outro clichê mais do que gasto), Hopkins vai à luta sozinho. O único mérito do filme (creditável em grande parte a James Woods) é mostrar que nessa luta o herói torna-se um maníaco tão obsessivo e impiedoso quanto o criminoso que persegue. Desse ponto de vista, até mesmo o final "justiça com as próprias balas" faz sentido. No mau sentido.

José Geraldo Couto

Cop, EUA. 1987 ■ DIREÇÃO: James B. Harris ■ Com James Woods, Lesley Ann Warren, Charles Durning, Charles Haid, Raymond J. Barry, Randi Brooks ■ ROTEIRO: James B. Harris, baseado no romance *Blood on the Moon*, de James Ellroy ■ FOTOGRAFIA: Steve Dubin ■ MÚSICA: Michel Colombier ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Gene Rudolf ■ MONTAGEM: Anthony Spano ■ PRODUÇÃO: Thomas Coleman e Michael Rosenblatt ■ DURAÇÃO: 110 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Alvorada

A seqüência de Hellraiser *é ainda mais alucinante*

RENASCIDO DO INFERNO II

de Tony Randel, com Clare Higgins, Ashley Laurence...

Se Hellraiser — Renascido do Inferno rompeu com a mesmice sanguinolenta vigente no terror, *Hellbound — Renascido do Inferno — Parte II* apenas firma e expande o universo singular de erotismo e vísceras criado pelo escritor inglês Clive Barker.

Em *Hellraiser*, Frank (Sean Chapman) solucionou o enigma do cubo quebra-cabeças Rubik e foi para o inferno, junto às horríveis criaturas cenobitas. Em seguida, reaparece sem pele, pedindo ajuda a Julia (Clare Higgins), sua ex-amante e cunhada. Num pacto diabólico, ela assassina várias pessoas para recompor a epiderme de Frank. Os cenobitas surgem para investigar e espalhar terror. Eles suspeitam de Kirsty (Ashley Laurence), sobrinha de Frank, que tem o cubo quebra-cabeças em seu poder. Kirsty propõe um acordo com os cenobitas, entregando-lhes Frank. Isso acarreta um verdadeiro apocalipse.

Em *Hellbound*, Kirsty está num hospital psiquiátrico para ser tratada, de suposta insanidade, pelo dr. Channard (Kenneth Granham). Como Frank, o doutor tem a mórbida curiosidade de conhecer o inferno. Inocentemente, Kirsty lhe conta que o colchão onde morreu Julia deve ser destruído para que ela não retorne. A garota coloca a "faca e o queijo" na mão de Channard. Numa experiência repulsiva, ele ressuscita Julia sem pele. A escalpelada precisa de corpos vivos para recompor sua cútis. Ainda monstruosa, Julia tem uma certa transa com o doutor. A heroína que deve mandar todos para o inferno é Kirsty.

Se *Hellraiser* é um arrepiante purgatório, *Hellbound* é o próprio inferno. Com um tratamento sadomasoquista, terror e lascividade estão presentes em cada intenção dos personagens. A ida da heroína Kirsty aos labirintos do inferno e a desenfreada corrida que lá se dá lembram de uma forma bizarra *Alice no País das Maravilhas*. Embora Barker não dirija *Hellbound* mas atue como produtor executivo, o filme tem um impacto visual inpressionante. Efeitos especiais e desenho de produção lembram o rico imaginário da antiga revista de quadrinhos fantásticos *Heavy Metal*. Felizmente, o terror já não é mais o mesmo. *Walter de Silva*

Hellbound: Hellraiser II, Inglaterra, 1988 ■ DIREÇÃO: Tony Randel ■ Com Clare Higgins, Ashley Laurence, Ken Cranham, Imogen Boorman, William Hope, Doug Bradley ■ ROTEIRO: Peter Atkins, baseado na história de Clive Barker ■ FOTOGRAFIA: Robin Vidgeon ■ MÚSICA: Christopher Young ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Mike Buchanan ■ MONTAGEM: Richard Marden ■ EFEITOS ESPECIAIS: Graham Longhurst e Bob Harman ■ PRODUÇÃO: Cristopher Figg ■ DURAÇÃO: 93 minutos ■ DISTRIBUIÇÃO: Paris

Fotos Paris

Ao lado, um cenobita é atacado pelo Dr. Channard (Kenneth Graham). Abaixo, uma pretensa cena de amor entre o Dr. Channard e Julia (Clare Higgins)

Aquilo que vem debaixo

O ATAQUE DOS VERMES MALDITOS

de Ron Underwood, com Kevin Bacon...

Vez por outra isso acontece em Hollywood: um filme surge aparentemente do nada e, sem altas pretensões artísticas ou comerciais, cai nas graças de boa parte da crítica e vira *cult* para uma determinada ala do público.

Foi o que ocorreu com *O Ataque dos Vermes Malditos*, filme desenvolvido pela firma produtora chefiada por Gale Anne Hurd, a mesma de *O Exterminador do Futuro* e *O Segredo do Abismo*.

Com a maior pinta de filme B feito para passar na TV na alta madrugada, um roteiro enxutinho e um elenco rigorosamente de segundo escalão, *O Ataque dos Vermes Malditos* tornou-se uma das mais deliciosas surpresas do ano passado nos EUA.

Os tremores sísmicos que dão título ao filme *(Tremors)* são causados por criaturas subterrâneas gigantescas que residem no subsolo de uma cidadezinha no deserto. Essas criaturas — uma espécie de cruzamento de um minhocão com o Alien (outra criação de Gale Anne Hurd) — localizam vítimas potenciais por meio de vibrações na superfície da terra e papam a primeira que der bobeira.

Sim, *O Ataque dos Vermes Malditos* é um barato fugaz que dura somente o tempo do filme, *junk food* em celulóide, mas, enquanto rola, a aventura é daqueles raros prazeres cinematográficos.

José Emilio Rondeau

Tremors, EUA, 1989 ■ DIREÇÃO: Ron Underwood ■ Com Kevin Bacon, Fred Ward, Finn Carter, Michael Gross, Reba McEntire ■ ROTEIRO: S. S. Wilson e Brent Maddock, a partir da história de S. S. Wilson, Brent Maddock e Ron Underwood ■ FOTOGRAFIA: Alexander Gruzynski ■ MÚSICA: Ernest Troost ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Ivo Cristante ■ MONTAGEM: O. Nicholas Brown ■ PRODUÇÃO: Brent Maddock e S. S. Wilson ■ DURAÇÃO: 96 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: UIP

Fotos UIP

Ao lado, os vermes carnívoros que alteram sismógrafos; abaixo, Phil (Dwier Brown) prepara seu massacre

A ÁRVORE DA MALDIÇÃO

de William Friedkin

O que aconteceu com William Friedkin? O diretor que estabeleceu o padrão a partir do qual medimos muitos filme de ação e terror — respectivamente, *Operação França* e *O Exorcista* — parece que tomou uma panelada nas idéias e desaprendeu tudo que sabia a respeito de cinema.

A Árvore da Maldição só não triunfa como comédia porque é, pretensamente, um filme de terror. O que ele provoca na platéia, entretanto, são ataques de risos.

Friedkin garantia ter uma proposta toda intelectualizada a demonstrar com *A Árvore da Maldição* — a história de um casal jovem que por engano acaba contratando uma criatura diabólica para tomar conta de seu bebê recém-nascido. O que ele realizou, no entanto, foi um pseudo-ensaio sobre a forma dos filmes de terror, sem conteúdo algum para consubstanciá-lo.

Pelo contrário, ele tropeça numa clicheria desenfreada que não ajuda em nada esse filme sem história.

José Emilio Rondeau

The Guardian, EUA, 1990 ■ DIREÇÃO: William Friedkin ■ Com Jenny Seagrove, Dwier Brown, Carey Lowell, Brad Hall, Miguel Ferrer ■ ROTEIRO: Stephen Volk, Dan Greenburg e William Friedkin, baseado na história *The Nanny*, de Dan Greenburg ■ FOTOGRAFIA: John A. Alonzo ■ MÚSICA: Jack Hues ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Gregg Fonseca ■ MONTAGEM: Seth Flaum ■ PRODUÇÃO: Joe Wizan ■ DURAÇÃO: 98 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: UIP

Você vai ganhar os tubos com o tv gigante da TVM.

Ninguém resiste ao fantástico visual do televisor de 1 ou 3 tubos da TVM.

Escolha um modelo de 50 a 200 polegadas, e prepare-se para deixar a melhor imagem de sua empresa nos congressos, treinamentos e auditórios.

Para o lazer nos hotéis, videobares ou em casa, o TVM é também uma excelente atração. Tem tela plana ou parabólica, imagem perfeita, som stereo, controle remoto, separação de áudio e entrada para dois videocassetes, para discolaser, tv a cabo, caixas acústicas e microcomputador. TVM de 50 a 200 polegadas.

Escolha o seu e ganhe vantagens tão grandes quanto este televisor.

TVM

O maior televisor do país.

Av. Babita Camargos, 1330 - Tel: (031) 331-1455 - Telex. 392696 - CEP 32200 - Contagem - MG
Show Room - São Paulo - SP - Av. Bandeirantes, 5201 - Tel: (011) 275-3103
Show Room - Belo Horizonte - Av. Bias Fontes, 541-A - Tel: (031) 335-1465

OLHE QUEM ESTÁ DE VOLTA

Fotos Columbia Tri-Star

Depois de sucessivos fracassos nos anos 80, John Travolta, o sex-symbol *dos 70 — que quase ganhou um Oscar por* Os Embalos de Sábado à Noite *— retorna à cena em parceria com um bebê "pensante" com a voz de Bruce Willis, numa comédia despretensiosa que se tornou campeã de bilheteria nos EUA em 1989 e um* hit *estrondoso na Europa, no início deste ano*

O motorista de táxi James Travolta (ao lado) faz barbaridades no trânsito levando Molly (Alley) à maternidade. À esquerda, com Mickey, James vira babá

Columbia Tri-Star

OLHA QUEM ESTÁ FALANDO

A julgar pelo primeiro nome a figurar na tela no início da projeção — John Travolta —, *Olha Quem Está Falando*, de Amy Heckerling (diretora da nova safra americana, que aderiu sem cerimônia ao cinema comercial), tinha um bom motivo para não dar certo. Desde 1978, com o fracasso comercial e as vaias da crítica para *Vivendo Cada Momento (Moment by Moment*, Jane Wagner), Travolta, até então considerado o *sex-symbol* da década (chegou a ser indicado para o Oscar por seu papel como o saltitante Tony Manero em *Os Embalos de Sábado à Noite*), tornara-se um nome descartável, azarento, antônimo de sucesso, e passara do livro de ouro à lista negra dos produtores de Hollywood.

O filme, no entanto, uma deliciosa comédia sobre um bebê cujas opiniões são manifestadas para o espectador pela voz em off do "rato" Bruce Willis, tornou-se o grande recordista de bilheteria do último outono nos EUA — rendeu a soma surpreendente de 12 milhões de dólares nos três primeiros dias de lançamento, 45 milhões duas semanas depois, perfazendo 74 milhões ao final do primeiro mês de exibição. Na Europa, tornou-se um *smash hit*, alcançando o topo da lista dos mais assistidos na Itália, França, Inglaterra, Grécia, Bélgica, Dinamarca, Noruega, Suécia, Holanda, Alemanha Ocidental e até na Hungria, recém-incluída no circuito de filmes ocidentais. Considerando ainda a Austrália, o filme alcançou US$ 55 milhões de ingressos vendidos. Nada mal para uma produção modesta de 8 milhões de dólares, incluindo o salário de US$ 1,75 milhão de Travolta. Ao que tudo indica, os anos de vacas magras do ator estão ficando para trás.

A verdade é que, por adversidade, acaso ou negligência do próprio Travolta, à exceção de *Um Tiro na Noite* (Brian De Palma, 1981), também um fracasso, porém louvado pela imprensa, ele colecionou uma sucessão de maus papéis nos últimos anos, escolhendo filmes errados, diretores errados, em momentos errados. Carismático, dedicado e competente, embora desleixado em relação à sua imagem e sua carreira, nunca decepcionou em suas atuações — seus filmes, com algumas exceções, sempre foram piores que ele.

Um dos principais exemplos dessa trajetória de derrapagens profissionais foi a realização de *Os Embalos de Sábado Continuam*: Travolta aceitou trabalhar sob o comando truculento de Sylvester Stallone, que se esforçou para traduzir na tela a febre das academias de jazz, uma vez que a da discoteca estava pra lá de ultrapassada em 1983, ano de lançamento da fita. O resultado correspondeu ao toque de chumbo de Stallone — John, convertido pelo diretor à musculação, tornou-se o bailarino mais parecido com lutador de boxe que o cinema já conheceu.

Já bem distante dos tempos de ascensão, quando interpretara o estudante sacana que prepara um banho de sangue de porco para a "estranha" *Carrie*, de Brian De Palma (1976) e o comovente adolescente desprovido de imunidade em *O Garoto na Bolha de Plástico* (Randal Kleiser, 1976), John se deixou levar pela inércia de seu próprio êxito, que acabou por empurrá-lo para o declínio. Mal-acostumado com a idolatria doente em torno de seu nome na época de *Grease. Nos Tempos da Brilhantina* (Randal Kleiser, 1978), habituou-se à falsa idéia de que a "marca" Travolta era garantia de gordas bilheterias. Recentemente, mesmo escaldado pelos sucessivos malogros de *Cowboy do Asfalto* (James Bridges, 1980), *Embalo a Dois* (John Herzfeld, 1983) e *Perfeição* (James Bridges, 1985), chegou ao cúmulo do engano ao rodar *Os Espertinhos* (Dave Thomas, 1988), comédia tão ruim que quase foi banida da apresentação em salas de cinema, indo instantaneamente para as prateleiras de videolocadoras.

ESTOURO — Com esse currículo de equívocos, o que se poderia esperar, dentro ou fora de Hollywood, de seu novo trabalho? Apenas "mais um filme do Travolta", com todo o estigma que essa "marca", paradoxalmente, passou a lhe dar direito.

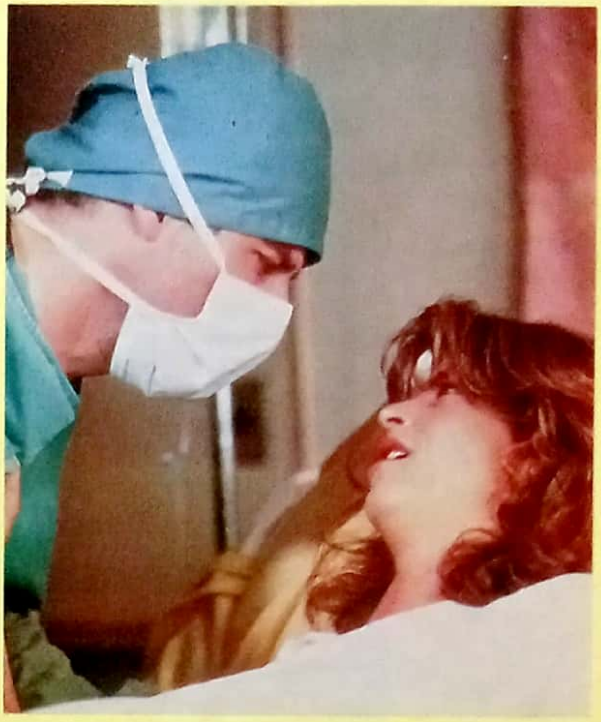
A durona Molly (Kirstie Alley, abaixo), acaba cedendo ao charme do motorista bobalhão que quer ser pai (ao lado)

Fotos Columbia Tri-Star

Seus parceiros de cena também não são exatamente chamarizes de público. Kirstie Alley é mais conhecida por ter substituído Shelley Long no seriado *Cheers*, da TV americana, do que por qualquer outra atuação marcante no cinema. E George Segal, que completa o triângulo adulto da história, há muito deixou de ser um galã promissor. A favor da fita, no entanto, havia a criança, na realidade quatro bebês (Jason Schaller, Jaryd Waterhouse, Jacob Haines e Christopher Aydon) contratados para o papel de Mickey, o foco central da narrativa.

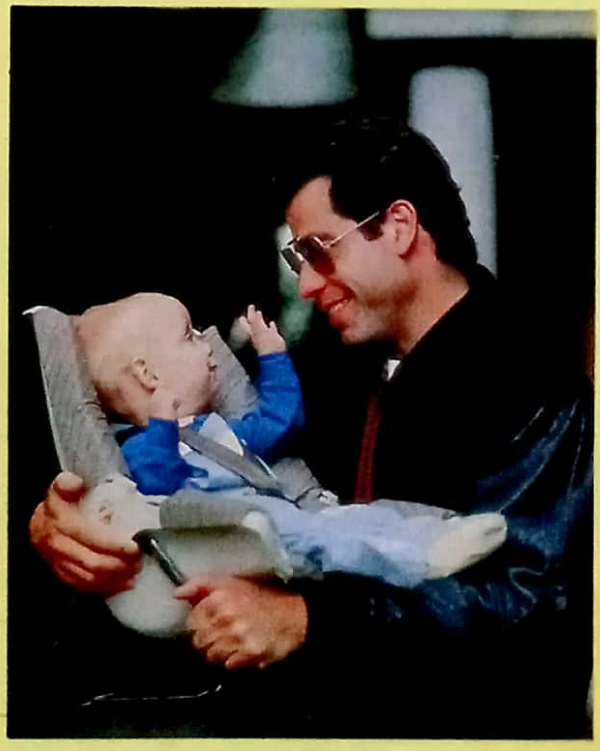
Há tempos os produtores de Hollywood sabem que nessa era em que a Aids afronta a todos, e os papéis tradicionais reservados ao homem e à mulher sofreram uma dissolução social, nenês se tornaram ícones de agregação familiar e do retorno a valores culturais mais conservadores. Não é mero acaso que nos últimos dois anos tenha ocorrido um *baby boom* no cinema americano (veja box), detonado a partir da comédia francesa *Trois Hommes et un Coffin*, de Coline Serreau (1985), cuja versão americana (*Três Solteirões e um Bebê*, de Leonard Nimoy) revelou-se um estrondoso sucesso.

Apesar do ingrediente atrativo — o bebê —, a crítica, no entanto, ignorou a fita. Mas não por muito tempo. Na realidade, não tardou a rever sua posição, tratando de encontrar rapidamente uma explicação para o estouro de bilheteria do filme. Mickey, como era de se supor, recebeu por alguns críticos todas as loas pelo êxito da fita. Esperto, engraçado, jamais cínico, ele é reconhecido pelo público na voz de Willis, pela primeira vez, como o espermatozóide que nada na trompa de Falópio numa corrida, entre muitos candidatos à fecundação de um óvulo solitário, ao ritmo de *I Get Around*, dos Beach Boys. Através de efeitos especiais simples mas eficazes, a cena poderia ser uma continuação singela do sarcástico episódio de *Tudo o Que Você Sempre Quis Saber Sobre Sexo e Tinha Medo de Perguntar*, em que Woody Allen faz justamente o papel de um espermatozóide prestes a ser lançado no útero, quando seu "dono" entra em ação.



Olympia Dukakis (acima) e Abe Vigoda (ao lado, com Travolta) fazem papéis de avós pouco ortodoxos

James (Travolta) faz as vezes de pai na maternidade (acima), tornando-se companheiro inseparável de Mickey (abaixo)



O pai, aqui, é Albert (George Segal), amante (casado) da contadora Molly (Alley), uma mulher que já passou dos trinta e espera desiludida pelo dia em que ele abandonará a esposa hipocondríaca para casar-se com ela. Embora a gravidez estivesse fora de seus planos, Molly, ao descobrir-se gestante, opta por ter o filho, confiando ainda nas promessas de Albert, que na primeira oportunidade se mostra um garanhão inescrupuloso, trocando-a por sua nova decoradora.

BOBALHÃO AMÁVEL — Mickey, portanto, nasce sem a assistência do pai, ou pelo menos sem o verdadeiro, pois, por artes do

destino, torna-se o encanto do chofer de táxi que leva sua mãe ao hospital. Trata-se de James (Travolta), um motorista um tanto atrapalhado mas afetivo e atencioso, que, de tanta insistência, se torna babá do bebê e um pretendente em potencial para Molly. Com 84 quilos, dez a mais que seu peso normal (que tenta recuperar com a ajuda de um treinador pessoal, Brad) e uma protuberância nada discreta abaixo do peito, que não consegue esconder sob camisas em tons escuros, Travolta apresenta, aos 35 anos, um *physique du rôle* mais que adequado para James. Em determinado momento, dançando, ele chega a gozar seu mais famoso personagem, o de *Os Embalos de Sábado à Noite*. O tipo bobalhão amável de 1m83 que encarna faz dele um companheiro adorável para Mickey, com quem se entende melhor do que com Molly. A certa altura ela lhe diz: "Você é uma criança grande", do que ele não pode discordar. Afinal, suas "conversas" com o moleque têm a safadeza ingênua de que são capazes as crianças travessas — como quando Mickey fixa os olhos nas mamas volumosas de uma mulher, e James lhe pergunta: "Você está pensando no que eu estou pensando?", a voz de Willis responde: "Sim, almoço!"

Essa cumplicidade matreira é a chave do filme. A história é rasa, sem comprometimento, mas dirigida com habilidade e dose certa de autogozação, o que torna difícil não se render a seu charme sutil. Mickey, certamente, não é o único responsável pelo sucesso de *Olha Quem Está Falando*. Mesmo porque ele não se mantém em primeiro plano o tempo todo (os desencontros de James e Molly também são bastante engraçados). De resto, se assim fosse, a diretora Amy Heckerling *(Picardias Estudantis, Johnny, o Gângster)* esgotaria a comicidade de um bebê pensante. Mas é Mickey, sim, enquanto parceiro de James, que oferece a empatia espontânea que faz o público torcer por um final feliz. Os dois formam uma dupla imbatível, tão astuta e bem intencionada que nem Albert, com sua mesquinharia, nem Molly, com seu ar durão e voz de contralto, poderão fazer-lhes oposição. Albert, é claro, tende a ser afugentado da aura quase celeste que contorna a relação paternal entre James e Mickey. Molly, a princípio hesitante, acaba ficando irremediavelmente atraída pelo motorista.

AMANTE CONVICTO — A afinidade entre James e Mickey não se restringiu à tela. Travolta sempre afirmou ter uma aptidão especial para crianças e parece ter sido o mais atento da equipe quanto ao que se exigia delas durante as filmagens. Pelo menos no *set*, o ator realizou a vontade de ter muitos filhos, um desejo que ele revelou em entrevista à revista *Premiere* americana de março passado e que continua sem perspectivas de realização. John faz o tipo solteirão convicto e enfrenta por isso as fofocas que periodicamente assolam sua sexualidade. No começo da carreira, foi chamado

UIP

Sipa-Press

As delícias e tormentos da paternidade em O Tiro Não Saiu Pela Culatra *(acima) e* Trois Hommes et un Coffin *(à direita)*

O BOOM DO "FILME-BEBÊ"

Em 1986, o recorde de bilheteria nos cinemas da França em duas décadas — Trois Hommes et un Coffin *— não tinha os ingredientes tradicionalmente atrativos, isto é, violência e sexo. Era uma comédia contando as trapalhadas de três solteirões às voltas com um bebê (filho de um deles) no apartamento que dividem. Um ano depois, a roteirista e diretora do filme, Coline Serreau, foi convidada pelos Estúdios Disney para refilmar uma versão americana da mesma história, mas a cineasta não se adaptou ao ritmo das filmagens em Hollywood e foi substituída por Leonard Nimoy (o veterano dr. Spock de* Jornada nas Estrelas*). A cópia resultou melhor que o original. A afetação feminista de* Trois Hommes *desapareceu em* Three Men and a Baby*, lançado em 1987. A fita foi tão bem recebida pelo público e crítica que os produtores viram nela a abertura de um novo filão para o cinema americano: o "filme-bebê", geralmente uma comédia terna tendo uma ou mais crianças no centro da trama, que reflete sobre as delícias e tormentos da paternidade.*

Sem contar Arizona Nunca Mais (Raising Arizona, *1987), em que aparece como pretexto para uma história de humor negro desbragada, o bebê sempre figura como ente quase sagrado, mediador de acordos entre partes conflitantes, purificador das pequenas vilezas adultas ou catalisador do amadurecimento de seus pais (que na maioria das vezes se vêem em palpos de aranha para cuidar dele). Trata-se, enfim, de um símbolo do neoconservadorismo antiaborto da era Reagan-Bush, numa época em que a desagregação familiar e a ameaça de morte pela AIDS assumiram proporções assustadoras. A fórmula de* Três Solteirões e um Bebê *corresponde a tudo o que vai contra isso, além de ser fácil e eficiente. Ser solteiro não significa falta de responsabilidade familiar, diz-nos Serreau. Ademais, quando se tem um bebê róseo e três bonitões bem-sucedidos, o que*

de edipiano por se apaixonar por uma mulher 18 anos mais velha — a atriz Diana Hyland, que interpretava o papel de sua mãe no filme *O Garoto na Bolha de Plástico*. Depois da morte dela (ele tinha 23 anos), desiludido, teria se tornado um amante inveterado: Donna Pescow, Carly Simon, Amy Irving, Olivia Newton-John e Debra Winger fazem parte do rol de suas amigas íntimas ou ex-namoradas. Mais recentemente, o jornal tablóide *National Enquirer*, especializado em *gossips* sobre estrelas, publicou entrevista com o ator de filmes pornográficos Paul Barresi em que ele afirma ter sido amante de Travolta durante dois anos. À pergunta freqüente que tem sido feita a ele — "Você é gay?" —, ele responde indefectivelmente: "Não", sem se sentir ofendido, por achar natural que um astro que mantém bem guardada sua vida particular seja interrogado sobre suas preferências sexuais.

A despeito de fofocas, John não está interessado em restau-

Fotos Columbia Tri-Star

Travolta tira sarro de seus personagens antigos ao dançar com Mickey (acima). Ao lado, o menino, já crescido, quer James como pai

mais é necessário para levar o considerável contingente feminino da população americana ao cinema?

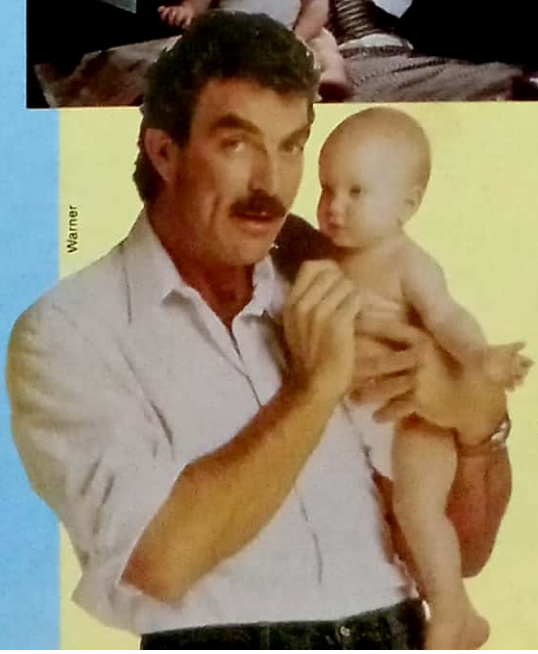
Afinal, nada é mais divertido, para as mulheres, do que ver três marmanjos cheios de dedos para cuidar de um boneco delicado, que chora e faz xixi, tarefa que também se tornou difícil para as mulheres dos anos 80. É o caso da executiva yuppie *interpretada por Diane Keaton em* Presente de Grego (Baby Boom, *Charles Shyer, 1987). Sua vida, como a dos mancebos de* Três Solteirões, *muda radicalmente quando ela "herda" um bebê. O* punch *do filme são os problemas da maternidade "moderna", um tema que voltou às telas em 1988 com* Ela Vai Ter um Bebê (She's Having a Baby, *John Hughes, 1988). Desta vez, porém, o humor ganha tonalidades mais dramáticas, e o ponto de vista da narrativa não é exclusivamente de um homem ou de uma mulher, mas sim de um jovem casal.*

As agruras e compensações da paternidade são multiplicadas novamente em uma comédia do ano passado — O Tiro que Não Saiu pela Culatra (Parenthood, *Ron Howard). Aqui, um grande elenco vive uma história recheada de pequenas anedotas cotidianas: Jason Robards é o velho pai, Steve Martin, Dianne Wiest, Tom Hulse e Harley Kozak, seus filhos, Rick Moranis, um genro, e há uma petizada da pá virada, incluindo crianças de colo e adolescentes problemáticos.*

A mais recente produção revalorizando a paternidade — e posicionando-se mais claramente contra o aborto — é Quase uma Família (Immediate Family, *Jonathan Kaplan, 1989), lançado no Brasil em maio. Nela, mostra-se que os problemas econômicos podem ser contornados em favor do nascimento. A falta de um pai também pode ser resolvida, e este é o* plot *de* Olha Quem Está Falando. *John Travolta, não satisfeito com sua participação neste "filme-bebê", encabeça o elenco de mais dois inéditos: a continuação de* Olhe (Look Who's Talking Too), *e* The Tender, *que trata da relação de um homem com sua filha.*

M. N.

UIP



Warner

Uma yuppie (Diane Keaton, acima) e um solteirão (Tom Selleck, à esquerda) enfrentam problemas com bebês em Presente de Grego *e* Três Solteirões *e um* Bebê.

rar a imagem de *macho* latino (ele é o caçula de uma família ítalo-irlandesa) que Hollywood tentou fazer dele no começo de sua carreira, quando acabara de ser descoberto pelos produtores no seriado de TV *Welcome Back, Kotter*. Seu personagem em *Olhe Quem Está Falando* ainda tem um pouco da rudeza do líder de gangues Vinnie Barbarino, do seriado, e de Tony Manero, o impetuoso bailarino do Brooklyn de *Os Embalos*, mas não é um estereótipo. À vontade num papel que ele considera o mais parecido consigo de toda a carreira, Travolta revela em James sua veia cômica, até aqui desconhecida do público.

As perspectivas profissionais também mudaram: John Travolta tem grandes expectativas depositadas em seus novos filmes, *Chains of Gold* e *The Tender*. Em *Chains*, ele faz o papel de um proletário, um herói relutante que se envolve com traficantes de *crack* para salvar a vida de um garoto. Em *Tender*, co-produzido por Michael Douglas, ele interpreta um homem cuja relação com a filha se transforma quando eles encontram um cachorro machucado. A originalidade da história é o fato de ser contada do ponto de vista do cão (que obviamente *não* terá a voz de Bruce Willis).

ESTÚDIO PRÓPRIO — Há ainda, seqüências em andamento, como *Look Who's Talking Too*, com o mesmo elenco (incluindo Willis com sua voz) e diretor, e *Os Embalos de Sábado à Noite, Parte 3*. Em ambos, John terá Kirstie Alley como *partner*. Segundo a atriz, na continuação de *Olhe Quem Está Falando*, Mickey terá 14 anos: "É claro que agora ele vai falar de verdade", diz Alley. "Não sei exatamente o que vai acontecer, se eles terão um outro bebê... eu não vi o *script*, só sei que John e Bruce assinaram o contrato e eu também."

Chains é o primeiro filme cuidado inteiramente pela M.C.E.G. Productions, a companhia que agora funciona como um miniestúdio para John: cria, financia, produz e distribui filmes de sua escolha, evitando desastres como os que foram provocados por Michael Ovitz, responsável, no passado, por contratos de Travolta. Ovitz o compeliu a aceitar papéis em *Os Embalos de Sábado Continuam, Perfeição* e a rejeitar filmes bem-sucedidos como *A Força do Destino* e *Splash, Uma Sereia em Minha Vida*, que catapultaram as carreiras de Richard Gere e Tom Hanks, respectivamente.

Travolta já não vive como um típico astro hollywoodiano — trocou as praias da Califórnia (vendeu seu rancho em Santa Bárbara em 1988) pelas da Flórida, onde mora próximo a Daytona Beach, com seus cães Taboo e Sinner (Tabu e Pecador). Sua casa é como um hotel: está plantada no meio de um clube de campo, com pista de pouso para seu jatinho Lear (que ele mesmo pilota); para ser atendido no que quiser, basta um telefonema. É o modo de vida que John pediu a Deus e que conquistou, segundo ele, graças à devoção à Cientologia, espécie de religião da qual se tornou adepto desde a adolescência.

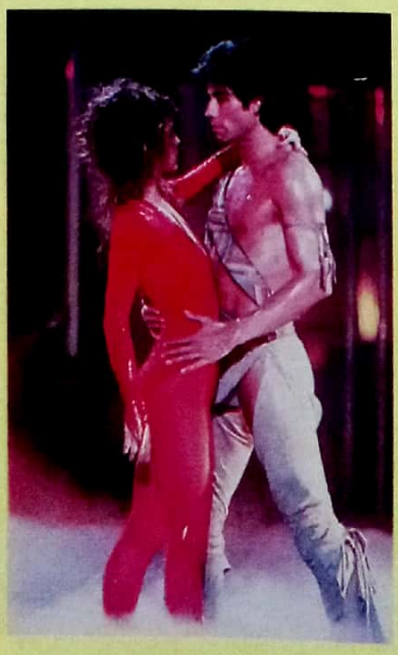
Ao se afastar da badalação, no entanto, John acabou distanciando-se dos produtores, que já não o incluem em suas listas de elenco. "Mas quem precisa delas?", pergunta o ator. Listas de elenco, diz Travolta, são irrelevantes quando você é uma estrela, mesmo se já não faz sucesso há anos. "Pessoas como Barbra Streisand, Stallone ou John Travolta não são atores quaisquer. Um filme ou é feito para eles ou não, pois não há substitutos para eles", diz. Travolta pode estar redondamente enganado quanto à relevância das listas de produtores. Para sua sorte, é bem provável que ele volte a freqüentá-las, depois do sucesso de *Olha Quem Está Falando*. Mas num aspecto tem razão: atores que brilham como John Travolta despencam do topo da fama e retornam à cena com um brilho diferente, refletindo um amadurecimento nítido — não têm substitutos.

Mario Nery

Filpa Press

Christophe L.

John Travolta ascendeu em O Garoto na Bolha de Plástico *(à esquerda), recebeu elogios por* Um Tiro na Noite *(acima), e sucumbiu ao fracasso de* Os Embalos de Sábado Continuam



Christophe L.

Look Who's Talking, EUA, 1989 ■ DIREÇÃO: Amy Heckerling ■ Com John Travolta, Kirstie Alley, Olympia Dukakis, George Segal, Abe Vigoda, Jason Schaller, Jaryd Waterhouse, Jacob Haines, Christopher Aydon ■ ROTEIRO: Amy Heckerling ■ FOTOGRAFIA: Thomas Del Ruth ■ MÚSICA: David Kitay ■ MONTAGEM: Debra Chiate ■ PRODUÇÃO: Jonathan D. Krane ■ DURAÇÃO: 96 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia Tri-Star

A PRODUTORA PORTÁTIL

A GR-60U é sem dúvida a mais versátil videomovie do mercado, com incomparável qualidade de imagem, graças ao seu CCD (dispositivo de carga acoplado) de 360.000 pixels com resolução de mais de 400 linhas. Além das características já pertencentes a toda linha de equipamentos JVC, a GR-60U possui um poderoso zoom de 8X com duas velocidades de aproximação e sensibilidade de até 8 lux; possibilita sobrepor quatro imagens de títulos diferentes em sua gravação ao vivo, grava quadro a quadro, faz edição de áudio e revisão do material a ser editado. Tudo isso, num equipamento compacto com apenas 1,2 Kg, faz da GR-60U uma verdadeira produtora portátil.

videomovie
GR-60U VHS C

À venda na Zona Franca de Manaus

GARANTIA 1 UM ANO

ITALIA'90
O vídeo oficial da Copa do Mundo 1990

JVC®

ASSISTÊNCIA TÉCNICA AUTORIZADA
TECNOVIDEO®
CENTRAL DE ATENDIMENTO: (011)815-9144

ROBIN WILLIAMS

Ele será visto com freqüência nas telas do cinema, vivendo desde um vendedor de automóveis até um psiquiatra. Em todos, sua graça desnorteante

Entrevistar Robin Williams não é tarefa das mais fáceis — mas, para compensar, ninguém morre de tédio também. Williams não dá uma entrevista — na verdade, ele mal conversa com seu interlocutor. Ele faz um espetáculo, dá um show, conta piadas sem parar, imita deus e todo mundo, sobe na mesa, enrola um lenço na cabeça, requebra, afina a voz, engrossa a voz, gagueja, mata o entrevistador de rir. É sua maneira astuta e, de certa forma, gentil, de defender-se, esquivar-se. "Aprendi muito cedo que, se você faz as pessoas rirem, elas tendem a gostar de você", Williams diz, ainda suado, de seu último show, numa suíte de um hotel em São Francisco.

E ele tem feito as pessoas rirem com freqüência ultimamente. Mesmo no meio da guerra do Vietnã — em *Bom Dia, Vietnã* — ou no ambiente sufocante de um rígido colégio interno — em *Sociedade dos Poetas Mortos*. Entre um filme e outro, ele se dedica a sua atividade favorita: comédia ao vivo, quase sempre improvisada, em clubes de Nova York, Los Angeles ou sua cidade adotiva, São Francisco. Ou teatro — onde fez uma longa e aclamada temporada com *Esperando Godot*, de Beckett.

Nascido em Chicago — o pai era vendedor de automóveis, como o personagem de seu novo filme, *Cadillac Man* —, criado em São Francisco, formado em Arte Dramática pela prestigiosa Juilliard, Williams passou para a comédia exatamente para se livrar do "ambiente engomado" da universidade. Seu primeiro papel foi num programa humorístico de TV, "revolucionário" para a época, *Laugh In*. Mas a fama só veio mesmo com o seriado *Mork and Mindy*, em que Robin era Mork, um atrapalhado extraterrestre. A estréia no cinema foi com o papel-título em *Popeye*, de Robert Altman, mas a carreira de Williams na tela só adquiriu velocidade recentemente, após sua participação em *Bom Dia, Vietnã*, que lhe rendeu sua primeira indicação para o Oscar.

Cadillac Man, dirigido pelo australiano Roger Donaldson (*Cocktail, Sem Saída*) é o primeiro filme de uma longa safra que porá Williams na tela com freqüência, entre 1990 e 1991: no final do ano estréia *Awakenings*, dirigido por Penny Marshall (*Big*) e co-estrelado por Robert De Niro, e, no ano que vem, *The Fisher King*, dirigido por Terry Gilliam (*Baron Munchausen, Brazil*) e co-estrelado por Jeff Bridges.

SET — *Você ficou surpreso com sua segunda indicação para o Oscar, este ano, por* Sociedade dos Poetas Mortos?

ROBIN WILLIAMS — Muito. Muito. Fiquei excitado. Eu dançava em volta da casa. Acho que aterrorizei o porteiro do prédio. Eu estava em Nova York, fazendo teatro. Fiquei surpreso, sim. É uma grande honra. 1989 foi um ano incrível para mim.

SET — *E, é claro, pela segunda vez você não converteu a indicação num Oscar. Quais foram seus sentimentos?*

WILLIAMS — Não é fácil ficar sentado lá e ouvir eles lerem o nome de outra pessoa. Você fica com os dentes assim: grrrr... tentando parecer que é um sorriso. Mas eu não tinha ilusões quanto a ganhar. Eu não penso tão grande assim. Eu fui para lá pra me divertir. E me diverti — pelo menos não tive que ver a Branca de Neve cantando, este ano.

SET — *Você sabia que, em muitos países, inclusive no Brasil,* Sociedade dos Poetas Mortos *está sendo discutido em salas de aula?*

WILLIAMS — Eu acho fantástico. Mas é até um pouco estranho saber disso. Na França, na Suécia, na Itália, Inglaterra, Alemanha, em várias partes do mundo, a reação tem sido incrível. E até aqui — já ouvi lixeiros gritando pra mim: "Ei, gostei daquele seu filme da coisa morta, comprei um livro de Walt Whitman por causa do filme, é legal, ele escreve uns troços meio sacanas, hem". E as cartas, eu nunca fui de receber cartas — mas, com esse filme, as pessoas estão me mandando cartas, alguns dizendo que voltaram a escrever poesia, e outros dizendo que mudaram suas vidas, trocaram de profissão e estão em busca de seus sonhos, seus ideais. E ao mesmo tempo tudo o que aconteceu na Europa Oriental, e em Pequim... Era incrível sair do *set* do filme, depois de toda aquela conversa sobre filosofia, sobre liberdade, e ver estudantes de verdade arriscando suas vidas pelas mesmas idéias.

SET — *De professor a vendedor de carros é um pulo considerável. Afinal, como seu próprio personagem diz no filme, vendedores de carros são considerados a escória do universo...*

WILLIAMS — E tem aquela história do vendedor que conseguiu vender um carro de mudança manual para um perneta... Mas o personagem era fascinante. Meu pai era vendedor de automóveis, você sabe... E todo o

Orion

Robin Williams em Cadillac Man, *dirigido por Roger Donaldson: um vendedor de automóveis a 100 km por hora*

elenco era tão interessante, é bom fazer um filme de elenco, de conjunto, gosto disso. *Sociedade dos Poetas Mortos* tinha isso também.

SET — *Roger Donaldson, o diretor, disse que, embora você tenha estudado o texto em detalhe, você improvisou muito também. Você mudou muito o filme?*

WILLIAMS — Acho que era mais dramático antes de eu entrar no projeto. Eu puxei mais para a comédia. E, na hora da edição final, acho que eles optaram decisivamente pela comédia. Nas exibições-teste, o público estava confuso com a mistura de drama e comédia que o filme tinha.

SET — *Você ainda faz comédia ao vivo com assiduidade. Vários atores que vieram do mesmo circuito — como Steve Martin, Bill Murray — recusam-se a isso depois que constroem uma carreira no cinema. Por que você não faz o mesmo?*

WILLIAMS — Porque eu adoro a energia que só o contato com uma platéia dá. Só assim você pode saber o que funciona, o que não funciona. Você tem de sair pelo país afora e descobrir o que é engraçado, o que faz as pessoas rirem. Às vezes isso é um pouco assustador — as pessoas estão ficando conservadoras demais. Você pode tentar mudar isso, fazer as pessoas rirem desses tabus — ou você pode capitular. De todo modo, é estimulante.

SET — *Você traz alguma coisa dessa energia para seus papéis no cinema?*

WILLIAMS — Trago exatamente a energia. Em termos de texto, piadas, muito pouco. Às vezes eu descubro um ou dois ganchos e bordões que funcionam bem demais, e tento incorporar a alguma fala, mas nem sempre funciona. Soa artificial, soa como eu contando piada, e não o personagem falando. Já meu trabalho em cinema me ajudou muito com o trabalho ao vivo. Eu aprendi a me concentrar, relaxar e realmente me transformar num personagem, em vez de simplesmente procurar extrair uma gargalhada atrás da outra.

SET — *E de vendedor de carros, você passará a psiquiatra, em* Awakenings. *Que tal esse trabalho?*

WILLIAMS — Muito difícil, muito árduo, às vezes deprimente. O filme é baseado na autobiografia do dr. Oliver Sacks, no trabalho dele, nos anos 60, com pacientes catatônicos, pacientes com doenças mentais graves. Meu personagem é o dr. Sacks, embora com outro nome, para me dar mais liberdade na composição. Filmamos num hospital psiquiátrico no Brooklyn. "Era muito difícil. Todo dia, vendo o sofrimento dessas pessoas... Essas pessoas estão além da tragédia grega. Não sei como o filme será. Se tudo funcionar direito, pode ser muito bom... Mas, ter visto este drama, ter conhecido essas pessoas já valeu a pena para mim.

por Ana Maria Bahiana, de Los Angeles

SEGUNDO ROUND

Eddie Murphy preferiu a continuação de* 48 Horas *à de* Tira da Pesada. *Ele se diverte no set com um lote inesgotável de piadas

Aboletado na cabeceira da longa mesa no restaurante privado da Paramount, Walter Hill está lentamente degustando uma sopa de legumes e polindo aquele texto que todo mundo já está cansado de ouvir: como ele não queria, de modo algum, fazer uma continuação para *48 Horas*, o filme que virtualmente colocou Eddie Murphy no mapa de Hollywood — e da imaginação do mundo — em 1982. "A história realmente tinha potencial. Quero dizer: os personagens são interessantes, dá para se especular sobre o que aconteceu na vida deles. Mas o primeiro filme fechava-se em si mesmo. E quando é assim, é melhor não mexer, não fazer uma continuação."

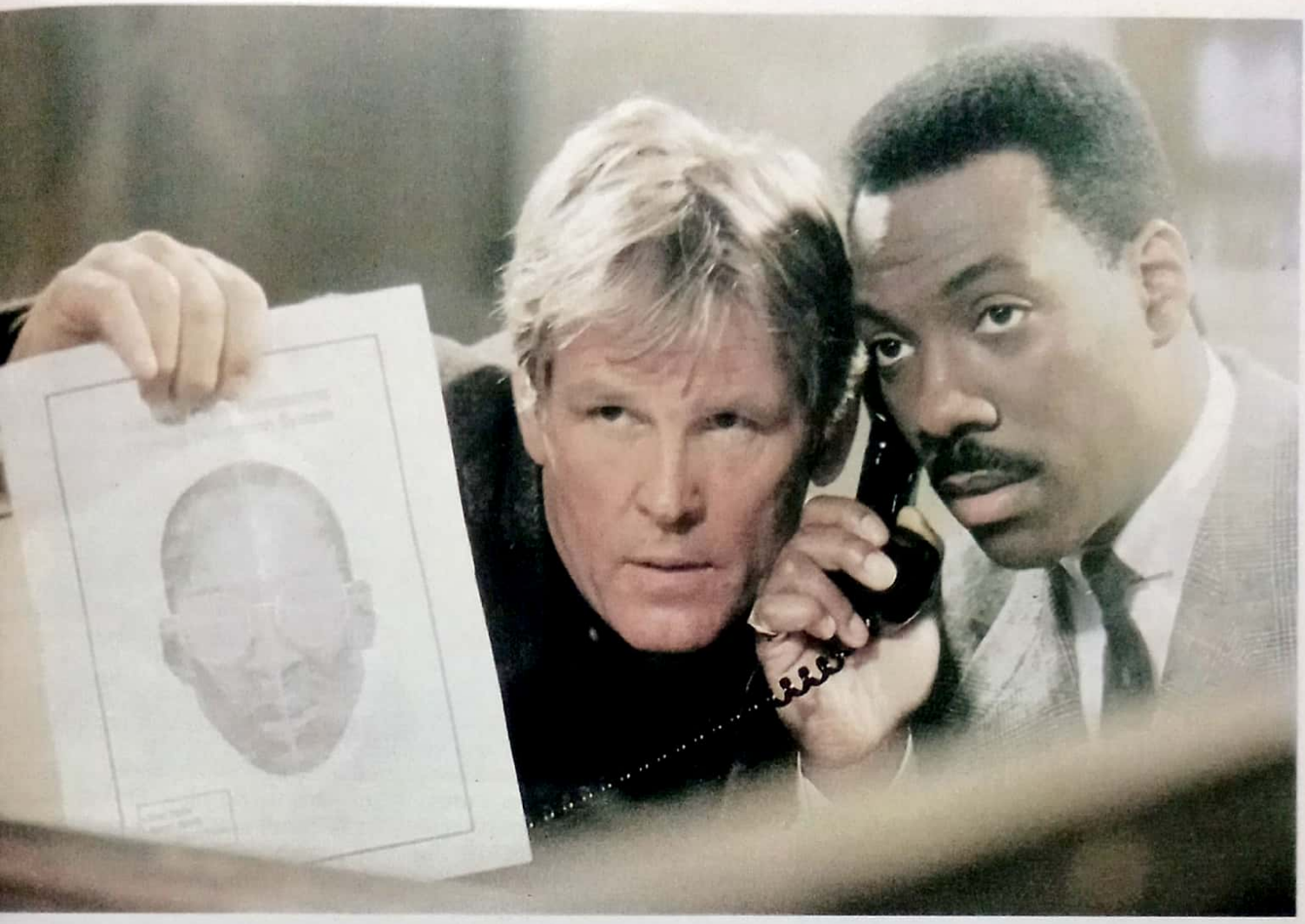
OK, Walter, essa a gente já ouviu — mas como estamos todos aqui exatamente porque você está, neste momento, concluindo as filmagens de *Another 48 Hours* (Outras 48 Horas), é bom você arrumar uma outra explicação além desse negócio de "personagens interessantes". Quando chega o prato principal — risoto de camarão —, Hill, se não abre o jogo, chega perto: "Olha, o que realmente me decidiu foi um telefonema de Eddie" (Murphy, é claro). "Ele me ligou e disse que estavam insistindo para que ele fizesse um novo *Tira da Pesada*. E que ele estava de saco cheio do *Tira da Pesada*. Que, se era para voltar a algum personagem, ele preferia mil vezes voltar ao Relgie de *48 Horas*." Hill poderia ter acrescentado, também, que pouca gente resiste à possibilidade de um orçamento generoso, num filme com um astro quentíssimo vivendo um personagem conhecido. Ou que, em outras palavras, quando Eddie Murphy canta, todo mundo dança, em Hollywood. Mas a gente sabe ler nas entrelinhas.

Uma vez decidido o principal, o resto foi fácil. *Another 48 Hours* reúne Murphy a seu parceiro original, Nick Nolte, numa história escrita (e, dizem as vozes no *set*, reescrita *ad infinitum*) por John Fasano, Jeb Stuart e Larry Gross (Gross vagueia pelo estúdio e oferece-se para "abrir o coração" com os jornalistas visitantes: "Vocês não sabem como sofre um roteirista. Aliás, nem sei se sou um roteirista. Ninguém é roteirista num filme com esses dois" — faz um beiço em direção a Hill e Murphy).

IDÉIA ORIGINAL — A "idéia original" é creditada a Eddie Murphy (mas ele era o autor da "idéia original" de *Um Príncipe em Nova York*, também, antes de Art Buchwald chiar): cinco anos depois dos acontecimentos de *48 Horas*, o policial Jack Cates (Nick Nolte) está em vias de ser expulso da polícia de São Francisco, por conta de condutas altamente irregulares na perseguição de um grande traficante de drogas. Apenas uma pessoa pode ajudá-lo: o recém-libertado Relgie Hammond (Eddie Murphy), é claro. "Está sendo interessante voltar a estes personagens e a estes atores oito anos depois", diz Hill, bebendo seu café. "Nick era muito sério no primeiro filme, agora acho que ele está mais à vontade, se divertindo mais. Já as mudanças em Eddie são impressionantes: ele está muito mais seguro, muito mais maduro, como pessoa e como ator."

Muito mais gordo, também: como que por combinação, Nick e Eddie invadem ruidosamente o restaurante. Nick dá meia dúzia de abraços, bate nas costas de Hill e some. Eddie, já com o terno cinza e a camisa rosa de seu

Fotos UIP



personagem, deixa-se ficar mais um pouco, jogando conversa fora com os jornalistas. "Walter está falando que eu mudei? Ah, mudei sim: olha a minha barriga. É, foi aquela comida gordurosa da prisão..." Ele ri. Seu pai, Charles Murphy, é seu único acompanhante, e Eddie parece à vontade, sem a tensão que tem marcado seus contatos com a imprensa americana. ("Eddie detesta a imprensa americana", confidencia um divulgador da Paramount. "Ele só concordou com essa visita porque era a imprensa estrangeira.")

GARGALHADAS NO SET — No *set*, o clima continua na base do bom humor. A cena é razoavelmente simples: Eddie e Nick devem entrar pela porta de um cenário reproduzindo o *lobby* de um hotel caindo aos pedaços, e correr, com armas em punho, até o extremo direito da cena, onde há uma porta de elevador. Uma extra chinesa entra logo atrás deles, berrando um texto possivelmente em mandarim ("Walter inventou isso hoje", suspira o roteirista). Eddie conferencia com Walter: "Você quer que eu ande ou corra? Já sei — velocidade de branco, mas suingue de crioulo". Um minuto depois, antes que Walter possa gritar "ação", Eddie volta: "Walter, já percebeu que temos todas as raças nesta cena, hoje? Ah não, faltam hispânicos." "Hispânicos são brancos, Eddie", Walter retruca. E a ação é suspensa por cinco minutos para que Walter e Eddie possam discutir etnologia.

Cinco *takes* depois — no último deles Eddie e Nick conseguem se trombar cara a cara, tentando passar ao mesmo tempo pela porta —, Hill tem de mandar parar tudo de novo: ninguém consegue controlar a gargalhada atrás do cenário, onde Eddie está contando piadas para Nick e toda a equipe. "Eddie, cala a boca", grita Walter. "Sim, chefe", ele retruca. "Eddie, este vai ser o sexto *take*." "Sim, chefe." "Eddie, você vai ficar de castigo." "Sim, chefe, vou ficar depois da filmagem escrevendo num quadro negro: não devo atrapalhar o planejamento."

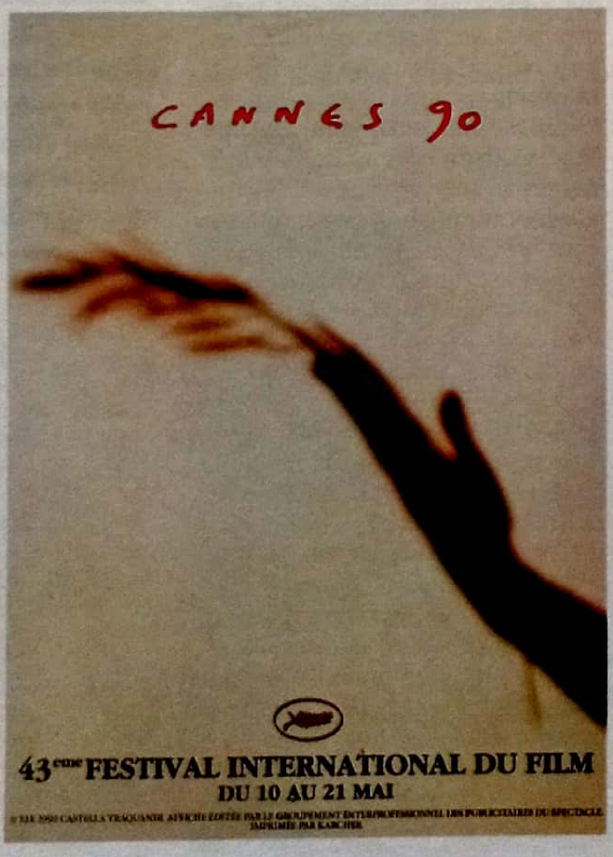
A essa altura é preciso mais fumaça dentro do *hall*/cenário, e Eddie resolve sair de trás dos tapumes para ver se seu pai está confortável no banquinho que lhe arranjaram ao lado do cenário. "Vocês estão reparando que até minha cabeça está maior?", o ator pergunta aos jornalistas. "É, engordei mesmo." O que é que ele acha de voltar a receber ordens após ter sido ele mesmo o dono da bola em *Os Donos da Noite*? "Ah, eu acho bom. Dirigir dá muita dor de cabeça. Acho que não é pra mim, não. E, depois, Walter é moleza. Ele está só assim bancando o mandão porque vocês estão aqui, hoje." De novo, na hora H, Hill chama por Murphy aos berros — "Eddie, volta para a porta". Já era o oitavo *take* da mesma cena quando saímos do estúdio. Do lado de fora ainda dá para ouvir as sonoras gargalhadas de Nick Nolte, enquanto Eddie Murphy inicia mais um *round* de piadas.

por Ana Maria Bahiana, de Los Angeles

Murphy e Nick Nolte, como Relgie Hammond e Jack Cates, respectivamente: policial e bandido numa aliança inquebrantável (acima e na página oposta)

CONVITE AO SONHO

O 43º Festival de Cannes foi uma festa européia entre os sonhos de Kurosawa na abertura e o pesadelo de Lynch no encerramento



Na abertura do Festival, um filme igual ao que todo espectador sonha encontrar na tela cada vez que entra num cinema: *Yume o mita* (*Sonhos*), de Akira Kurosawa, uma adaptação cinematográfica (o diretor diz, assim, que seu filme é "uma transposição para o cinema de uma obra originalmente feita em seus sonhos") de oito sonhos sonhados em diferentes momentos de sua vida. Dois quando ainda era uma criança: num, ele desobedece a mãe e sai de casa num dia de sol e chuva para ver o casamento das raposas; noutro, ele se encontra com os espíritos dos pessegueiros derrubados por seu pai. Dois outros quando, já adulto, estudante de desenho, sonhava tornar-se um pintor: num campo de trigo ele conversa com Van Gogh (que lhe diz: "É preciso trabalhar como uma locomotiva"); numa montanha enfrenta uma tempestade de neve que parece não ter fim. Um, sonhado depois da guerra, quando ele, que não serviu o Exército, via os mortos de Hiroshima e Nagasaki: na boca de um túnel encontra um cachorro que o ameaça e, logo, uma companhia de soldados mortos que querem continuar lutando. Os outros três expressam o seu encanto pela natureza e o medo de que tudo se acabe: o monte Fuji se desmancha numa explosão atômica; numa paisagem deserta depois de uma explosão atômica ele se encontra com demônios que choram de dor em seus chifres; numa aldeia de moinhos de água ele participa da "festa dos homens que não esqueceram de que fazem parte da natureza". Oito sonhos adaptados para o cinema "não para formar um relato autobiográfico ou uma espécie de testamento, mas sim para compor uma coisa mais instintiva, menos controlada", disse Kurosawa, no debate depois da projeção. "Sonhos porque quando sonha todo homem é um gênio, corajoso e audacioso como um gênio, e exprime de forma fantástica e livre seus medos e esperanças secretas, seus desejos mais escondidos."

A abertura não poderia ter sido mais estimulante. Um convite ao sonho para gente interessada apenas em passar os doze dias do festival sonhando de olhos abertos diante da tela.

PESADELOS — Depois do colorido vibrante do filme de Kurosawa, Cannes mostrou um conjunto de sonhos em tons pastel, todos eles, por coincidência, crônicas familiares: *To Sleep with Anger* (*Dormir com Raiva*), de Charles Burnett, delicado retrato de uma família de negros americanos; *December Bride* (*A Noiva de Dezembro*), retrato ainda mais delicado de uma família não convencional (uma mulher se casa com dois homens) na Irlanda do começo do século; *Shi no Toge* (*Impulso da Morte*), de Kohei Oguri, em torno de uma família japonesa depois da guerra; *Tilai* (*A Lei*), de Idrissa Ouedraogo, em que, numa aldeia africana, um pai decide casar-se com a noiva prometida ao filho; *Ju Du*, de Zhang Yi Mu, em que, numa aldeia chinesa dos anos 20, um sobrinho se apaixona pela jovem que o tio comprara para servir-lhe de esposa e lhe dar um herdeiro.

Depois, um denso preto-e-branco para trazer os sonhos para mais perto do pesadelo do dia-a-dia: *Korczak*, de Andrzej Wajda, que retoma a atmosfera e o cenário de um de seus primeiros filmes (*Kanal*, de 1952, seu segundo filme) para contar a história real de Janusz Korczak, levado do gueto de Varsóvia com as mais de duzentas crianças de seu orfa-

BAC Films

À esquerda, a bela Isabella Rossellini como é vista em Wild at Heart, *de David Lynch, vencedor da Palma de Ouro; abaixo, Marcello Mastroianni em* Stanno Tutti Bene, *de Giuseppe Tornatore, Prêmio do Júri Ecumênico, e* Sonhos, *de Akira Kurosawa*

Mario Tursi

Warner

nato para morrer nas câmaras de gás de Treblinka; *Zamri, Oumi, Voskreni (Fique Quieto, Morra, Ressuscite)*, de Vitali Kanevski, que vai a um campo de trabalho na União Soviética no começo dos anos 50 para mostrar a ausência de perspectivas das crianças ali confinadas com os adultos; *End of the Night (No Fim da Noite)*, de Keith McNally, que dá forma aos pesadelos de um homem às vésperas do nascimento de seu primeiro filho.

E bons trabalhos de atores: o melhor de todos, Gian Maria Volonté, num filme que Gianni Amelio tirou de um romance de Leonardo Sciascia, *Porte Aperte (Portas Abertas)*; o mais exuberante, o de Gérard Depardieu no filme que Jean-Paul Rappeneau tirou do texto de Edmond Rostand, *Cyrano de Bergerac*; o mais delicado, Dirk Bogarde num filme que Bertrand Tavernier tirou da lembrança da morte de seu pai, *Daddy Nostalgie*; o mais sofrido, o de Krystyna Janda num filme de 1980 proibido até recentemente na Polônia, *Przesluchanie (Interrogatório)*, que se passa dentro de uma prisão para mulheres.

E bons diretores: Paolo e Vittorio Taviani mostraram a inventiva de sempre na adaptação livre de *Padre Sérgio*, de Tolstoi, em *Il Sole Anche di Notte (O Sol Mesmo de Noite)*; Jean-Luc Godard, a inquietude de sempre, as questões de sempre sobre o olhar e a natureza da imagem em *Nouvelle Vague*; Federico Fellini, as mulheres gordas de sempre, o humor cândido de sempre em *La Voce della Luna (As Vozes da Lua)*; e o inglês Ken Loach (que o espectador brasileiro conhece só através de *Family Life*, seu terceiro filme, feito em 1972), que reconstitui à maneira de uma reportagem o conflito na Irlanda do Norte em *Hidden Agenda (Agenda Secreta)*.

Não faltaram, como está se tornando hábito nos festivais, os filmes sobre filmes: Clint Eastwood interpretou John Huston durante a preparação de *African Queen (Uma Aventura na África)* em seu *White Hunter, Black Heart (Coração de Caçador)*; o espanhol Jose Luis Guerin foi a Innisfree, a cidade em que John Ford filmou *The Quiet Man (Depois do Vendaval)*, para registrar o que ficou do filme na memória das pessoas; o iugoslavo Karpo Godina mostrou Fritz Lang durante a filmagem de *Metrópolis* em seu *Umetni Raj (Paraíso Artificial)*.

QUESTÃO EUROPÉIA — E, como sempre em Cannes, além do cinema dentro do cinema, tivemos muito cinema do lado de fora — nas escadarias que levam ao auditório Lumière todas as noites antes da sessão de gala: Alain Delon com quatro letras grandes e luminosas bordadas no traje a rigor para anunciar bem claramente que ali estava um STAR; Nastassja Kinski desfilando com um penteado pra lá de sofisticado; Gérard Depardieu distribuindo beijos a sua passagem; Isabela Rosselini

circulando para mostrar o vestido. Também nas escadarias, ou na Croisette, onde, para melhor divulgar os filmes, aparecem gigantes, anões, equilibristas, gente cuspindo fogo e gente fantasiada de onça, e muitos aviões, vinte ou trinta, com faixas sobre o lançamento, entre o final de 1991 e o começo de 1992, de nova aventura do Super-Homem e de um superfilme sobre Cristóvão Colombo.

O melhor e mais movimentado de todo este cinema feito fora das salas de projeção foi o bate-boca entre os jornalistas ingleses e a equipe do filme *Hidden Agenda*, acusada de divulgar inverdades sobre a situação na Irlanda do Norte. A discussão seguiu acalorada por longo tempo, com os cineastas retirando documentos do bolso para comprovar as coisas ditas no filme, e acusando a imprensa inglesa de estar infiltrada de agentes dos serviços secretos MI-5 e MI-6.

O debate em torno da questão Irlanda—Inglaterra é, por sinal, um bom exemplo de como Cannes esteve neste ano especialmente voltado para a questão européia. Dos 77 filmes longos apresentados em seus vários programas (a Mostra Oficial, a Quinzena dos Realizadores, a Semana da Crítica e Un Certain Regard), apenas 24 não eram europeus. No conjunto europeu, destaque especial para as mudanças no Leste: dez filmes soviéticos, outros dez dos países que estão abandonando o socialismo e sonhando com o bem-estar e riqueza material do Ocidente. Na cerimônia de encerramento, quando o júri anunciou que a Palma de Ouro iria para *Wild at Heart (Fúria no Coração)*, de David Lynch, a platéia reagiu com uma forte vaia, como se estivesse desiludida: o grande festival europeu, que sonha em abrir espaço para o cinema que se faz ali, entregara o ouro ao cinema americano.

José Carlos Avellar, de Cannes

RESULTADOS

LONGA-METRAGEM

Palma de Ouro — *Wild at Heart (Fúria no Coração)*, de David Lynch (Estados Unidos) ■ **Grande Prêmio Especial do Júri** — *Tilai (A Lei)*, de Idrissa Ouedraogo (Burkina Faso) e *Shi no Toge (O Impulso da Morte)*, de Kohei Oguri (Japão) ■ **Prêmio do Júri** — *Hidden Agenda (Agenda Secreta)*, de Ken Loach (Grã-Bretanha) ■ **Melhor Diretor** — Pavel Lounguine, por *Taxi Blues* (URSS) ■ **Melhor Atriz** — Krystyna Janda, por *Przesluchanie (Interrogatório)*, de Ryszard Bugajski (Polônia) ■ **Melhor Ator** — Gérard Depardieu, por *Cyrano de Bergerac*, de Jean-Paul Rappneau (França) ■ **Melhor Contribuição Artística** — *Matj (Mãe)*, por Gleb Panfilov (URSS) ■ **Câmera de Ouro** (prêmio ao melhor filme de estréia) — *Zamri, Oumi, Voskresni (Fique Quieto, Morra, Ressuscite)*, de Vitali Kanevski (URSS) ■ **Prêmio da Crítica** — *Shi no Toge (O Impulso da Morte)*, de Kohei Oguri (Japão) e *Lebedyne Ozero - Zona (Lago dos Cisnes, a Zona)*, de Yuri Illienko (URSS) ■ **Prêmio Luis Buñuel** (entregue pela crítica da América Latina) — *Ju Du*, de Zhang Yi-Mu ■ **Prêmio do Júri Ecumênico** — *Stanno Tutti Bene (Estão Todos Bem)*, de Giuseppe Tornatore (Itália) ■ **Prêmio da Comissão Técnica** — Pierre Lhome, pela fotografia de *Cyrano de Bergerac* (França) ■ **Prêmio do Júri Popular** — *Abrahamas Gold (Ouro de Abraão)*, de Jorg Graser (República Federal da Alemanha)

CURTA-METRAGEM

Palma de Ouro — *The Lunch Date*, de Adam Davidson (Estados Unidos) ■ **Prêmios do Júri** — *De Slaapkamer (O Quarto)*, de Maarten Koopman (Holanda) e *Revestriction*, de Barthélémy Bompard (Bélgica)

JURI INTERNACIONAL

Bernardo Bertolucci (presidente), *Fanny Ardant, Françoise Giroud, Anjelica Huston, Mira Nair, Bertrand Blier, Alexei Guerman, Christopher Hampton, Hayao Shibata e Sven Nykvist.*

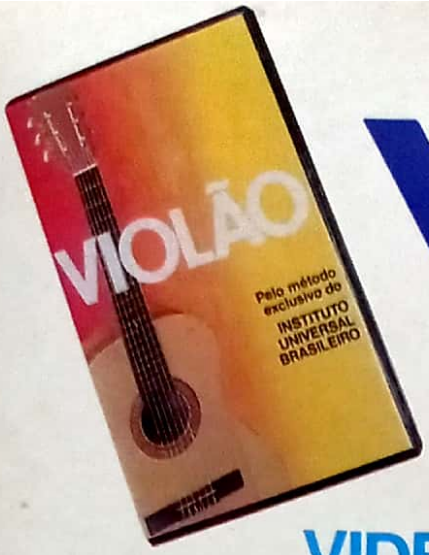
Castella Traquandi

Ao lado, Shi No Toge, *de Kohei Oguri, Grande Prêmio Especial do Júri e Prêmio da Crítica*

WILD AT HEART: VIOLÊNCIA E PAIXÃO

Na primeira cena o filme mostra logo como vai ser a coisa: o herói agarra o bandido pelo pescoço e bate com a cabeça dele na parede, nos degraus da escada, na quina do corrimão, no chão, e de novo, e de novo, até que a cabeça arrebente numa poça de sangue. Isso é só o começo. Mais adiante um guarda recebe um tiro que lhe arranca a mão (ele tenta recuperá-la para um implante, mas um cachorro chega antes e a abocanha). Um homem é queimado vivo. E pelo menos uma outra cabeça é arrebentada: um bandido volta o fuzil contra o próprio rosto, dispara, a cabeça é arrancada do corpo, bate numa parede e cai no chão numa mancha de miolos e sangue.

Uma história de amor conduz à violência: um casal foge estrada afora perseguido por bandidos contratados pela mãe da moça. "Fiz uma comédia violenta", diz Lynch, "com personagens que pertencem ao mundo dos sonhos e dos pesadelos, e não ao mundo de pessoas vivas de verdade." Uma violência de tamanho grande, uma imagem de tamanho grande, 70 mm, um filme previsto para ser grande: a primeira versão tinha quatro horas de duração e muito mais violência, tirada depois de sessões para públicos especiais. A Europa verá o filme com 2 horas e 4 minutos de duração. A versão norte-americana deverá ser menor. Outras cenas de violência serão cortadas. O público em Cannes se dividiu: metade riu da coisa intencionalmente exagerada, metade "chorou" de raiva da violência gratuita. Contudo, Lynch conseguiu reconhecimento simultâneo em dois continentes: na Europa ele levou a Palma de Ouro, e, em casa, sua série Twin Peaks *para a TV é o grande sucesso nos Estados Unidos.* J.C.A.



Agora você vai aprender VIOLÃO

COM OS MAIS MODERNOS RECURSOS DIDÁTICOS DO INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO

VIDEOCASSETE

Com animação por Computação Gráfica

A Fita de Videocassete é um dos componentes didáticos mais interessantes do Curso.

Elaborada segundo os mais modernos recursos de gravação em vídeo, sonorização e com ilustrações animadas utilizando a técnica da computação gráfica, é apresentada com muito entusiasmo pelo nosso professor, constituindo-se num inédito trabalho didático-musical.

A visão das posições da mão esquerda na elaboração dos acordes, e as batidas da mão direita, é ilustrada passo-a-passo e representada por esquemas feitos por computação gráfica, no momento exato da execução, permitindo tocar e cantar os vários sucessos de ontem e hoje, que fazem o repertório do violão moderno.

APOSTILAS ILUSTRADAS E FITAS K7

A parte literária do Curso é apresentada em apostilas, escritas numa linguagem de fácil assimilação, com atraentes ilustrações técnicas e artísticas, que tornam o estudo interessante e agradável. A História do Violão, a teoria e a prática musical, os sucessos musicais com letras, músicas e acordes, um eficiente dicionário ilustrado musical, exercícios práticos de auto-avaliação e testes remissivos fazem parte das 36 apostilas que compõem o Curso.

As 3 Fitas K7 são responsáveis pela complementação sonora do curso. Gravadas em dois canais de áudio, reproduz um som estereofônico de ótima qualidade, permitindo ainda que você ouça em separado o canto, o acompanhamento ou detalhes rítmicos e sonoros especiais. Chamadas nas apostilas indicam o momento de ouvir a fita e estabelecer o elo de ligação entre o tema estudado e a sua representação sonora.

Mande o Pedido de Matrícula abaixo HOJE MESMO!

NOSSAS UNIDADES DE ATENDIMENTO

UNIDADES SÃO PAULO: Centro: *Av. Rio Branco, 781 (esq. c/Av. Duque de Caxias).* **Santo Amaro:** *Largo Treze de Maio, 520, 3º andar - conj. 31*
UNIDADE RIO DE JANEIRO: *Rua Riachuelo, 159 (próximo aos Arcos da Lapa)*
UNIDADE BELO HORIZONTE: *Av. Amazonas, 115, 2º and. - Centro - Ed. Caxias*
UNIDADE SALVADOR: *R. Marujos do Brasil, 5-B, Ed. André Luis, Bairro Tororó*

Instituto Universal Brasileiro

A maior e mais perfeita organização de ensino a distância do país!

1940 – 1990

50 anos de experiência dedicados ao ensino

PEDIDO DE MATRÍCULA

☐ **SIM!** *Desejo receber o Curso de Violão do Instituto Universal Brasileiro pelo qual efetuarei o 1º pagamento quando retirar a 1ª remessa na agência do correio conforme o plano abaixo.*

ATENÇAO! Estes preços são válidos até 20 / 08 / 90.

PLANO A – EM 2 MESES: 1º pagamento de Cr$ 4.500,00 , quando seguirá a FITA DE VÍDEO. 2º pagamento de Cr$ 4.500,00 quando seguirá o restante do material de estudo.

SEM - 37

Nome _____

Rua _____ *Nº* ____

CEP _____ *Bairro* _____ *Cx. Postal* ____

Cidade _____ *Estado* _____

___/___/___ _____

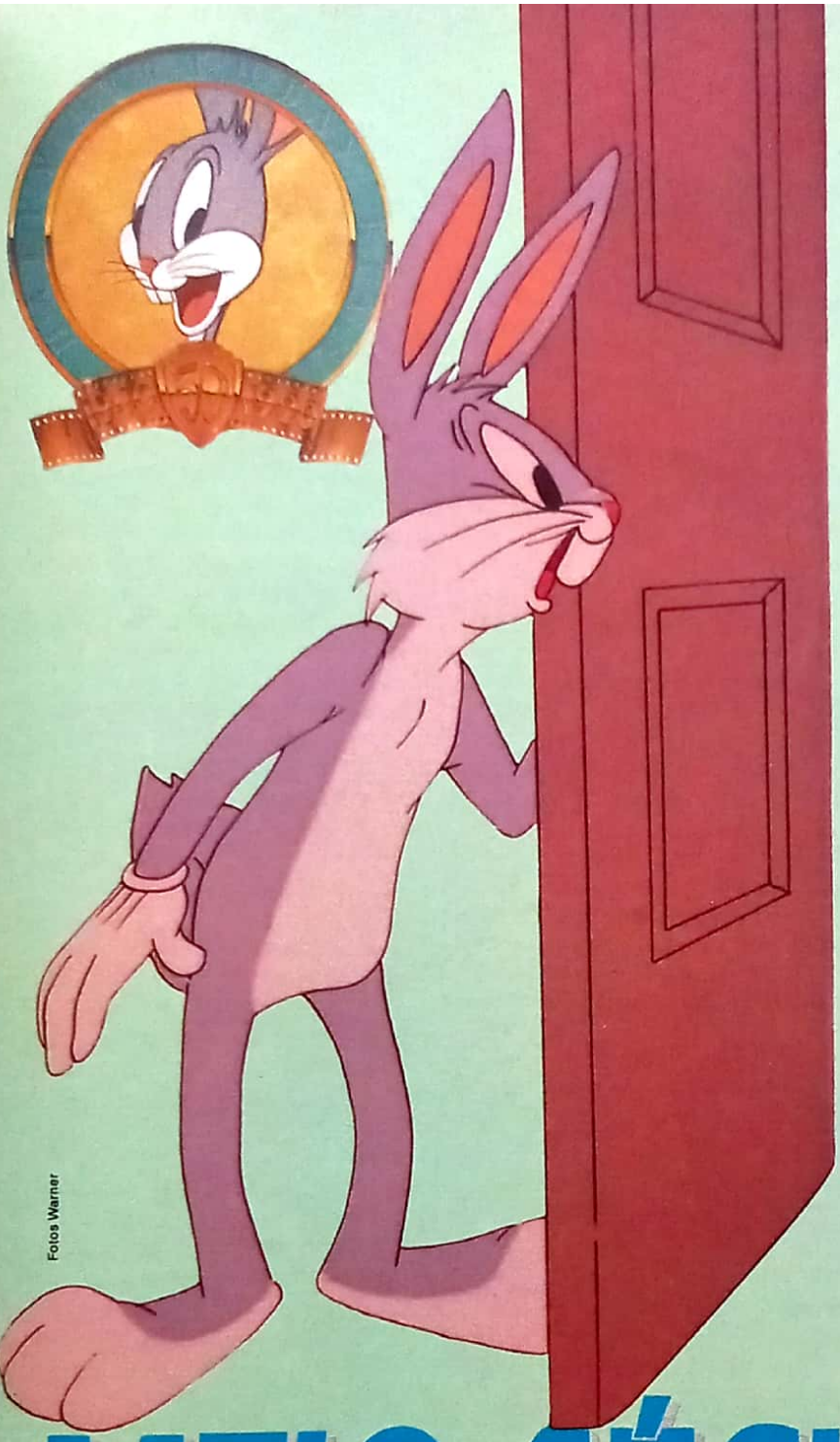
Data *Assinatura*

NÃO MANDE DINHEIRO AGORA!

HÁ MEIO SÉCULO ELE ANIMA O MUNDO INTEIRO.

WARNER HOME VIDEO

© Warner Home Video Inc.



Fotos Warner

O coelho Pernalonga é hoje um cinquentão de sucesso permanente. De gênese um tanto misteriosa — teria sido inspirado num desenho de Walt Disney —, ele continua o mesmo impagável demolidor de sempre

MEIO SÉCULO DE SUBVERSÃO

PERNALONGA

A América comemora o cinqüentenário de Pernalonga (Bugs Bunny) com descontos em vídeos, especiais de TV, lançamento de produtos com a estampa do coelho, balões gigantescos em redes de lojas e a publicação do álbum *Fifty Years and Only One Grey Hare*, de Joe Adamson. No Brasil, a Warner promete exibir um clipe dos grandes momentos de Pernalonga acompanhando o lançamento de *Gremlins II*.

É difícil dizer com exatidão quando Pernalonga nasceu. Como todo personagem de *cartoon*, ele parece dotado de uma existência mítica: desde que existe, é como se tivesse existido sempre. Sua paternidade é atribuída a diversos desenhistas; e, de fato, esse coelho maluco é o "produto final" do trabalho de Ben Hardaway, Charlie Thorson, Cal Dalton, Charles Jones e Tex Avery.

Em 1938, na Warner, dentro da série "Merrie Melodies", Ben Hardaway dirige o desenho *Porky's Hare Hunt*, em que um coelho era caçado por Gaguinho (Porky Pig). Como Ben não desenhava muito bem, chamou Charlie Thorson para finalizar o coelho. Thorson mandou o trabalho pronto, dando ao coelho o apelido de Hardaway, que era "Bugs". Este Pernalonga tinha um nariz tipo "buzina", estava sempre em posição de salto, como alguém assustado e pronto para fugir, falando e rindo como o Picapau (Woody Woodpecker).

Hardaway e Cal Dalton retomam o coelho em *Hare-Um Scare-Um* (1939), com uma forma alterada para acomodar as cores, destacando agora os dentes proeminentes; conservaram, contudo, o seu estilo amalucado e impertinente.

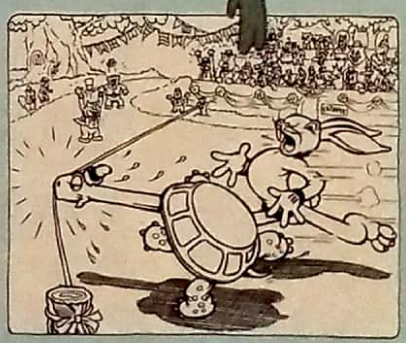
Também em 1939, Charles Jones dirige *Prest-o Change-o*, em que dois cães vão parar num castelo habitado por um coelho mágico, que aparece e desaparece das formas mais surpreendentes. Esse coelho é outro embrião de Pernalonga: além de sua capacidade de irritar ao máximo seus adversários, tem o estranho hábito de sapecar-lhes um beijo na boca.

Em 1940, Jones usa novamente o coelho em *Elmer's Candid Camera*, numa luta contra o caçador Hortelino Trocaletras (Elmer Fudd). Mas é em *A Wild Hare*, dirigido neste mesmo ano por Tex Avery, que, nas palavras de Jones, "o coelho primitivo passou a ser o verdadeiro Pernalonga". Agora, o coelho andava de costas direitas, não fugia temeroso, muito seguro de si. Quando Hortelino enfia sua espingarda na toca do coelho, ele se debruça sobre a arma, mastiga sua cenoura e diz, bem cínico: "Eh, what's up, Doc?" ("O que há, velhinho?").

Segundo Jones, um jovem animador texano chamado Herman Cohen costumava usar sempre aquela expressão, que se tornou comum na unidade de produção

À direita, o filme que deslanchou a corrida de Pernalonga em 1940, "A Wild Hare" — o da espingarda é Hortelino Troca-Letras. Abaixo, um cumprimento em forma de eletrochoque no desenho "Hare-Um Scare-Um", de 1939.

Fotos Warner



Acima, "The Tortoise and The Hare", de Walt Disney, que ganhou o Oscar em 1935.

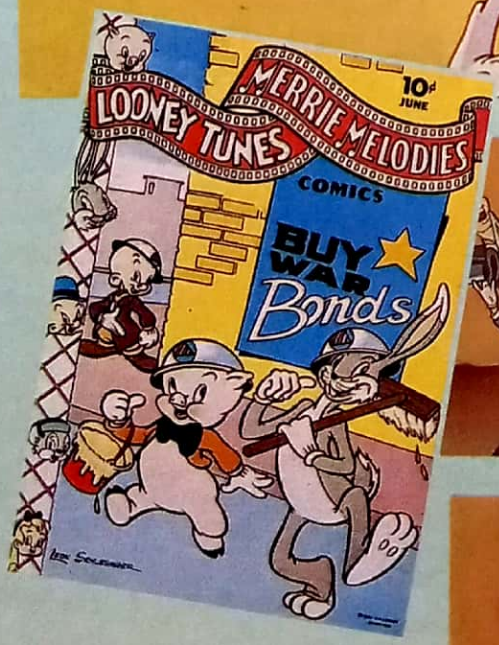
em que trabalhavam. Mas, segundo Tex Avery, foi ele mesmo quem trouxe a frase do Texas, em 1929. Nos liceus de Dallas e entre os calouros de sua faculdade, era sempre essa frase que servia para iniciar a conversa quando dois amigos se encontravam. Ele cita como prova o jornal *Dallas News*, da década de 20, onde os quadrinhos de Jack Patton freqüentemente começavam com "What's up, Doc?". Tex também confessa ter plagiado Pernalonga da lebre Max de Walt Disney, que aparece em *A Lebre e a Tartaruga* (*The Tortoise and the Hare*, 1935). E, segundo Robert Clampett, a idéia da cenoura que Pernalonga vive mastigando veio de uma cena de *Aconteceu Naquela Noite* (*It Happened One Night*, 1934), de Frank Capra, em que se via Clark Gable comendo uma cenoura.

Foi, enfim, Tex Avery quem moldou os traços gerais do caráter do coelho, em mais quatro *cartoons* que fez na Warner: *Tortoise Beats Hare*, *The Heckling Hare* e *All This and Rabbit Stew*, em 1941, e *Crazy Cruise*, em 1942, em que o Pernalonga se engaja na campanha de propaganda militar contra o Eixo durante a Segunda Guerra Mundial.

A complexidade do caráter de Pernalonga é ainda moldada ao longo dos anos, cada animador imprimindo novos traços ao personagem, que se apresenta multifacetado em seus 168 curtas. Entre 1940 e 1969, Pernalonga foi dirigido por quatorze animadores: Ben Hardaway, Cal Dalton, Charles Jones, Tex Avery, Friz Freleng, Robert McKimson, Robert Clampett, Frank Tashlin, Abe Levitow, Dave Detiege, Gerry Chiniquy, Art Davis, Ken Harris e Maurice Noble.

E não se pode esquecer os escritores Warren Foster, Mike Maltese e Tedd Pierce, nem a voz de Mel Blanc, que fazia as vozes de todos os personagens da Warner. Curiosamente, Mel Blanc era alérgico a cenouras. Para gravar o som de Pernalonga mastigando cenouras, tentaram usar nabos, aipos e outras coisas. Descobriram que só cenouras soavam como cenouras. Assim, durante todos os anos em que Mel Blanc mastigou as cenou-

Dois instantes de Pernalonga (acima) parodiando Gary Cooper em Buck Benny Rides Again *(1948). Ao lado, Pernalonga assume a pose de um matador na arena em* Bully for Bugs *(1953).*



Acima, uma edição de quadrinhos nº 20 de junho de 1943 e, à direita, Pernalonga tentando manter o entusiasmo no musical What's Up Doc? *(1950)*

PARABÉNS, P
50
QUE OS PRÓXIMOS 50 ANOS SEJAM AINDA

MAIS DIVERTIDOS, VELHINHO.

WARNER HOME VIDEO

© Warner Home Video Inc.

Fotos Warner

Acima, Pernalonga convence Hortelino de que é temporada de caça ao baseball, e, abaixo, Patolino enfurecido com Pernalonga em Chuck Jone's Duck! Rabbit, Duck *(1953). Ao lado, (da esquerda para a direita) o dublador Mel Blanc e o criador Chuck Jones*

ras do Pernalonga, tinha que ter um cesto a seu lado para cuspí-las depois de gravar os divertidos ruídos da mastigação.

De modo geral, o Pernalonga de Friz Freleng — que possuía como nenhum outro animador o sentido do *timing* — era frenético, agindo sem parar até a arrasadora *gag* final. Em *The Wabbit who Came to Supper* (1942), Pernalonga abusa da hospitalidade de Hortelino porque a cláusula de uma herança o proíbe de maltratar animais. Ao sair do banho, Pernalonga deixa cair a toalha: numa cena rápida, ele aparece nu e, através do *stop-motion* do vídeo, podemos ver que os animadores se divertiram em desenhar em dois ou três fotogramas os genitais do coelho... Hortelino volta a caçar Pernalonga diversas vezes; em *Hare Do* (1949), ele o faz dentro de um cinema: é uma das melhores perseguições.

MELÔMANO — Freleng faz, contudo, de Eufrazino Puxabriga (Yosemite Sam) o perfeito adversário de Pernalonga. Um dos seus melhores confrontos está em *High Diving Hare* (1949), em que Pernalonga obriga Eufrazino a saltar a grande altura numa bacia de água inúmeras vezes seguidas. Em *Bunker Hill Bunny* (1950), Pernalonga enfrenta Eufrazino na guerra civil; em *Ballot Box Bunny* (1951), atrapalha sua candidatura numa louca batalha eleitoreira; e em *Roman Legion-Hare* (1955), Eufrazino quer alimentar os leões do Coliseu com Pernalonga.

O Pernalonga de Robert Clampett é um revolucionário sem disciplina, um subversivo permanente, louco como Picapau. Em *The Wacky Rabbit* (1942), Pernalonga leva um garimpeiro à loucura; mas em *Falling Hare* (1943), um duende sabotador de aviões submete-o às mais duras provas dentro de um jato em queda livre.

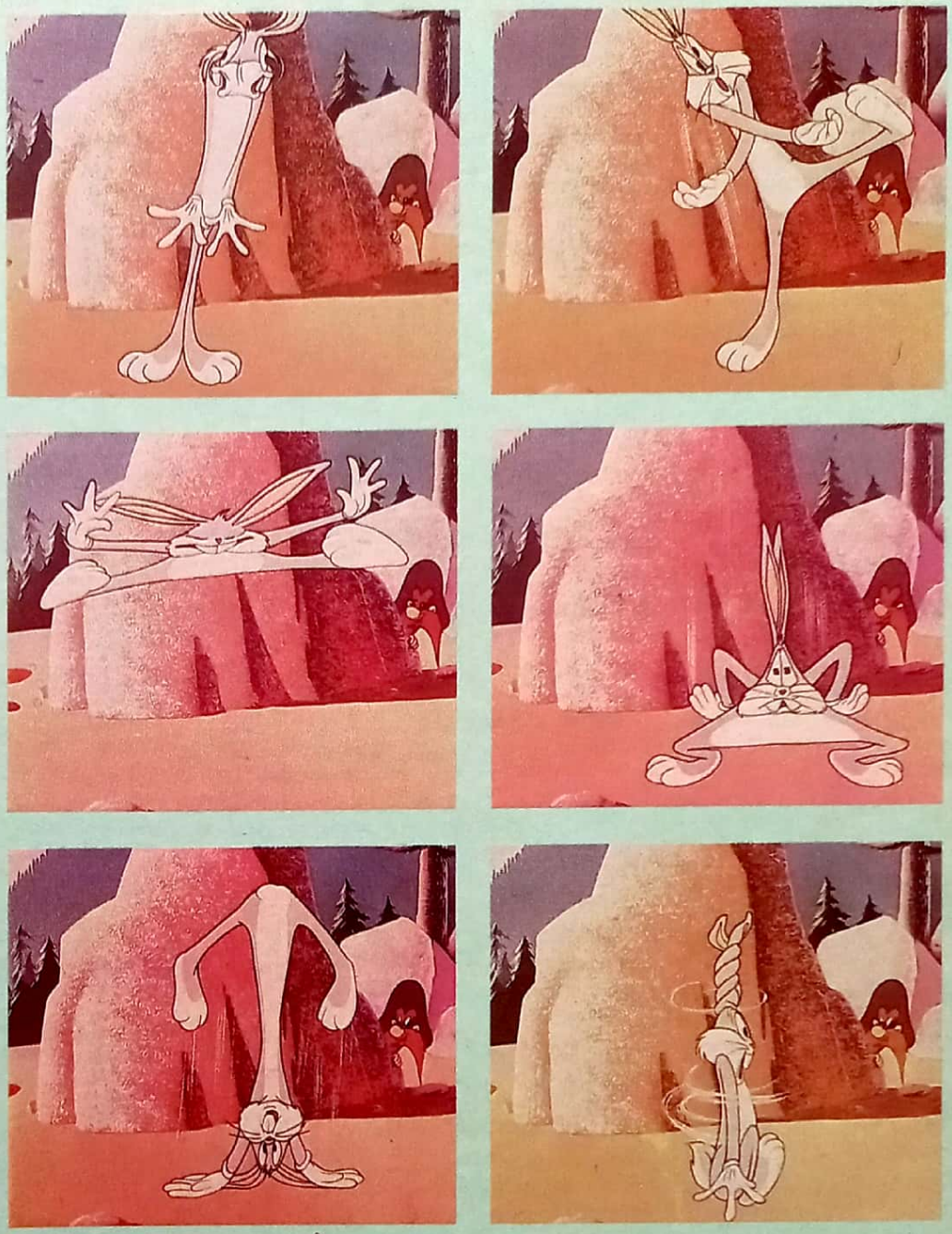
Mas a face mais conhecida de Pernalonga foi criada por Charles Jones, em cerca de cinqüenta filmes. Aí, Pernalonga é um contra-revolucionário, que deseja a paz de seu lar acima de tudo, opondo-se à transformação do mundo. Quando o impedem de comer tranqüilamente as suas cenouras ou quando invadem sua toca ou

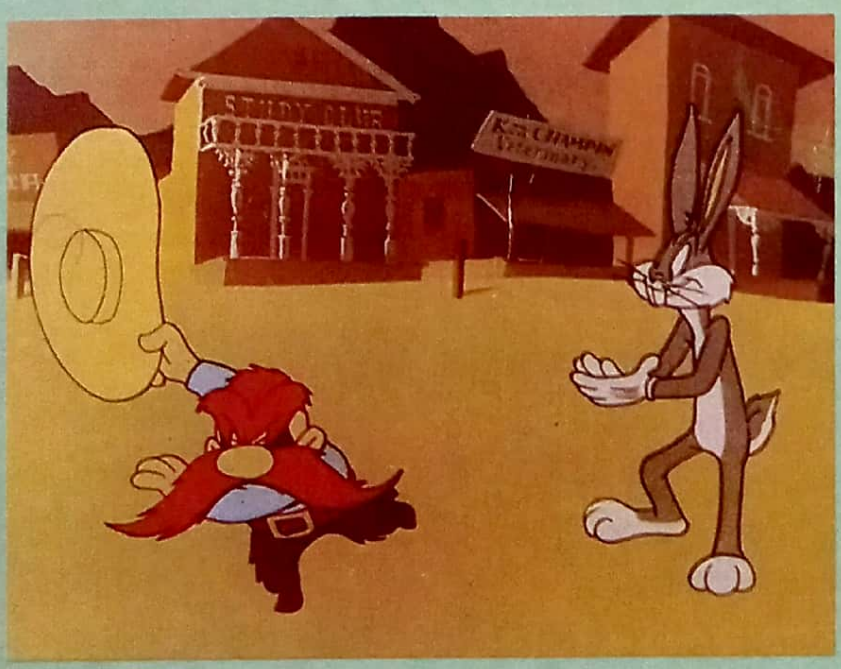
interrompem seus solos de banjo, ele se torna verdadeiramente perigoso e declara uma guerra sem quartel ao inimigo: "Of course you realize, this means war!" (É claro que você sabe que isso significa guerra!"). E já ninguém pode detê-lo: ele se torna o pior pesadelo de seu adversário, seguindo o modelo de Groucho Marx.

O Pernalonga de Jones é um vencedor nato, em evidente contraste com Patolino (Daffy Duck). Em duelos hilariantes, Pernalonga sempre derrota o pato egocêntrico, que, em vez de aplausos, só recebe o silêncio dos brejos cheios de grilos em suas apresentações públicas. Mesmo quando Patolino se alia a Elmer, tentando convencê-lo de que está aberta a temporada de caça aos coelhos, em *Rabbit Fire* (1951), *Rabbit Seasoning* (1952) e *Duck! Rabbit! Duck!* (1953), Pernalonga consegue reverter o quadro e fazer Elmer atingir Patolino em cheio. Charles Jones leva Patolino ao máximo da humilhação no genial *Duck Amuck* (1953), em que o pato é jogado em situações surrealistas e metalingüísticas, às voltas com todos os recursos técnicos da animação, num desenho sem nexo, desesperador, e cujo "autor" é justamente Pernalonga.

O Pernalonga de Jones tende a pensar mais e a resolver os seus problemas intelectualmente, como em *Case of the Missing Hare* (1942), em que se vinga do mágico Ala Bahama, que insiste em pregar cartazes de seu *show* na toca do coelho; em *Wackiki Wabbit* (1943), em que enfrenta dois náufragos famintos; em *Bunny Hugged* (1951), em que luta boxe com o Esmagador (Crusher); em *Operation Rabbit* (1952), em que enfrenta o pérfido Coiote (Wile E. Coyote); ou em *Bully for Bugs* (1953), em que luta contra um touro numa arena.

Pernalonga é um melômano e, além de tocar banjo, gosta de cantar e de encenar árias famosas. Em *Long-Haired Hare* (1949), leva um barítono aos extertores; em *Rabbit of Seville* (1950) não pára de cantar enquanto barbeia Hortelino ao som da ópera de Rossini. E no fabuloso *What's Opera, Doc?* (1957), encarna Brunilda para se-





Acima, Pernalonga numa seqüência eufórica de 14 Carrot Rabbit *(1952). Ao lado, Eufrazino Puxabrigas dança ao som de Pernalonga em* Buck Benny Rides Again *(1948)*

duzir Hortelino-Siegfried entre acordes e climas wagnerianos. Foi o mais difícil trabalho de Jones, concentrando o *Anel dos Nibelungos* em seis minutos, com um recorde de 104 cortes. Pernalonga chega até a morrer no final, não sem antes dizer ao público: "What did you expect in a opera, a happy ending?" ("O que você esperava numa ópera, um final feliz?").

Pernalonga também gosta de se vestir de mulher: ele o fez 22 vezes, perdendo apenas para o Picapau, que se travestiu 34 vezes. Assim, além de beijar os seus adversários na boca, Pernalonga tenta seduzi-los com uma sensualidade bem feminina, levando-os freqüentemente ao altar, sendo desmascarado apenas no último minuto: é como se ele realmente desejasse se casar com seus caçadores. Peter Bogdanovich realçou este lado feminino do coelho fazendo Barbra Streisand interpretar um *ersatz* do Pernalonga em *Essa Pequena é uma Parada* (*What's Up, Doc?*, 1972), contracenando com Ryan O'Neal como um *ersatz* de Hortelino Trocaletras.

Pernalonga, que só ganhou um Oscar da injusticeira Academia, por *Knighty Knight Bugs* (1958), de Friz Freleng, teve sua carreira encerrada em 1969, quando a Warner fechou o seu setor de animação. Pernalonga continuou, porém, a fazer sucesso na televisão, obtendo a maior receita entre todas as estrelas do *cartoon* americano.

No final dos anos 70, Charles Jones voltou ao estúdio para reeditar seus personagens em especiais de televisão, como *The Bugs Bunny* (1979), em que Pernalonga, desfrutando da boa vida de um superstar, apresenta uma história maluca das perseguições, desde a Idade da Pedra até a era espacial.

Mas a verdadeira ressurreição de Pernalonga deu-se em *Uma Cilada para Roger Rabbit* (*Who Framed Roger Rabbit*, 1988). Aos oitenta anos, Mel Blanc voltou a fazer as vozes dos personagens da Warner, sendo internado num hospital logo após as gravações. Mel Blanc fechou o desenho dizendo, pela última vez: "That's all, folks!" ("Isso é tudo, pessoal!"). Morreu em junho de 1989.

O sucesso de Roger Rabbit levou a Disney a produzir *Tummy Trouble* (1988), de Rob Minkoff, e o ainda inédito *Roller Coaster Rabbit*. Steven Spielberg animou-se a produzir uma série com personagens adolescentes baseados nos heróis da Warner, as "Tiny Toons Adventures". E a própria Warner, que já havia produzido dois curtas com Patolino — *The Duxorcist* (1987) e *Night of the Living Duck* (1988) —, prepara para setembro o lançamento de um novo curta com Pernalonga, *The Box Office Bunny*. Aguardem!

Luiz Nazário

No alto, uma seqüência de Pernalonga como bailarina em A Corny Concerto *(1943). Abaixo, o coelho travestido seduz Hortelino Troca-Letras em* Chuck Jone's Rabbit Seasoning *(1952)*

Fotos Warner

OS VÍDEOS DE PERNALONGA

Diversas coletâneas foram lançadas com desenhos estrelados pelo Pernalonga, alguns em versão integral, com os créditos intactos, outros mutilados e incompletos, em reciclagens comerciais para TV e vídeo. Nesta listagem encontram-se todas as coletâneas lançadas aqui nas quais exista pelo menos um desenho de Pernalonga. Os vídeos que contêm um bom momento do coelho levam uma estrela, os muito bons, duas, e os melhores, três estrelas.

1) As Aventuras de Hortelino Trocaletras *(Warner)* ★★★
2) Um Coelho na Corte do Rei Arthur *(Warner)* ★
3) Um Coelho para a Páscoa *(Warner)* ★
4) Desenho Favorito N.º 1. Pernalonga e Sua Turma *(D.I.V.)* ★★★
5) Desenho Favorito N.º 3. A Turma do Gaguinho *(D.I.V.)* ★
6) Os Doidos Contos de Natal de Pernalonga *(Warner)* ★★
7) Festival dos Animais *(Warner)* ★★
8) Gato Félix e Seus Companheiros *(D.I.V.)*
9) A Grande Caçada Americana *(Warner)* ★★★
10) Herói dos Americanos *(Warner)*
11) O Lobo Mau e os Três Porquinhos *(Mega)*
12) As 1001 Histórias do Pernalonga *(Warner)*
13) Patolino Continua Biruta *(Warner)* ★★
14) Pernalonga Especial do Dia das Mães *(Warner)* ★★★
15) Pernalonga no Incrível Mundo da Televisão *(Warner)*
16) Pernalonga e Super Mouse *(D.I.V.)* ★
17) Pernalonga e Sua Turma em Homenagem a Mel Blanc *(Warner)* ★★
18) Pernalonga e Sua Turma em Homenagem a Chuck Jones *(Warner)* ★★

L.N.

Leve essa festa para casa.

No aniversário do Pernalonga, a Warner comemora com um presente especial para você: apenas Cr$ 4.000,00 nas seguintes fitas:

- Um Coelho Para a Páscoa
- Pernalonga e sua Turma em Homenagem a Chuck Jones
- Corta Essa Gaguinho
- Pernalonga Especial de Dia das Mães
- As Aventuras Fedorentas de Pepe Le Pew.

Preencha o cupom abaixo e envie agora mesmo à Warner Home Video.
Você receberá as fitas em sua casa.
E aguarde que em setembro vai ter uma grande festa com brindes, shows e muitas surpresas para você.

WARNER HOME VIDEO
Vídeo. Seu melhor programa.

FAST

© Warner Home Video Inc.

SIM, quero adquirir fitas das Aventuras da Turma do Pernalonga

Nome _____
CPF _____ RG _____
End. _____
CEP _____ Ass. _____
Cidade _____ Estado _____ Telefone _____

Título	Quant.	Valor
UM COELHO PARA A PÁSCOA		
PERNALONGA E SUA TURMA EM HOMENAGEM A CHUCK JONES		
CORTA ESSA GAGUINHO		
PERNALONGA ESPECIAL DE DIA DAS MÃES		
AS AVENTURAS FEDORENTAS DE PEPE LE PEW		
TOTAL		

ATENÇÃO: Custo do frete por fita: Cr$ 350,00.
Estou enviando cheque nominal à Warner Home Video no valor de Cr$ _____ incluso(s) o(s) custo(s) do(s) frete(s).
Recorte e coloque dentro de um envelope endereçado à CAIXA POSTAL 9820 - CEP 01051.
Prazo de entrega: 15 dias.
Promoção válida até 31/08/90.

Para maiores informações ligue para (011) 280-9522.

OFÍCIO: CINEMA

Os livros dos dois mestres da arte cinematográfica Akira Kurosawa e Jean Renoir ajudam a entender melhor estes homens e sua paixão

Estação Liberdade

Na noite de gala da entrega do Oscar 90, o cineasta japonês Akira Kurosawa foi homenageado com um prêmio especial pelo conjunto de sua obra, composta de 30 filmes.

Achando-se demasiadamente honrado, Kurosawa questionou o merecimento da premiação. Segundo ele, aos 80 anos ainda não entendeu o que é o cinema. Essa sua postura deixou a platéia embasbacada, pois é difícil para os ocidentais assimilar a essência da filosofia oriental.

Para compreender o espírito modesto contudo abundante em sabedoria desse mestre é necessário conhecer sua vida, fundamentada na mais pura tradição samurai. Em 1981, Kurosawa escreveu (e preferiu denominá-lo) um *Relato Autobiográfico* — agora acessível ao público brasileiro numa edição muito bem-cuidada da editora Estação Liberdade —, depois da insistência e desejo dos amigos.

Mantendo-se relutante a essa tarefa durante anos — porque estava convicto de que, se a escrevesse, "ficaria restrito tão-somente aos fatos ligados aos filmes" —, cedeu à tentação após ler a autobiografia de outro grande diretor, o francês Jean Renoir (1894-1979), que deixou uma impressão maravilhosa em Kurosawa quando do primeiro encontro entre os dois. "Saber que ele havia se aventurado a isso [escrever uma autobiografia] foi como sentir uma explosão em meu interior", confessa o diretor japonês.

MEMÓRIAS — O relato kurosawiano segue uma trajetória linear. Parte de seu nascimento em Tóquio, em 1910, passa pelas lembranças da primeira infância, evoca as problemáticas da juventude e continua até a conquista internacional com *Rashomon*, quando, em 1951, recebeu o Leão de Ouro no Festival de Veneza.

A autobiografia de Jean Renoir (intitulada *Ma Vie et mes Films*) continua inédita no Brasil. Porém, a Editora Nova Fronteira preencheu uma parte do vazio literário no tocante à vida e obra do cinegrafista francês com o lançamento de seus *Escritos Sobre Cinema, 1926-1971*.

São ensaios, crônicas e conferências publicados em vários jornais e revistas franceses e organizados, em 1974, por Claude Gauteur, que contou com a colaboração de François Truffaut, para comemorar os 80 anos do diretor.

Dividido em três partes — memórias, ensaios e crônicas, escritos todas as quartas-feiras no jornal *Ce Soir*, às vésperas da II Grande Guerra, e artigos reflexivos sobre sua obra —, Renoir passa em revista sua luta por uma arte cinematográfica de melhor qualidade. No "relato falado" (que Renoir não soube precisar se fora improvisado numa entrevista ou conferência), suas lembranças transbordam em descrições deliciosas da convivência com as artes plásticas (era filho do pintor impressionista Pierre-Auguste Renoir), literatura, música e intelectuais do início deste século que discutiam e repensavam seu tempo.

ELOS — Os estilos cinematográficos diferentes e a tradição educacional diversa não impedem que o leitor encontre muitos pontos comuns na vida desses diretores, mas poucos em suas obras e estilos literários (sem contar a admiração pessoal de Kurosawa por Renoir).

Ambos acompanharam (mesmo que em situações geográficas e temporais muito diferentes) o nascimento e o desenvolvimento da arte cinematográfica. Renoir confessa que amou o cinema desde 1902, quando tinha 8 anos. Mais tarde, durante a I Guerra Mundial, descobriu o encanto do personagem Carlitos. Convalescendo de um ferimento dos campos de batalha (que o deixou com uma perna mais curta), distraía-se indo ao cinema todos os dias e assistindo a uma média de 21 sessões por semana, a maioria de filmes americanos mudos de 1914 a 1919, que admirou por toda a vida. Confere a Charles Chaplin, Eric von Stroheim e D.W. Griffith a responsabilidade por ele ter se tornado um cineasta.

O grande mentor e iniciador do olho cinematográfico de Kurosawa foi o irmão mais velho, Heigo, um *benshi* (narrador de filmes mudos) que se suicidou por causa do desemprego em massa de sua classe com o advento do cinema falado. As inclinações cinematográficas do jovem Kurosawa foram também estimuladas por seu pai, que, apesar de ser um homem severo, de formação militar, numa época em que a sétima arte não era bem-recebida nos círculos educacionais, levava toda a família regularmente para assistir aos espetáculos. (Faz-se necessário aqui um parêntesis: é estonteante e ao mesmo tempo estranho deparar-se, em meio a sua narrativa autobiográfica, com um capítulo que nada mais é do que uma lista dos clássicos que Kurosawa assistiu dos 9 aos 19 anos, fato admiravelmente raro mesmo entre estudiosos. Essa lista inclui *Nana* (aos 15 anos) e *The Little Match Girl* (aos 18), do diretor Jean Renoir.)

Os dois foram levados ao cinema por acaso. Renoir

Estação Liberdade

Um desenho de Kurosawa para seu Kagemusha, *e o artista quando jovem (à esquerda); o mestre Renoir com Anna Magnani quando das filmagens de* La Carrosse d'Or *(à direita)*

Nova Fronteira

optou pela carreira militar, mas foi ferido e afastado do regimento. Dedicou-se à cerâmica (como o pai, que pintava nesse material quando muito jovem) e chegou à conclusão de que seria necessário se tornar um artista, e, por experiência, sabia que jamais seria capaz. Seu próximo interesse foram as trucagens e maquetes cinematográficas, e tudo que se relacionava com câmeras, objetivas e revelações. Como tinha muitos problemas com roteiristas, passou a escrevê-los e a contar suas próprias histórias.

A primeira paixão de Kurosawa foram as artes plásticas, descobertas na escola primária com o professor Seiji Tachikawa, que o introduziu na história da arte. A elas dedicou-se com afinco, até desgastar-se e desiludir-se da profissão, ao filiar-se à Liga dos Artistas Proletários. Como se viu desempregado e provinha de uma família de classe média baixa, encarou os testes, com outros 500 concorrentes, para uma vaga de terceiro assistente de diretor nos estúdios da PCL (Photo Chemical Laboratory). Nesse estúdio, teve a chance de trabalhar para o famoso diretor Kajiro Yamamoto, que reconheceu seu talento e ensinou-lhe tudo sobre direção, levando-o a conhecer todas as etapas da feitura de um filme, principalmente a confecção de roteiros. "Se você quer se tornar um diretor de cinema, escreva roteiros em primeiro lugar", aconselhava ao iniciante Kurosawa.

LIÇÃO DE CASA — Essas duas obras distintas em suas formas e seus autores valem muito mais que um curso (principalmente porque Kurosawa incluiu um apêndice com regras fundamentais "Sobre o Ato de Filmar"). É maravilhoso "estudar" cinema através desses dois mestres insuperáveis. Jean Renoir, com seu estilo anárquico e bem-humorado em suas crônicas e reflexões sobre alguns de seus mais importantes filmes. Kurosawa, sério, sábio e preocupado com a busca do real e do falso. Infelizmente, esse último, impossibilitado de remexer e reviver um passado doloroso — como a tentativa de suicídio nos anos 70 —, pára seu relato em 1965, com a consagração internacional de *Rashomon*. "Não consigo atravessar o portal *Rashomon* em direção à minha vida restante... Creio que, para saber em que me transformei após *Rashomon*, o procedimento mais razoável seria procurar por mim nos personagens que criei posteriormente."

Para o leitor brasileiro o caminho correto é manter o *Relato Autobiográfico* (que traz reproduções coloridas de pinturas que o cineasta fez para cenas de *Kagemusha* e *Ran*, que mostram o excelente talento do artista plástico que é) sempre ao lado de *Os Filmes de Kurosawa*, de Donald Richie, publicado pela editora Brasiliense em 1989.

Nos resta ainda uma esperança de conhecer um pouco mais desse gênio com o lançamento, nos próximos meses, de seu último filme, *Sonhos*. Pois, recorrendo a sua última mensagem autobiográfica, "não há nada que diga mais a respeito de um criador do que sua própria obra".

Deborah Peleias

Relato autobiográfico — Akira Kurosawa — trad. Rosane B. Pavan, Marina N. Yanai, Heitor F. da Costa e Isabella Sanches — Ed. Estação Liberdade, 293 págs.

Escritos sobre Cinema — Jean Renoir — trad. A. B. Pinheiro de Lemos — Ed. Nova Fronteira, 384 págs.

por Murilo Salles

O COZINHEIRO, O LADRÃO, SUA MULHER E O AMANTE

(The Cook, The Thief, His Wife & Her Lover, 1989)

Você pode estar curioso para saber por que escolhi escrever sobre *O Cozinheiro, o Ladrão, sua Mulher e o Amante*, um filme atual, para a seção Filmoteca. Normalmente aqui são tratados filmes reconhecidamente "clássicos", que marcaram a memória do articulista. No meu caso preferi optar por um ao alcance do leitor. Basta ir ao cinema para ver o filme em questão. Por outro lado, tenho certeza de que esse filme já é um clássico. Por quê? Porque ele é essencial. Não é todo dia que estamos diante de temas tão fundamentais, como o poder, o dinheiro, a comida, o amor, a arte, o sexo, a violência, o ciúme e a morte. Nada mais, nada menos...

Ambientado num restaurante chamado Les Holandais, tendo ao fundo um quadro de Frans Hals, o que me veio à cabeça, no entanto, foi a lembrança de *Lição de Anatomia*, de Rembraudt, que para mim representa melhor a essência desse filme — dissecar as vísceras do humano, descobrindo que prazer e dor são coisas bem distintas, mas também próximas. Pensar o ser humano sem maniqueísmos: percebê-lo em toda a sua bela complexidade.

É impossível ver esse filme sem se lembrar de duas referências: Buñuel e Francis Bacon. Podemos notar por todo o filme traços marcantes das obras desses dois artistas. Buñuel está presente na medida em que Greenaway trata seus personagens sem nenhuma piedade. Todos, igualmente, sem distinções morais, são vistos com uma crueldade inteiramente "objetiva", lúcida, preocupada em saber até que ponto os personagens enquanto seres humanos podem ir. Essa visão de personagem distancia-se do velho ranço do "pessimismo existencial" em relação ao ser humano, que dominou o cinema dos anos 60/70. Greenaway desfia a realidade com uma obscenidade cirúrgica, surpreendendo-nos com a complexidade de seus personagens: por que será que "a mulher", que conduz a ação representando a procura do prazer/amor, é casada com "o ladrão", que por seu lado representa o poder e a perversão? Ela mesma responde a essa questão quando lhe é colocada pelo "amante", perguntando para ele: "E você, por que você é solteiro?" Ser casado, ser solteiro são apenas posições. Uma não é o bem, a outra não é o mal. Aliás, o diálogo segue dizendo que num filme os personagens eram amantes porque não se falavam durante os primeiros vinte minutos.

No mesmo sentido, Bacon está presente com suas figuras humanas distorcidas, como se o seu pincel se esparramasse sobre a tinta que delineia o rosto humano, no sentido de descobrir/abrir passagem para o que está por trás da imagem. Até que ponto nos sentimos desnudados pelas tintas distorcidas de Greenaway? Pelos *travellings* laterais dissecando a geografia longitudinal do espaço cênico? Os movimentos de câmera correm como bisturis, abrindo cortes no âmago da questão: o poder.

Requinte e podridão em convivência harmoniosa. Os figurinos de Jean-Paul Gautier, a culinária do *chef* e a truculência do "ladrão" e sua trupe. Ele é o poder acima de todos os valores e todas as pessoas, é a encarnação do terror. O poder instaurando o terror dentro do restaurante em que "o cozinheiro" exerce sua arte respeitada pelo truculento. Pode?

O ato de comer sempre identificou os poderosos. Desde todos os tempos. Nos filmes épicos sobre o Egito na época dos faraós, sobre o Império Romano, nos castelos da Europa medieval, sempre se festejou a vitória do mais forte sobre o mais fraco com banquetes. Orgia culinária e representação de poder sempre estiveram juntas. "O ladrão" dá aulas de bons modos e requinte culinário numa tentativa de legitimar o seu *status* de poderoso. Ele tem o dinheiro, ele faz o que quer, mas não consegue ver. Não vê sua mulher trai-lo com "o amante", um colecionador de livros, ginecologista, judeu, que ama porque conseguiu ficar sem falar durante os 20 primeiros minutos do filme.

Murilo Salles é diretor de *Nunca Fomos Tão Felizes*, *Faca de Dois Gumes* e de cinema publicitário.

Art Films

O amante (Alan Howard), a mulher do ladrão (Helen Mirren) e o cozinheiro (Richard Bohringer) na hora do lanche

vídeo& EQUIPAMENTOS

Nas Locadoras

Os Clássicos
Morte em Veneza
e **Os Desajustados**
e mais
50 Lançamentos

Detector de Pirataria

Com Quatro Cabeças e Design Interno Realizado por Computador, o 641, da JVC, Elimina a Distorção de Cores

OS MELHORES

A Editora Azul orgulhosamente apresenta Set Especial 1000 vídeos, uma superprodução que vai fazer o maior sucesso em sua telinha. Agora você está com tudo. Os filmes vêm divididos por gêneros, com títulos em português, títulos originais, atores, diretores e sinopse. E tem mais: endereço das principais distribuidoras e rede de assistência técnica para seu equipamento. Garanta seu exemplar o quanto antes. As edições anteriores esgotaram nas bancas.

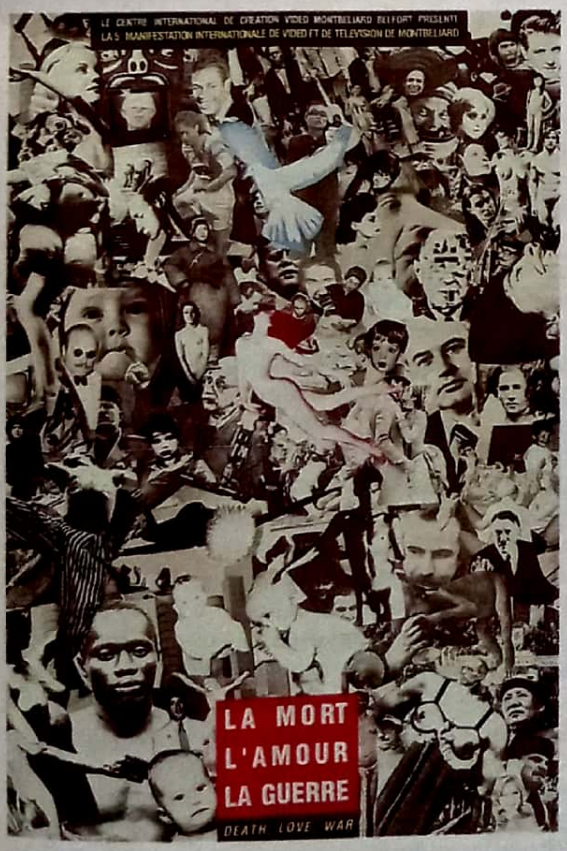
SE VOCÊ TEM UM VÍDEO, VOCÊ PRECISA DE 1000 VÍDEOS.

EDITORA AZUL

EM CARTAZ NA BANCA MAIS PRÓXIMA.

Vídeo Independente I

Raramente divulgado fora do Brasil, o vídeo independente nacional conquistou, pela primeira vez, um grande espaço em um dos mais importantes festivais internacionais dedicados ao meio — a Manifestação Internacional de Vídeo & TV de Montbéliard (França), cuja quinta edição foi realizada em junho. Na competição oficial participaram Renato Barbieri (com *Expiação*) e Farouk Salomão (*Apocalipse em Goiânia*). Na seleção *hors-concours*, foram exibidos *Angola*, de Roberto Berliner, e *Crianças Autistas*, de Lucila Meirelles, além de trabalhos de Marcelo Machado, Marcelo Tas, Fernando Meirelles, Sandra Kogut, entre outros. O produtor Berliner, além de participar como autor, também integrou o júri do festival. Os *videomakers* foram convidados a tomar parte do evento por Pierre Bongiovanni, seu organizador, no ano passado, durante o 7.º Videobrasil, em São Paulo.



O cartaz do festival de Montbeliard, com o tema: "A morte, o amor, a guerra"

Em Dia com os Melhores Lançamentos

Já está nas bancas a nova edição dos 1000 Vídeos de SET. Essa seleção dos melhores filmes disponíveis nas locadoras, em edição atualizada, oferece tudo o que há de novo nos mais diversos gêneros: drama, aventura, comédia, terror... e uma nova seção especializada em filmes de arte. Para facilitar a consulta, um índice completo com títulos em português, títulos originais, atores, diretores e os endereços das principais distribuidoras. Essa é a melhor oportunidade para se ficar em dia com os principais lançamentos.

Vídeo Independente II

Se até o ano passado o espaço para revelação de talentos do vídeo nacional era restrito a um único evento sério e regular — o Videobrasil, em São Paulo —, em 1990 o panorama é bem diferente. Três novos festivais abrem espaço, neste segundo semestre, para a divulgação e o reconhecimento (por meio de prêmios) da produção independente, amadora e profissional. Em Taubaté (SP), a Secretaria de Cultura promoverá, entre 25 e 28 de outubro, o 1.º Torneio Paulista de Vídeo; em Florianópolis (SC) acontecerá de 23 a 26 de agosto o 1.º Festival Latino-Americano de Vídeo; em Canela (RS) será realizado, entre 2 e 5 de agosto, o 1.º Festival Sul-Americano de Vídeo Produções. O único cujas inscrições ainda estão abertas é o Torneio Paulista: até 31 de agosto, pessoalmente ou via correio, para a Rua da Consolação, 2333, 11.º andar, São Paulo, SP, CEP 01301.

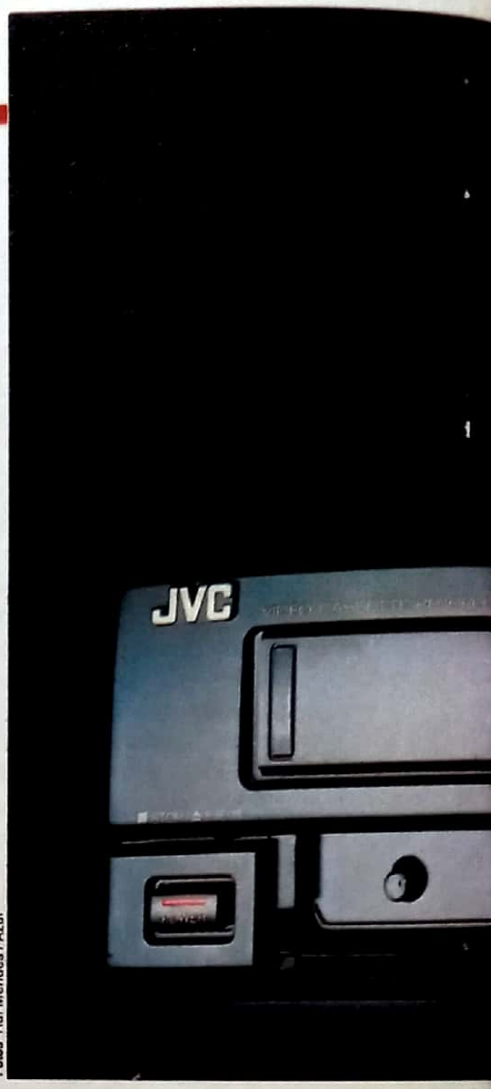
Nova Geração de TVs

A Philips está lançando cinco novos modelos de televisor em cores — como carro-chefe, ela apresenta o modelo 21CT7470, com tela plana de 21 polegadas, som estéreo (e efeito *surround sound*) e transcodificação automática Pal-M/NTSC. O aparelho permite acompanhar a trilha sonora original de filmes transmitidos por meio do segundo canal de áudio (SAP); possui controle remoto de 38 funções; e dispõe uma entrada tipo Y/C para conexão de videocassete Super-VHS. Além desse, estão sendo lançados televisores em cores de 14, 16, 20 e 28 polegadas com *design* atualizado, e recursos encontrados antes apenas nos modelos mais sofisticados, como menu de funções na tela, sintonia digital para VHF e UHF, programação automática de canais e ajuste de tensão 110/220 volts, também automatizado.

O modelo 7470, carro-chefe da Philips

O Design a Serviço da Técnica

Com auxílio de um programa de Computer Aid Design, o videocassete HR-D641-M, da JVC, tem acabamento mecânico inigualável, o que o torna um detector de pirataria



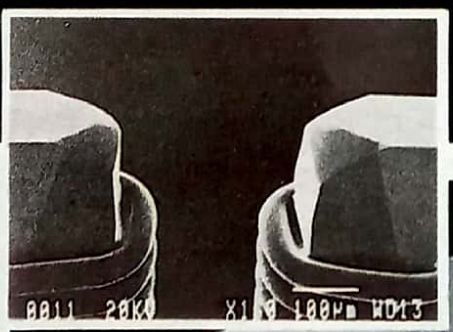
Fotos Rui Mendes / Azul

Depois de treze anos desenhando e redesenhando videocassetes VHS, a JVC japonesa, que inventou o formato, mais uma vez dá um salto no tempo, incorporando a mais nova tecnologia na realização do projeto de engenharia e *design* de seu novo videocassete. Recém-lançada no Brasil, a máquina HR-D641M, de quatro cabeças, duplo azimute e som mono, foi desenhada com ajuda de um programa de tipo CAD (Computer Aid Design), que deu a ela, internamente, uma precisão mecânica incomparável no contato das cabeças com a fita, e, externamente, um acabamento tão sofisticado quanto o dos equipamentos profissionais fabricados pela JVC. A principal novidade, nesse sentido, é a instalação de pés circulares achatados, no formato de "patas" de sondas espaciais, que proporcionam estabilidade superior ao videocassete, afastando possíveis interferências causadas por trepidação. A seguir, os resultados de um ensaio técnico exclusivo realizado pela SET, em que foi utilizado um aparelho cedido pelo fabricante.

CABEÇAS DE VÍDEO — São quatro, de duplo azimute (ou seja, duas cabeças, cada qual com dois *gaps*, ou fendas, de reprodução), em formato ovalado, com balanceamento em nível microscópico, que torna a máquina uma espécie de detector de pirataria. O balanceamento perfeito é uma meta desejada em qualquer projeto de engenharia para videocassetes, uma vez que as cabeças giram em alta rotação, em contato com a fita. Qualquer desequilíbrio altera o ângulo desse contato (e por conseguinte, compromete a imagem). No caso do 641, o desenho das cabeças sem cantos ásperos permite que suas bordas entrem em contato pleno com a fita, e isso acontece trinta vezes por segundo, sem desequilíbrio. Como as cabeças fazem uma varredura das trilhas gravadas num movimento de cima para baixo e da esquerda para a direita, o começo do contato sempre se dá nas linhas superiores da tela. No ensaio técnico, foram observadas estas linhas, onde costumam ocorrer, nas fitas copiadas sem equipamentos profissionais digitais (isto é, nas fitas-pirata), "disparos" de cores (riscos instantâneos coloridos) ou "flutuação" (instabilidade de saturação). É claro que esse defeito pode surgir por problemas no próprio videocassete. Mas o 641 garante a redução da distorção das cores e a interferência no sinal reproduzido. Portanto, para segurança do usuário, se esses "disparos" ou "flutuações" ocorrerem há 99% de chance de que a fita seja pirata.

GERAÇÃO TECNOLÓGICA — Apesar de tamanha sofisticação no projeto, o 641 chega ao Brasil com som mono, dando a impressão de que os técnicos japoneses ignoraram o fato de que quase a totalidade dos laboratórios de duplicação nacionais copiam fitas seladas em hi-fi (som de alta qualidade gravado por cabeças de áudio giratórias; se a trilha sonora tiver sido gravada em estéreo, o hi-fi sairá estereofônico; caso contrário, monofônico). Apesar deste senão, o 641 pertence à última geração, incluindo os pés com formato de "patas" de sonda espacial, uma marca registrada dos projetos realizados por computador. Essas sapatas circulares colaboram para reduzir sensivelmente as vibrações mecânicas externas.

MECÂNICA — A JVC avisa que o



O 641 tem quatro cabeças de duplo azimute, em formato ovalado (ao lado), com balanceamento em nível microscópico. Além das funções habituais (à direita), o modelo apresenta recursos "intro", 'index" e "go-to"

641 só pode ser usado em posição horizontal (como, aliás, é normal). Por que o aviso, então? O objetivo da nova geração de videocassetes é reduzir o desgaste da fita magnética e também das cabeças de vídeo. A peça que mais trava contato com a fita é o rolo pressor de borracha, ou *pinch roller*, que traciona a fita. Para ele funcionar adequadamente no 641 é imprescindível que o aparelho esteja bem nivelado. Enquanto na maioria dos videocassetes esse rolo permanece no trajeto da fita, no 641 ele repousa em um compartimento em outro nível, dentro do mecanismo. Quando é acionado, ele "desce" para pressionar a fita contra o cápstan (eixo trator). Outra novidade está no rolete de impedância — nome de uma peça estratégica, que isola o movimento das cabeças em alta rotação do movimento do carretel cheio de fita. Quando esse tipo de rolete se suja ou trava, acaba riscando a fita. Agora ele é feito de uma liga metálica dourada que repele sujeira, com uma superfície que absorve vibrações e protege a fita.

VOLTAGEM — A JVC atendeu aos anseios dos usuários brasileiros — instalou seleção automática de voltagem 110/220 volts.

CONTROLE REMOTO — Embora conste no manual que o alcance é de oito metros, o teste demonstrou que ele só funciona bem até quatro metros de distância do aparelho. Tem botão *eject*, além das funções convencionais.

CONTAGIROS/MENSAGENS —

Com hora, minuto e segundo, envia menu de programação à tela da TV.

GRAVAÇÃO PROGRAMADA — Deve ser feita por controle remoto. O 641 tem tecla de gravação a um toque (ITR), com contagem regressiva para desligamento (cada toque aumenta em 30 minutos o tempo de gravação).

SEARCH — Produz "venezianas", ou divisões horizontais na imagem, o que leva a concluir que o recurso de cabeças ovaladas não influi no desempenho da busca rápida.

OPERAÇÕES AUTOMATIZADAS — Além das habituais (*eject*, pausa em *rec* para edição etc.), apresenta o recurso "intro" lançado no modelo 440, da JVC, isto é, exibe na tela trechos iniciais de cada bloco gravado da TV numa fita doméstica. O "index" salta blocos gravados ou trechos pré-memorizados. O "go-to" não depende, como no 440, de a fita ser zerada na ponta transparente inicial. Basta, por exemplo, acionar a tecla "go-to", digitar "-15 min." e o vídeo anda para trás exatamente esse tempo de exibição normal em poucos segundos. Contudo, a contagem "atual" de tempo é perdida, pois o contador se zera automaticamente depois da operação (tanto no avanço quanto no recuo).

SLOW-MOTION — Muito bom desempenho nas cinco velocidades de reprodução lenta.

CIRCUITO REALÇADOR — HQ (*High Quality*) com botão *sharpness*, que no ensaio não precisou ser alterado da posição central para garantir a definição da imagem.

CHAVEAMENTO NTSC/PAL-M — Automático mesmo em *slow* e em *search*, perfeito durante o teste. Tem chave para opção manual.

MANUAL DO PROPRIETÁRIO — Prolixo, mas completo.

ACESSÓRIOS — Cabo coaxial com conectores "F", balum divisor de antena (UHF-VHF), cachimbo misturador de antena, pilhas "AAA" para o controle remoto.

DIMENSÕES E PESO — 36 x 33 x 9 cm. 5 kg.

PREÇO — Aproximadamente Cr$ 50 mil (em Manaus).

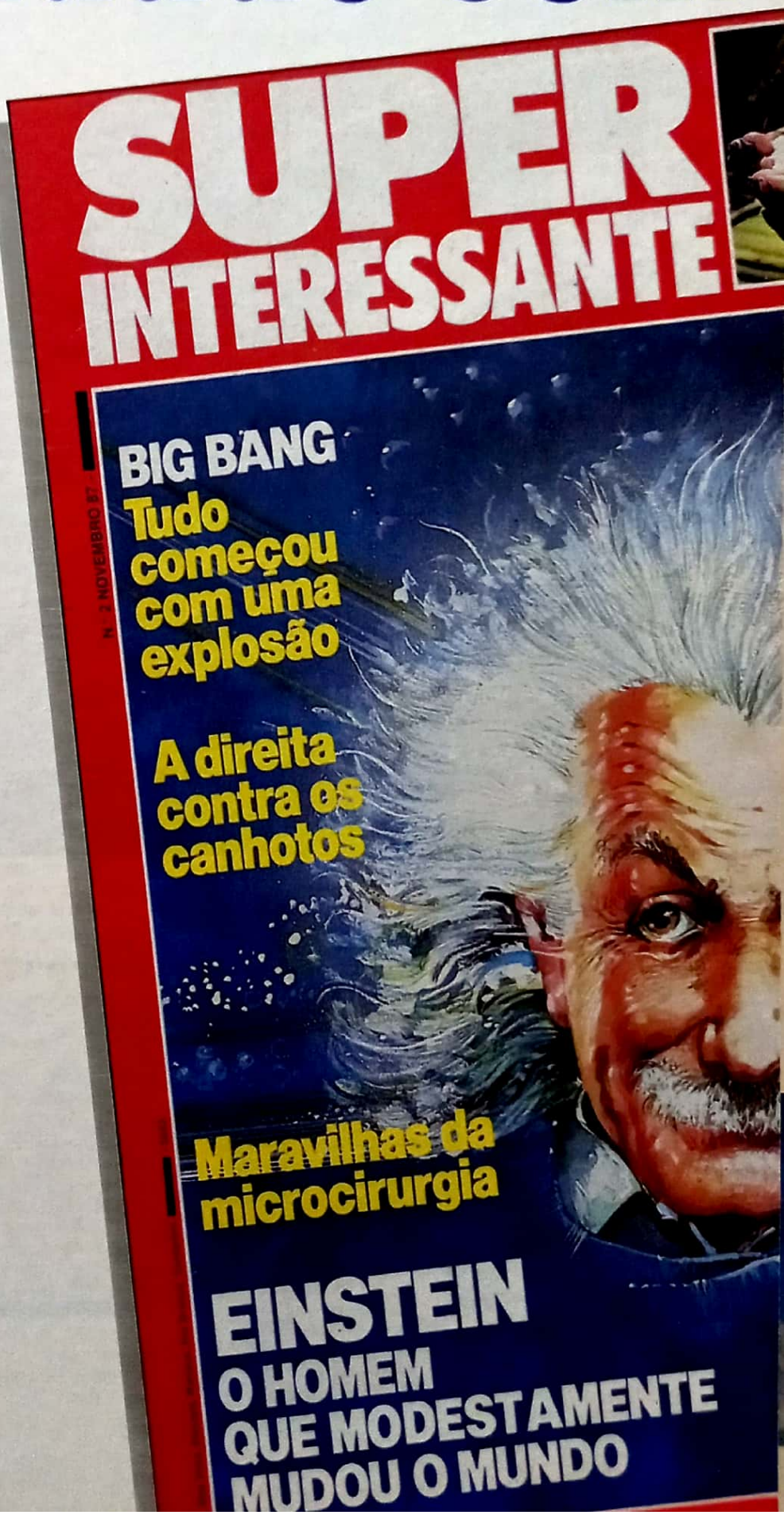
Jairo Tadeu Longhi

Fotos Rui Mendes/Azul

O controle remoto (no alto) possui tecla "eject", além das funções convencionais. Embora conste no manual que seu alcance é de oito metros, no teste só funcionou bem até quatro metros de distância do aparelho. Acima, o painel de controle

Curiosidade sem limite.

Você sabe o que é a Teoria da Relatividade?
Como o corpo humano se defende dos vírus e das bactérias que o atacam?
Como foi formado o Universo?
Por que os gordos são gordos e os magros são magros?
Quais são as ameças criadas pelo homem à sua própria sobrevivência?
Tudo aquilo que você não aprendeu na escola, porque era chato, difícil ou cheio de regras, e as novas descobertas que nem sempre dá para entender, por serem complicadas, estão todos os meses nas páginas de SUPERINTERESSANTE de forma simples, atraente, bem ilustrada.
Você vai ver como é fácil e gostoso saber mais sobre todas as coisas.
Leia SUPERINTERESSANTE, a revista para curiosos de todas as idades.

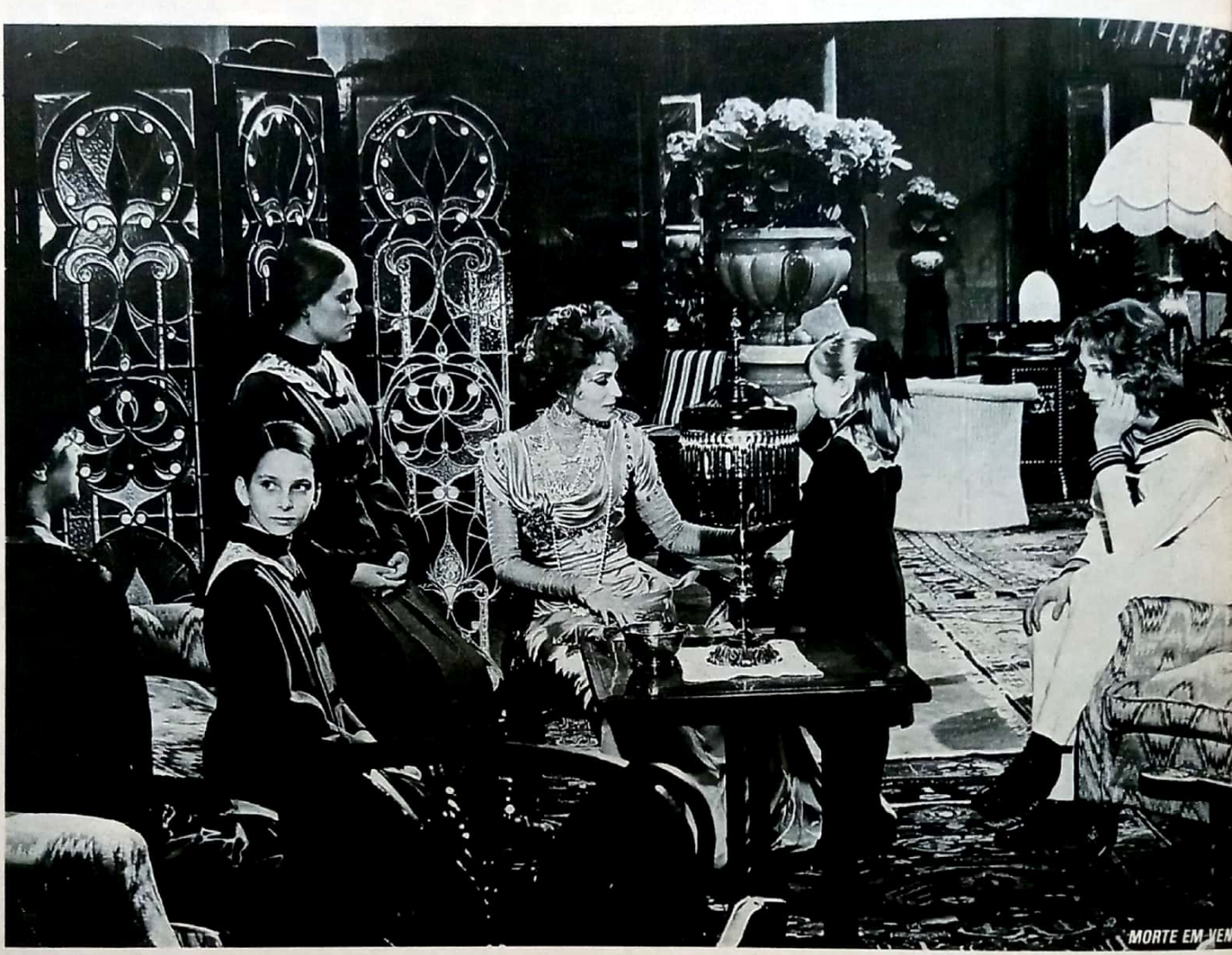


PENSE SUPER

EDITORA ABRIL 4 ANOS

TODO MÊS NAS BANCAS

Warner



DRAMA

UMA MULHER UMA VIDA ●●
(The Fortunate Pilgrim, Itália/EUA, 1988).
Direção: Stuart Cooper. Com Sophia Loren, Yorgo Voyagis, Edward James Olmos. Herbert Richers.
É com aplicação burocrática que Sophia Loren faz a Lucia deste *Uma Mulher Uma Vida*, saga familiar que celebra a imigração italiana nos EUA. O que se pode dizer é que a produção é cara e requintada (tem dinheiro do magnata da TV italiana, Silvio Berlusconi). No mais, existem apenas os muitos episódios lacrimosos da trajetória de Lucia entre 1915 e 1945, numa história que leva a assinatura de Mario Puzo (de *O Poderoso Chefão*). Ou seja, pouca inspiração generalizada. *M.S.*

MORTE EM VENEZA ●●●●●

(Death in Venice, 1971, Itália)
Direção: Luchino Visconti. Com Dirk Bogarde, Mark Burns, Bjorn Andersen, Silvana Mangano, Marisa Berenson. Warner.
Obra máxima de Luchino Visconti (1906-1976). O diretor italiano realizou o que parecia quase impossível: sintetizar as 212 páginas do livro homônimo de Thomas Mann, publicado originalmente em 1913, sem tirar-lhe a essência. Gustav Aschenbach (Bogard) é um compositor alemão em visita a Veneza e à procura de tratamento para seu stress. Impressionado com a beleza tétrica e deprimente da cidade (contaminada pela cólera), ele descobre Tadzio, um adolescente cuja beleza coloca em dúvida suas idéias sobre a arte, a vida e a morte. Visconti, numa narrativa lenta, detalhista e com a ajuda da música de Gustav Mahler, encontra o ponto de intersecção entre a tragédia e a sensualidade humana. Não há nada mais romântico, trágico e contemporâneo do que uma obra de arte que apresente o amor e a morte como as duas faces de uma mesma moeda.

Dilson Gomes

DOMINGO MALDITO ●●●●

(Sunday Bloody Sunday, Inglaterra, 1971)

Direção: John Schlesinger. Com Glenda Jackson, Peter Finch, Murray Head, Peggy Ashcroft. Warner.

Por menos convencional que seja, todo relacionamento necessita de uma dose de compromisso. Não é o que pensa o artista plástico Bob (Murray Head), que transita com a mesma tranqüilidade de quem atravessa um sinal verde pela cama do médico Daniel (Peter Finch) e de uma relações-públicas (Glenda Jackson). Essa tranqüilidade inquieta o frio doutor e a feminista divorciada, que se vêem impossibilitados de definir sua relação com Bob. Extremamente sensível e inteligente, Schlesinger (*Perdidos na Noite*) extrai de seus personagens todas as inquietações de um amor que passa a ser questionado pela ótica do abandono. *W.A.S.*

VOANDO PARA O SUCESSO ●

(Flying, Canadá, 1986)

Direção: Paul Lynch. Com Olivia d'Abo, Rita Tushingham, Jessica Steen. F.J. Lucas.

Dramalhão digno de novela mexicana: garota pobre sofre um grave acidente de carro, mas mantém o sonho de se tornar ginasta olímpica. Para isso tem de enfrentar o padrasto malvado e as colegas ricas e esnobes da academia. O final é previsível. *J.G.C.*

UM AMOR DE VERÃO ●●

(One Summer Love, EUA, 1976)

Direção: Gilbert Cates. Com Beau Bridges, Susan Sarandon, Mildred Dunnock, Ann Wedgeworth. LK-Tel/Columbia.

Ao deixar a clínica para doentes mentais onde permaneceu por vários anos, Jesse Arlington (Beau Bridges) volta para sua cidade natal à procura da família. Lá conhece Chloe (Susan Sarandon), que trabalha na *bonbonnière* do cinema, e juntos iniciam um conturbado relacionamento. A obsessiva procura por seus familiares o levará a descobrir que pode ser o assassino de sua própria mãe. Sensível desempenho de Beau Bridges, nessa história um tanto *déjà-vu* de um homem à procura de seu caminho. *W.A.S.*

Warner

O MAGNATA GREGO ●●

(The Greek Tycoon, EUA, 1978)

Direção: J. Lee Thompson. Com Anthony Quinn, Jacqueline Bisset. CIC.

Anthony Quinn, que no filme se chama Theo Tomasis, é na verdade, o multimilionário armador grego Aristóteles Onassis. Jacqueline Bisset é Liz Cassidy, ou melhor, Jackie Kennedy. A produção é luxuosa, com belas paisagens e locações na Grécia e nos Estados Unidos. Pena que o *script* capenga coloque tudo em banho-maria. Na certa, os roteiristas acreditaram que um filme baseado em fatos reais, envolvendo conhecidos personagens do *jet set* internacional, poderia caminhar por si só. Ledo engano. Confundiram cinema com jornalismo sensacionalista. *P.C.*

OS DESAJUSTADOS ●●●●

(Misfits, EUA, 1961)

Direção: John Huston. Com Clark Gable, Montgomery Clift, Marilyn Monroe. Warner.

Uma coleção de desajustes: Huston em baixa, com um filme caríssimo em preto e branco nas mãos; Marilyn Monroe caída, à base de barbitúricos, atrasando as filmagens; Clift no princípio de seu próprio processo autodestrutivo; Gable à beira de um ataque cardíaco (que o fulminaria algum tempo depois de terminadas as filmagens — segundo sua esposa, por culpa dos atrasos de Marilyn); a desordem amorosa do casal Marilyn/Arthur Miller, o roteirista, humilhado por ela no desenrolar das filmagens. Do desastre aparente, uma obra luminosa. Um canto-de-cisne dos três astros (praticamente seu último filme), num *western* temporão.

Gable e Clift são vaqueiros no mundo moderno, em decadência irreversível. Resolvem laçar mustangues para garantir uns trocos (os cavalos vão virar comida para cachorro), na companhia de Marilyn, talvez em seu melhor papel: uma loira aparentemente burra, divorciada, que é na verdade a personificação da sensibilidade feminina. Ela fica horrorizada com os maus-tratos impingidos aos animais, com as quedas dos caubóis, com qualquer violência. Enlaça-os todos com sua força primitiva, de uma fragilidade enganadora. É a própria natureza, também ela, ferida: os mustangues estão sumindo da América. Os caubóis são dinossauros em extinção. Huston fez destes desajustes um filme claro, escuro, belo, inesquecível. *Carlos Volpato*

Warner

AVENTURA

UTU ••
(Utu, Nova Zelândia, 1983)
Direção: Geoff Murphy. Com Anzac Wallace, Kelly Johnson, Tim Elliott. Vídeo Ban.
Na língua dos nativos da Nova Zelândia *utu* significa vingança. E vingança é o que quer Te Wheke após testemunhar o massacre de sua tribo pelos colonizadores britânicos. Da reflexão ele passa à ação, e logo estará à frente de um exército de guerrilheiros. Mantendo a estrutura típica de um western, o filme ressente-se, no entanto, de um toque mais pessoal do diretor e roteirista Geoff Murphy. Nunca se sabe se ele está do lado dos colonizados ou dos colonizadores. *P.C.*

FORÇA OPOSTA ••
(Hell Camp, EUA, 1986)
Direção: Eric Karson. Com Tom Skerritt, Lisa Eichorn, Richard Roundtree. LK-Tel/Columbia.
Um grupo de pára-quedistas é enviado para uma base americana com o objetivo de ser submetido a um treinamento de combate simulado. A única mulher do grupo torna-se presa fácil do oficial encarregado das operações, um tipo sádico que expõe seus comandados a situações cruéis e ultrajantes, a ponto de chegar à prática do estupro. Algumas boas seqüências de ação e um clima de tensão permanente tornam o filme plenamente digerível, a despeito do excesso de sadismo. *P.C.*

PÉ NA ESTRADA •
(Retreads, EUA, 1988)
Direção: James A. Connell Com Laura Banks, Eb Lottimer. Mundial.
Quatro motoqueiros salvam uma cientista das garras de terroristas que se apoderaram de um artefato nuclear. Essa aventurazinha em tom de comédia não consegue disfarçar o amadorismo com que foi produzida e dirigida. *P.C.*

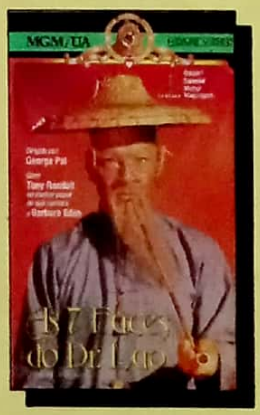
QUICKSILVER — O PRAZER DE GANHAR ••
(Quicksilver, EUA, 1986)
Direção: Tom Donnelly. Com Kevin Bacon, Jami Gertz, Paul Rodriguez. LK-Tel/Columbia.
A idéia inicial é de difícil aceitação. Depois de perder tudo o que tinha, um corretor da bolsa de valores consegue colocação numa agência que emprega ciclistas para entregar mercadorias a seus legítimos donos. Não faltam as inevitáveis seqüências de exibição ciclística pelas ruas e ladeiras da cidade. Quem procurar algo além disso irá se decepcionar. Os personagens não passam de estereótipos, e tudo é tratado de forma extremamente superficial. *P.C.*

CÉU EM CHAMAS ••
(Steal the Sky, EUA, 1988)
Direção: John Hancock. Com Mariel Hemingway, Ben Cross. CIC.
Às vésperas da Guerra dos Seis Dias entre árabes e judeus, o governo de Israel arquiteta um plano ousado — roubar um Mig soviético da Força Aérea do Iraque. Para tanto, contará com a preciosa colaboração de uma bela agente (Mariel Hemingway), cuja missão consiste em seduzir um piloto iraquiano. Agindo o tempo todo como se tivesse posando para a capa de uma revista de moda, Mariel mantém a mesma expressão imperturbável, até quando, no deserto, é obrigada a ocultar-se do bombardeio inimigo. De resto, não se pode exigir muito de um filme que tem nas seqüências de perseguição aérea seus melhores momentos. *P.C.*

A CHAVE DO MISTÉRIO ••
(Blade in Hong Kong, EUA, 1985)
Direção: Reza Badiyi. Com Terry Lester, Keye Luke, Mike Preston. Mundial.
Ambientado na exótica Hong Kong, este telefilme tem como herói um detetive particular cujo pai é um milionário chinês por quem foi adotado quando ainda garoto. Aqui ele enfrenta uma quadrilha disposta a roubar um valioso livro venerado por milhares de fiéis. O resto é o de sempre: perseguições nas movimentadas ruas de Hong Kong, pancadarias e um pouco de romance para adocicar a trama. Tudo, enfim, o que se pode esperar de um filme feito para a TV. O elenco é irregular, destacando-se a figura do veterano Leslie Nielsen *(Corra Que a Polícia Vem Aí)*, eficiente como sempre na pele de um vilão. *P.C.*

GUERREIROS DO APOCALIPSE •
(Land of Doom, EUA, 1986)
Direção: Peter Maris. Com Deborah Rennard, Garrick Dowhen. Mundial.
Terra pós-apocalipse. A desolação toma conta de tudo. Os poucos sobreviventes, pilotando motos e sucatas ambulantes, entregam-se à violência, à rapina e ao saque. Não, não se trata de *Mad Max*. Muitas coisas separam um do outro; a começar pelo herói, que aqui é uma beldade loira, armada com uma espécie de besta (arma usada na Idade Média) e avessa a qualquer contato com homens. Tudo aqui é pobre, e não só no que se refere a orçamento. *P.C.*

AS 7 FACES DO DR. LAO •••



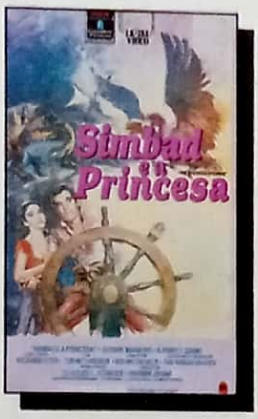
(7 Faces of Dr. Lao, EUA, 1964)
Direção: George Pal. Com Tony Randall, Barbara Eden, Arthur O'Connell, John Ericson. MGM/Vídeo Arte.
Encantamento e magia entrelaçam-se quando o circo do enigmático dr. Lao chega a Abalone, uma pequena cidade do Oeste, mudando para sempre a vida de seus habitantes. Assim é que, ao som da flauta de Pã, a bibliotecária frígida conhecerá os ardores da paixão; e a velha megera, convertida numa estátua de pedra por obra e graça da Medusa, retornará ao mundo real completamente transformada. Depois de várias experiências semelhantes, os moradores de Abalone deverão decidir se aceitam ceder às pretensões de um déspota ambicioso e cético que quer comprar a cidade, por onde deverá passar uma via férrea que trará prosperidade. Essa encantadora fábula, roteirizada por Charles Beaumont a partir de uma novela de Charles Finney, destaca-se pelo brilhante desempenho de Tony Randall, que, além do papel-título, vive outros cinco personagens. O filme ganhou, merecidamente, o Oscar de Maquiagem para William Tuttle.

Paulo Capuzzo

GIMKATA, O JOGO DA MORTE ●
(Gimkata, EUA, 1985)
Direção: Robert Clouse. Com Kurt Thomas, Tetchie Agbayani. Video Arte.
Clouse (que lançou Bruce Lee em *Operação Dragão*) mostra um atleta (Kurt Thomas) que vai defender a instalação de satélites americanos num lugarejo asiático chamado Parmistan e participar de uma maratona. Overdose banal de artes marciais.
A.Q.N.

SEM LIMITES ●●
(Starlight Hotel, Nova Zelândia, 1988)
Direção: Sam Pillsbury. Com Peter Phelps, Greer Robson. Vídeo Ban.
Recusando-se a viver na companhia da tia após a morte da mãe, uma garota cai na estrada, juntando-se a um foragido da Justiça. A hostilidade inicial entre eles vai transformar-se, pouco a pouco, em afeição, enquanto fogem da polícia viajando de um lugar a outro. Produção neozelandesa valorizada pela trilha sonora e pela fotografia, que explora com belas imagens as desoladas paisagens locais. Na verdade, este *road-movie* foi feito na medida certa para aqueles que gostam de uma história bem contada, com mensagem edificante.
P.C.

ENCRENCAS À VISTA ●●
(Running from the Guns, Austrália, 1987)
Direção: John Dixon. Com Jon Blake, Mark Hembrow, Nikki Coghill. Mundial.
Por obra do acaso, dois jovens caminhoneiros trocam a inofensiva mercadoria que deveriam transportar por outra muito mais valiosa, de dólares ilegais. É o que basta para sofrerem uma atroz perseguição, escapando por pouco de atentados e armadilhas mortais. Misto de comédia e policial, o filme é um digno representante do atual cinema comercial australiano. Ou seja, com produção impecável e boas seqüências de ação, é uma cópia do cinema americano, mas sem o mesmo *punch* e carente de personalidade própria.
P.C.



SIMBAD E A PRINCESA ●●●
(The Seventh Voyage of Sinbad, 1958)
Direção: Nathan Juran. Com Kerwin Mathews, Kathryn Grant, Torin Thatcher. LK-Tel/Columbia.
Aventura de Simbad, o marujo (Mathews) que atravessa o traiçoeiro mar das mil e uma noites até Colossa, a ilha maldita. Enfrenta ciclopes, dragões, pássaros gigantes, e um esqueleto magicamente animado, tudo para salvar sua amada, a princesa Parissa (Grant), enfeitiçada pelo perverso mágico Sakura (Thatcher). Bons efeitos especiais e boa fotografia dão a esse razoável filme "ares" de superprodução.
M.C.

CONDORMAN ●●
(Condorman, EUA, 1981)
Direção: Charles Jarrott. Com Michael Crawfort, Barbara Carrera, Oliver Reed. Abril Vídeo.
Aventura de espionagem produzida pelos Estúdios Disney em locações na França e Iugoslávia. O filme quase se limita a ser "turístico", pela quantidade de belas paisagens, já que o bom argumento é desperdiçado por uma direção fraca. O pouco engraçado Michael Crawford é o desenhista de quadrinhos Woody, criador do super-herói Condorman, que acaba indo trabalhar na CIA, como agente secreto. A vantagem do filme é juntar algumas perseguições engraçadas em supermáquinas (carros preparados, lanchas etc.) e ação quase ininterrupta — o bastante para fazer esquecer as piadas sem graça de Michael Crawford.
M.S.

Vídeo Arte

UIP

TERROR

CATACUMBAS ●●
(Catacombs, EUA/Itália, 1988)
Direção: David Schmoeller. Com Timothy Van Patten, Laura Schaefer, Jeremy West. Vídeo Ban.
Depois de permanecer mais de 400 anos encarcerado nas catacumbas de um mosteiro, um demônio volta a infernizar o local. A exemplo de Roger Corman rei dos filmes B, o produtor Charles Band, da Empire, sempre procurou compensar a falta de recursos com criatividade. Algumas vezes, como em *Reanimator*, foi bem-sucedido; em outras, como no caso dessa produção, nem tanto. Ainda assim, o filme conserva algumas boas idéias. Numa delas, o demônio possui a imagem de Cristo, que desce da cruz para eliminar um incauto. Trata-se de uma seqüência de blasfêmia explícita.
P.C.

CEMITÉRIO MALDITO ●●●
(Pet Sematary, EUA, 1988)
Direção: Mary Lambert. Com Dale Midkiff, Fred Gwynne, Denise Crosby, Brad Greenquist. CIC.
Belo e aterrorizante exemplar baseado em texto de Stephen King, também autor do roteiro. Uma família muda-se para uma cidadezinha do Maine, à beira de uma estrada perigosíssima. O médico Louis (Midkiff) e sua mulher (Denise) ficam apavorados: eles temem pela vida dos filhos e do gatinho Winston Churchill. Do outro lado da via mora o velho solitário Jud (Gwynne, o Hermann-*monstro*, da série de TV). Resultado: uma boa mistura de misticismo indígena, tecnologia mortífera e, é claro, uma boa fornada de intrépidos mortos-vivos.
D.G.

VÍDEO LANÇAMENTO

HELLRAISER — RENASCIDO DO INFERNO ●●●

(Hellraiser, Inglaterra, 1987)
Direção: Clive Barker. Com Andrew Robinson, Clare Higgins, Ashley Laurence, Sean Chapman. Paris*.
Frank (Sean Chapman) se apodera de um misterioso cubo, soluciona seu segredo e vai para o inferno, tendo sua pele mutilada por ganchos e correntes. Agora ele pertence ao reino dos cenobitas: criaturas retalhadas e rebordadas com pregos e arames.
Ignorando o paradeiro de Frank, seu irmão Larry (Andrew Robinson) vai morar com a esposa Julia (Clare Higgins) na casa em que Frank morreu. Na mudança, Larry corta a mão e seu sangue molha o assoalho onde jaz o esqueleto do irmão, que começa a renascer do inferno. Para recompor sua pele, Larry precisa de muito sangue humano. Julia, que era sua amante, o ajuda, matando inocentes.
Barker não revoluciona o gênero terror, mas o inova, trazendo seriedade à atual tendência de gozações. Ele faz um horror voluptuoso que aprofunda a noção de sadomasoquismo. A continuação, *Hellbound (ver matéria nesta edição)*, é ainda mais empolgante. *Walter de Silva*

* *Embora a Paris se tenha adiantado no lançamento de* Hellraiser *e* Hellbound *em vídeo, há uma disputa pelos direitos autorais desses títulos na Justiça, entre a própria Paris e a Transvídeo. Até o fechamento desta edição, não havia decisão judicial sobre a questão .*

O REINO DAS ARANHAS ●

(Kingdom of the Spiders, EUA, 1977)
Direção: John "Bud" Cardos. Com William Shatner, Tiffany Bollins. DIV.
Rack (Shatner), um fazendeiro, enfrenta um batalhão de aranhas, após descobrir que um de seus bezerros foi morto por uma picada venenosa.
Uma pesquisadora investiga e descobre que as mortes estão relacionadas ao uso de pesticidas. Com um pouco de romance e muitos clichês, a fita mostra os repulsivos aracnídeos em "câmera subjetiva". *A.Q.N.*

POLICIAL

ATO DE VINGANÇA ●

(Rape Squad, EUA, 1974)
Direção: Robert Kelljchian. Com Jo Ann Harris, Peter Brown, Jennifer Lee. Orion.
Após ser violentada por um sádico mascarado, Linda (Jo Ann Harris) forma (com outras vítimas de estupro) um esquadrão que entra em choque com a legalidade. O filme se enquadra no gênero "justiça com as próprias mãos", no qual o espírito de "denúncia" encobre o mero sensacionalismo. *A.Q.N.*

AMANTES EM FUGA ●●

(Outside Woman. EUA, 1988).
Direção: Lou Antonio. Com Sharon Gless, Scott Glenn, Max Gail. Herbert Richers.
Drama em ritmo *country* com alguns aspectos curiosos. Joyce (Sharon Gless) é uma loirona sulina que passa a freqüentar as visitas de um presídio, encontrando Jesse (Scott Glenn). Ele a excita de tal forma que ela resolve armar um plano para tirá-lo da prisão. O interessante da história é que a personagem Joyce é enriquecida por um imprevisto gosto por cinema, o que a leva a comparar as situações por que passa com outras já vistas na tela. O estranho cruzamento de cinefilia com música *country* é o máximo que o filme tem a oferecer. *M.S.*

SENTENÇA FINAL ●●

(L'Affaire Coffin, Canadá, 1979)
Direção: Jean Claude Labrecque. Com August Schellenberg, Yvon Dufour, Gabriel Arcand. Mundial.
Acusado de ter assassinado três americanos durante uma caçada de ursos na floresta de Gaspe, Canadá, Wilbert Coffin (August Schellenberg) é julgado e condenado à morte. Supostamente baseado em fatos reais, o filme peca ao não expor com mais clareza o complexo jogo de interesses que acaba levando Coffin à forca — o que ameniza, mas não invalida o impacto da denúncia. A iluminação sombria, quase expressionista, empregada para acentuar o clima de claustrofobia, não funciona bem na tela do vídeo. *P.C.*

A SORTE PELO AVESSO ●●

(3rd Degree Burn, EUA, 1989)
Direção: Roger Spottiswoode. Com Treat Williams, Virginia Madsen. CIC.
O diretor Roger Spottiswoode quis bancar Hitchcock neste policial. Um herói *free-lancer* fica perdido no meio de uma trapaça e cai temporariamente na clandestinidade. No centro da confusão está uma loiraça (Virginia Madsen, oferecendo um apetitoso visual *à la* Marilyn Monroe). No entanto, a partir do encontro do detetive Weston (Treat Williams) com a senhorita Scholes (Madsen), a quem tem de vigiar para o marido ciumento, a história passa a mostrar todas as sinuosidades previsíveis. Para piorar, o diretor teve a difícil missão de tornar Treat Williams um astro (ele continua um grandalhão insosso). Deu em um pouco recomendável engano. *M.S.*

OS 5 DE CHICAGO ●●●

(Bloody Mama, EUA, 1970)
Direção: Roger Corman. Com Shelley Winters, Robert De Niro, Bruce Dern. Globo Vídeo.
A ótima Shelley Winters é a convicta Kate Barker, a mãezona do mundo do crime que causa terror ao lado de seus quatro "meninos". Metralhadora em punho, ela os educou para serem bandidos competentes. E, em família, seqüestram, roubam e assassinam nos anos 20 e 30. Eles são encrenqueiros neuróticos, infantilizados e edipianos, sob o comando da durona "mama". Para ela, os "certinhos" invejam os fora-da-lei, pois não possuem a coragem deles. Um desempenho vigoroso de Winters, sob o punho cruel de um produtor e diretor lendário, Roger Corman. Brilhante, a montagem alterna cenas de documentários de época com comentários irônicos da protagonista. *A.Q.N.*

CHUVA DE CHUMBO ●●

(Out of Bounds, EUA, 1986)
Direção: Richard Tuggle. Com Anthony Michael Hall, Jenny Wright, Jeff Kober, Glyn Turman. LK-Tel/Columbia.
Uma simples troca de ma-

las no aeroporto de Los Angeles transformará as férias do jovem Daryl (Anthony Michael Hall), em algo mais do que inesquecível. Tudo isso porque na mala trocada há nada menos do que milhares de dólares em heroína. Perseguido pela polícia e pelos traficantes, ele e sua namoradinha Dizz (Jenny Wright) driblam uma chuva de tiros e perseguições. Ação frenética com muito rock'n'roll na trilha sonora e uma canja do grupo inglês Siouxie and the Banshees numa discoteca. *W.A.S.*

MORTE EM ATLANTIC CITY •
(GLitz, EUA, 1989).
Direção: Steven McGlothen. Com Jimmy Smits, John Diehl, Markie Post. Herbert Richers.
Um detetive-galã de origem hispânica, Vincent Mora (Jimmy Smits), se envolve em confusões no triângulo San Juan de Porto Rico-Miami-Atlantic City. O ponto de partida é o suposto suicídio de uma ex-namorada do herói, que havia trocado Porto Rico pela prostituição de luxo em Atlantic City. As coisas se complicam à medida que Mora descobre que chefões do crime organizado estão por trás do ocorrido. A falta de energia na direção também complica as coisas para o espectador, que ainda fica às voltas com a glamurização asséptica, estilo *Miami Vice*, que a direção injeta em todas as locações. *M.S.*

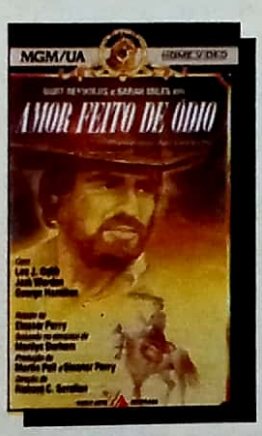
DOCUMENTÁRIO

A ERA CUBISTA •••
(The Cubist Epoch, EUA)
Direção: Bruce Seth Green. DIV.
Documentário didático produzido pela Universal Education and Visual Arts, essa fita pode servir como excelente introdução ao estudo de um dos movimentos artísticos mais marcantes do século. Na primeira parte, "Os Anos Iniciais (1907-1910)", o foco é centrado nas repercussões causadas pelo quadro de Picasso *Les Demoiselles d'Avignon*, considerado a primeira obra cubista. O bloco trata ainda da influência de pintores como Henri Rousseau, Gauguin e Cézanne sobre os principais iniciadores do movimento, Picasso e Bracque. A segunda parte, "O Cubismo Torna-se um Movimento (1910-1912)", fala principalmente de artistas que participaram das conquistas essenciais do cubismo e depois trilharam caminhos muito pessoais: Gleizes, Metzinger, Léger, Picabia, Duchamp, Chagall... O último bloco, "O Cubismo Final (1912-1921)" trata da expansão mundial do movimento. Entremeando imagens das obras e depoimentos de especialistas, esse documentário tem o dom de ser informativo sem aborrecer. *José Geraldo Couto*

Paris

DIV
A ERA CUBISTA

WESTERN



AMOR FEITO DE ÓDIO ••
(The Man Who Loved Cat Dancing, EUA, 1973)
Direção: Richard Sarafian. Com Lee J. Cobb, Burt Reynolds, Sarah Miles. Video Arte.
O fora-da-lei Jay (Reynolds) rouba a delicada Catherine (Miles) num assalto a trem. *Western* romântico do diretor do *cult* *Corrida Contra o Destino* (1970). O filme vale pelo desempenho da frágil Miles, num papel que lhe cai com perfeição. *A.Q.N.*

O TESOURO DOS RENEGADOS ••
(Der Schatz im Silbersee, Alemanha/Iugoslávia, 1962)
Direção: Harald Reinl. Com Lex Barker, Pierre Brice, Götz George. F.J. Lucas.
O caçador Old Shatterhand (Lex Barker) e o chefe apache Winnetou (Pierre Brice) são os protagonistas desta aventura baseada em conto do escritor alemão Karl May. Juntos, eles têm de enfrentar um bando de malfeitores disposto às maiores barbaridades para conseguir o mapa de um tesouro escondido no Lago da Prata. Como costuma acontecer nos relatos de May, este insólito faroeste (em que até os apaches falam alemão) alcança um certo encanto juvenil pela simplificação maniqueísta dos personagens e apelo ao exótico (costumes, índios, paisagens pitorescas). *J.G.C.*

ASSIM COMEÇOU TRINITY •
(Ace High, Itália, 1968)
Direção: Giuseppe Colizzi. Com Terence Hill, Bud Spencer, Eli Wallach. CIC.
Cat (Hill) e Hutch (Spencer) "convencem" um banqueiro a pagar à força 300 mil dólares pela recompensa de um roubo. O banqueiro, porém, manda o bandido Cacopoulos (Wallach) atrás deles para recuperar o dinheiro. Embora o título sugira, este filme não tem nada a ver com a série do personagem Trinity, inaugurada só em 1971. *A.Q.N.*

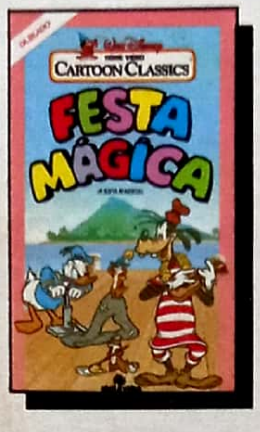
Video Arte

VÍDEO LANÇAMENTOS

ANIMAÇÃO

AS TARTARUGAS NINJA — A VOLTA DO DESTRUIDOR ●●
(The Teenage Mutant Ninja Turtles, 1988, EUA). Top Tape.
As quatro tartarugas musculosas com nomes de grandes artistas foram uma das mais agradáveis invenções do quadrinho norte-americano na década de 80. Sua versão em desenho animado chegou à TV brasileira antes da publicação em revista, e não dá uma idéia muito favorável das tartarugas heróicas. Essa adaptação para a TV foi direcionada ao público infantil, atenuando as características violentas do quadrinho original. O trabalho de animação, pelo menos, é de boa qualidade. Enquanto isso, o filme para cinema das tartarugas promete recuperar o que o desenho não mostrou.
M.S.

GASPARZINHO, O FANTASMINHA CAMARADA... ●●●
(Casper, The Friendly Ghost, EUA, 1951-53). Globo Vídeo.
Gasparzinho apareceu pela primeira vez nas telas em abril de 1948, mas só se tornou um astro regular da produtora Harvey (na época, filiada à Paramount) em 1950. Se não fosse um fantasma, Gasparzinho poderia muito bem pertencer ao universo Disney. Ele cumpre todos os rituais dos heróis ingênuos — só quer ajudar amigos em potencial. As histórias compiladas na fita demonstram roteiros repetitivos. A boa exceção fica com "O Fantasma da Cidade", de 1952, no qual ele se torna herói de uma grande metrópole e faz uma "aparição" no show de Ed Sullivan (mitológico apresentador de TV dos EUA). Bom programa.
M.S.



FESTA MÁGICA ●●●●
(Fiesta Mágica, EUA, 1930-40). Abril Vídeo.
Coletânea de curtas-metragens de animação produzidos pelos Estúdios Disney nos anos 30 e 40. O show é quase que exclusivamente do domínio técnico que a equipe de Walt Disney já demonstrava em meados dos anos 30. Os roteiros de violência "atenuada" fazem com que os adversários dos heróis (Donald, Mickey e Pateta) sejam o ambiente e as máquinas, favorecidos pela inabilidade dos personagens. Os melhores trechos ficam por conta do mais carismático personagem Disney, o Pato Donald. Três momentos valem a fita: os tombos com Pluto em "Piquenique na Praia", de 1939, "O Cozinheiro", de 1941, e, principalmente, "Tire Trouble", de 1942, em que as citações da música tornam a narrativa hilariante. *M.S.*

TICO E TECO DEFENSORES DA LEI — OS CAÇA-BANDIDOS ●●●

(Chip'n'Dale Rescue Rangers/Crimebusters, 1989, EUA). Abril Vídeo.
Os Estúdios Disney encontram-se empenhados nos últimos anos em uma saudável recuperação da qualidade técnica dos desenhos animados feitos para a televisão. Esse *Tico e Teco* modernizado é um passo adiante em relação ao já sofisticado *Duck Tales*.
As três aventuras contidas na fita oferecem o prazer visual de uma animação fluente e detalhista, nos moldes do que Disney produzia em seus curtas para cinema dos anos 40 e 50. A diversão só não é completa porque os roteiros se perdem no padrão de história policial que domina o desenho animado norte-americano (as boas e recentes exceções em exibição ainda são *Muppet Babies* e o novo *Super Mouse*). Tico usa uma simpática fantasia de Indiana Jones e Teco uma camisa florida *à la Miami Vice* — sinais dos novos tempos. São acompanhados por bons personagens coadjuvantes e vilões cômicos, em um programa eficiente.
Marcos Smirkoff

COMÉDIA

DOIS ESTRANHOS CONHECIDOS ●●
(Student Exchange, EUA, 1987)
Direção: Mollie Miller. Com Viveka Davis, Todd Field, Mitchell Anderson. Abril Vídeo.
Na Greenley High School, Carol (Viveka Davis) e seu colega Neil (Todd Field) formam um par de desajeitados de óculos que não conseguem se enturmar. Transferidos para outra escola, executam um plano louco: transam o corpo, mudam o visual e se disfarçam de estrangeiros: Carol, de francesa, e Neil, de italiano. Todos ficam fissurados com o charmoso casal "europeu". Uma rotineira comédia escolar que em bons momentos brinca com velhos estereótipos raciais. *A.Q.N.*

ARDIDA COMO PIMENTA ●●●
(Calamity Jane, 1953, EUA)
Direção: David Butler. Com Doris Day, Howard Keel, Allyn McLerice. Warner.
Numa típica cidade do Oeste americano, Calamity (Doris) é uma das poucas mulheres. Masculina e temida pelos homens, ela promete trazer para o *saloon* local a mais famosa das cantoras de Chicago. Enganada, traz no lugar dela uma camareira (Allyn). Premiada com o Oscar de melhor canção ("Secret Love"), essa comédia musical *kitsch* diverte principalmente por causa da versatilidade da "eterna virgem" Doris. Com o vozeirão de Howard Kell, no papel de Bill Hickok, eles fazem o duo romântico.
D.G.

ARMADOS E PERIGOSOS ●●●
(Armed & Dangerous, EUA, 1986)
Direção: Mark L. Lester. Com John Candy, Eugeny Levy, Kenneth McMillan, Meg Ryan. LK-Tel/Columbia.
Acusado de corrupção, o policial Frank Dooley (o bonachão John Candy) é expulso da polícia. Logo arruma muita confusão e um atrapalhado parceiro, o fracassado advogado Norman Kane (Eugeny Levy). Juntos, enfrentam uma perigosa quadrilha de mafiosos, que assalta depósitos usando como fachada a firma de guardas de segurança onde trabalham. Com boas e atrapalhadas seqüências, o filme se segura até o final surpreendente, com efeitos especiais bem engendrados e truques de câmera perfeitos. *M.C.*

DESDE CASANOVA ●●
(Not Since Casanova, EUA)
Direção: Brett Thompson. Com Charles Solomon, Tomi Griffin, Karen N. Marcus. VTI.
Muito mais uma brincadeira do que propriamente uma comédia, esse é

um filme de difícil classificação. Narra as aventuras e desventuras amorosas de um jovem imaturo, incapaz de se decidir a casar, mesmo tendo à sua inteira disposição sete belas garotas. Se a história é banal, a forma de contá-la não o é nem um pouco. Dividida em blocos, como se fossem esquetes, a narrativa é fragmentada e algumas vezes interrompida por cenas de animação. Na verdade, tais recursos, além de interferirem no ritmo, não contribuem para o que deveria ser essencial numa suposta comédia: o humor.

P.C.

O ANJO DETETIVE ●●●
(Justin Case, EUA, 1988)
Direção: Blake Edwards. Com George Carlin, Molly Hagan, Timothy Stack. Abril Vídeo.
As *gags* visuais ingênuas são a especialidade do diretor Blake Edwards *(A Pantera Cor de Rosa, Um Convidado Bem Trapalhão, Encontro às Escuras)*. Aqui, elas são provocadas por uma jovem (Molly) e seu amigo anjo (Carlin). Ao procurar emprego num escritório, a moça vê um cadáver. Mas o distinto falecido reaparece como um anjo, atravessando paredes e levantando objetos. Junto a ela, Case (o morto que só ela vê) tenta esclarecer seu próprio assassinato, relacionado com uma dama de negro. Dirigindo o ótimo Carlin, Edwards equilibra bem o tom pastelônico com diálogos afiados. Impagável a seqüência do interrogatório policial, em que ela responde sob orientação direta do anjo. *A.Q.N.*

MEU PRIMO AMERICANO ● ● ●
(My American Cousin, Canadá, 1985)
Direção: Sandy Wilson. Com Margaret Langrick, John Wildman, Richard Donat. Mundial.
O filme evoca, com nostalgia e uma eficiente trilha sonora calcada em *hits* da época, o final dos anos 50 numa cidadezinha do Canadá. A visita de um primo americano altera o comportamento de uma adolescente insatisfeita, cuja rebeldia é estimulada com a presença do recém-chegado. O filme recupera com humor a iconografia dos anos 50, valendo-se para isso do próprio cinema (o primo americano, com seu Cadillac vermelho, é um fac-símile de James Dean), num processo de referência capaz de injetar vida mesmo em alguns personagens estereotipados. *P.C.*

OS ESPERTINHOS ●●
(The Experts, 1989, EUA)
Direção: Dave Thomas. Com John Travolta, Arye Gross, Kelly Preston, Charles Martin Smith. CIC.
Travis Heath (Travolta) e Wendell Atwill (Gross), dois falidos gerentes de uma casa noturna em Nova York, são raptados e enviados para Indian Springs — na verdade uma cidade "americana" construída no interior da União Soviética com a função de treinar espiões da KGB, onde devem administrar uma discoteca. *Os Espertinhos* poderia fazer vir à tona piadas a respeito do choque de cultura entre as potências, mas revela-se um desprezível revólver de brinquedo contra o modo de vida russo. Último fracasso do "comediante" Travolta antes do estrondoso sucesso de *Olhem Quem Está Falando*. *D.G.*

SUSPENSE

CORTINA RASGADA ●●●
(Torn Curtain, EUA, 1966)
Direção: Alfred Hitchcock. Com Paul Newman, Julie Andrews, Wolfgang Kieling, Gunter Strack. CIC.
O cientista atômico americano Michael Armstrong (Newman) vai a Berlim Oriental e oferece seus préstimos ao governo comunista alemão, numa aparente traição a seu país. A atitude do cientista desconcerta sua noiva, Sarah (Julie Andrews), que voou no mesmo avião para Berlim sem ser convidada. Os desencontros e aventuras dos dois além da Cortina de Ferro são o recheio deste *thriller* de Guerra Fria castigado pela crítica como uma história sem ritmo e sem mistério. Visto hoje (quando paradoxalmente seu tema se tornou anacrônico, depois da queda do Muro de Berlim), *Cortina Rasgada* surpreende pela quantidade de belas seqüências. Uma delas (sempre cortada quando o filme é exibido na TV) vale o ingresso: o longo assassinato do agente Gromek (Kieling) com as armas mais insólitas — faca de cozinha, caldeirão, pá e, finalmente, forno a gás. Uma cena tão memorável que serviu de inspiração a um bom filme: *Gosto de Sangue* (1984), de Joel Coen. *José Geraldo Couto*

O ESPANTALHO ●
(The Scarecrow, Nova Zelândia, 1981)
Direção: Sam Pillsbury. Com John Carradine, Jonathan Smith, Daniel McLaren. Vídeo Ban.
Caquético e misterioso visitante (John Carradine) chega a uma cidadezinha rural nos anos 30 e espalha o terror ao perseguir indefesas mocinhas. Nem o veterano Carradine sabe o que está fazendo nessa inexplicável história. *W.A.S.*

CIC

MISSÃO SECRETA EM CHIPRE ●●●
(The High Bright Sun, Inglaterra, 1965)
Direção: Ralph Thomas. Com Dirk Bogarde, Susan Strasberg, Denholm Elliott, George Chakiris. F.J. Lucas.
Em Chipre, em 1957, quando o ódio nacionalista contra os ocupantes britânicos explode numa escalada de atentados terroristas, o major McGuire (Bogarde), oficial da inteligência inglesa, envolve-se com a estudante cipriota-americana Juno (Susan Strasberg). O problema é que a garota — que faz no país uma pesquisa universitária — está hospedada, sem saber, numa casa que serve como quartel-general dos separatistas cipriotas (a independência de Chipre seria conquistada três anos depois). A partir dessa situação, desenvolve-se um jogo de gato e rato, entre explosões de bombas e beijos apaixonados: McGuire vigia Juno e é vigiado por agentes separatistas. Estes, por sua vez, são vigiados por Charlie (Elliott), uma espécie de anjo da guarda de McGuire. Lavrando em campo alheio, o diretor Thomas, especialista em comédias, consegue driblar o tédio e a vulgaridade, mas não escapa do ranço colonialista. *José Geraldo Couto*

INFANTIL

FLASHMAN — A REVOLTA DE KAURA/DEIXE A TERRA EM PAZ/ ADEUS PLANETA TERRA ●
(Flashman, 1989, Japão)
Everest.
Três fitas (numeradas de 16 a 18) apresentam o final da saga dos Flashman — "versão econômica" dos Changeman. Quem não viu o começo da história não deve se preocupar. O roteiro se repete ao longo de todas as aventuras. *M.S.*

Everest

VÍDEO LANÇAMENTO

FICÇÃO

A CAÇADA DO FUTURO •
(Turkey Shoot, EUA, 1981)
Direção: Brian Trenchard-Smith. Com Steven Railsback, Olivia Hussey, Linda Stoner, Michael Craig. Herbert Richers.

No futuro (não explicado na fita) existem colônias de reeducação comportamental, onde são internados todos os opositores do governo ditador. A uma delas, controlada pelo impiedoso Thatcher (Craig) chegam Paul (Railsback), Chris (Hussey) e Rita (Stoner), novos "desviados" (nome dado aos rebeldes), escolhidos por Thatcher para participar de um jogo mortal — uma caçada em que eles são o alvo. O filme, apesar disso, se arrasta, os atores e o roteiro são medíocres e a ação é quase inexistente. *M.C.*

2010 — O ANO EM QUE FAREMOS CONTATO •••

(2010 — The Year We Make Contact)
Direção: Peter Hyams. Com Roy Scheider, Helen Mirren, Keir Dullea, John Lithgow. Vídeo Arte.
Como sói acontecer com as seqüências, esse filme é incomparável com seu antecessor: não tem nada em comum com *2001 — Uma Odisséia no Espaço*, obra-prima de Stanley Kubrick (1968), a não ser a presença de Keir Dullea no papel do astronauta Dave, que volta a aparecer como um mensageiro do apocalipse às vésperas de uma hecatombe nuclear na Terra. A história, baseada na ficção de Arthur C. Clarke — escrita por sugestão do autor de ficção científica brasileiro Jorge Luiz Calife — explica e simplifica todos os enigmas metafísicos deixados pelo próprio Clarke em *2001*, o que torna o filme mais digerível que o primeiro para o grande público, mas bem menos sugestivo e nada original. Embora impecável plasticamente, não consegue superar a fórmula estética legada por Kubrick, copiada, de resto, por inúmeras fitas de ficção, de *Alien* (1979) a *O Segredo do Abismo* (1989). Aventuresco (com certa dose de suspense), é recomendável aos fãs do gênero, que certamente verão nele um bom entretenimento. *Mario Nery*

MGM/UA

PARADA

Os mais alugados

1. **Corra que a Polícia Vem Aí** (CIC)
2. **Máquina Mortífera II** (Warner)
3. **Indiana Jones e a Última Cruzada** (CIC)
4. **K-9 Um Policial Bom pra Cachorro** (CIC)
5. **007 Permissão para Matar** (Warner)
6. **Hellraiser — Renascido do Inferno** (Paris)
7. **Contato Mortal** (Paris)
8. **Bagdad Café** (Paris)
9. **Na Trilha dos Assassinos** (Warner)
10. **Em Busca do Vale Encantado** (CIC)

Fontes: OMNI, 2001, Rentacom, Real Vídeo, Vídeo Factory, Vídeo Norte, Hobby Vídeo, Thimi Vídeo (SP); Vídeo 4 Clube, Vídeo Shack (RJ); Vídeo Service (DF); Scorpios Vídeo, Sygma Vídeo, Star Vídeo (GO); Vídeo Mania (PR).

ROMANCE

SARA DANE — UMA HISTÓRIA DE LUTA E PAIXÃO ••
(Sara Dane, Austrália, 1981)
Direção: Gary Conway e Rod Hardy. Com Juliet Jordan, Harold Hopkins, Trenton Whittle. Look.
Esse folhetim eletrônico foi feito para a TV australiana. Sara Dane é uma criminosa inglesa deportada para a Austrália, no início do século. Ao conhecer um oficial a bordo do navio, casa-se com ele, ganhando a liberdade. Tendo como pano de fundo a colonização da Austrália, o filme mostra, com uma narrativa arrastada que não consegue empolgar, a ascensão social de Dane, que ao lado do marido constrói um império financeiro, encontrando, porém, dificuldades para ser aceita pela sociedade da época. *P.C.*

RUIM	•
REGULAR	••
BOM	•••
EXCELENTE	••••
OBRA-PRIMA	•••••

SET

CINEMA & VÍDEO ESPECIAL

TERROR E FICÇÃO

SHOCKER

100.000 VOLTS DE TERROR

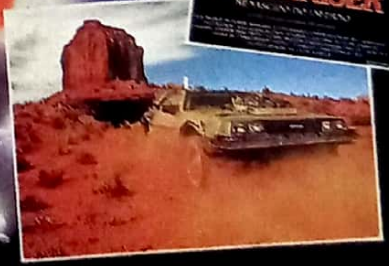
UM VILÃO QUE AMEAÇA FREDDY KRUEGER

ROBOCOP 2

DE LATARIA NOVA

GRÁTIS! 2 SUPERPOSTERS

HELLRAISER E DE VOLTA PARA O FUTURO 3



GREMLINS 2

JOE DANTE FALA SOBRE A VOLTA DOS ANARQUISTAS

NAS BANCAS

CR TV
ELETRÔNICA

Não perca tempo nem dinheiro. Conheça agora mesmo os preços da 1.ª loja de acessórios para TV, Game, Vídeo da rua mais agitada do mundo.

LINHA ANTENA
- Antena Externa VHF e UHF.
- Antena Interna Latôa Cromado.
- Conversor de UHF.
- Acessórios para instalação.

DEPARTAMENTO DE INSTALAÇÃO

LINHA VÍDEO CASSETE
- Capas para todos os modelos.
- Cabos para vídeo-TV.
- Conecções para vídeo-TV.
- Fitas Verbatim VHS

LINHA VÍDEO GAME
- Cartucho com 4 jogos.
- Joystick Anatômico.
- Peças para reposição de Joystick.
- Vídeo Game.

- Suportes para TV e Vídeo.
- Mesa para TV e Vídeo (Rack)

ATACADO E VAREJO
Rua Santa Ifigênia - N.º 44
CEP 01207 Consulte-nos
TEL (011) 229-5877

CARTAS

Michelle e Broderick

Parabenizo o crítico Antonio Querino Neto pela excelente matéria sobre a estonteante Michelle Pfeiffer (n.º 4, ano 4).
Marcelo de Cerqueira
(Salvador — BA)

Quero lembrar ao jornalista Antonio Querino Neto, em relação ao seu artigo sobre Michelle Pfeiffer (n.º 4, ano 4), que Kim Basinger não é apenas "uma ninfetinha esquecível" perante Michelle, pois foi eleita pelo quarto ano consecutivo a atriz mais sensual de Hollywood e também o símbolo sexual dos anos 80.
Letícia Pires
(Porto Alegre — RS)

Parabenizo SET pelo artigo com Michelle Pfeiffer (n.º 4, ano 4), e lamento a ausência de Matthew Broderick na seção Filmografias.
Fábio Akio Nagano
(Guarulhos — SP)

Gostei demais da entrevista com o ator Matthew Broderick (n.º 4, ano 4).
Lina de Lima
(Rio de Janeiro — RJ)

Peter Sellers

Quero saber a data correta da morte de Peter Sellers, pois, à página 73 da edição n.º 4 (ano 4), afirma-se que é 1980, e, no entanto, logo abaixo, informa-se que o mesmo ator fez dois filmes em 1982.
Germano Ribeiro
(Fortaleza — CE)

Nem sempre os filmes são lançados no mesmo ano em que são produzidos. O que ocorreu com o filme A Trilha da Pantera Cor-de-Rosa *é um pouco diferente. O diretor Blake Edwards utilizou cenas não aproveitadas das outras versões da* Pantera Cor-de-Rosa *e combinou-as com as novas filmagens com David Niven, Herbert Lom e Capucine. Edwards foi processado pela família de Sellers pela impropriedade da autoria das cenas e perdeu.*

Fichas de Cine & Vídeo

Além do irretocável padrão de qualidade, SET vem se renovando a cada edição com muito bom gosto. Tenho constatado, todavia, que algumas reproduções das fichas de cine & vídeo não estão sendo fiéis aos cartazes originais de cinema, sendo substituídos por gravuras arranjadas e grosseiras.
Miguel Douglas Ribeiro
(Campina Grande — PB)

Como o nome bem indica, trata-se de fichas de cinema e vídeo. Portanto, algumas reproduções são dos rótulos das fitas de vídeo.

Leitor x Leitor

Quero dar meu apoio a Jonas E. Abboud em seu protesto contra o corte feito pela Globo Vídeo no filme *Amantes de Verão* (edição n.º 4, ano 4, pág.70).
Davi Rosa
(São Paulo — SP)

Pensei que por SET ser a melhor revista de cinema iria encontrar pessoas que realmente curtissem a sétima arte. Na seção Cartas só vejo pessoas que gostariam de trocar materiais sobre Tom Cruise, Rob Lowe e outros atores fabricados pela indústria cinematográfica. Adoraria me corresponder com pessoas que curtissem os verdadeiros astros como Cary Grant, Gary Cooper, Greta Garbo e muitos outros.
Amanda Corrêa
(São Paulo — SP)

Cantando na Chuva

Grave infâmia cometida pela sigla M.M. em seu comentário sobre o clássico *Cantando na Chuva* (n.º 3, ano 4, pág. 68). Provando-se cria da tecnologia dos VCR, o sujeito propõe a supressão da melhor sequência da obra pelo acionamento da tecla "fast forward" no aparelho.
Rodrigo Hammer
(Natal — RN)

Festivais

A SET é fantástica, mas a cobertura dos festivais de cinema continua sendo seu "calcanhar-de-aquiles". Cito o ocorrido recentemente com o Oscar, cuja cobertura saiu atrasada na edição de março e comprimida na edição seguinte. Já o Festival de Cinema de Natal entra em seu quarto ano de sucesso sem nunca ter sido sequer mencionado na revista.
Fred Azevedo
(Natal — RN)

Sobre SET

Desde o seu início, tenho acompanhado a evolução inexorável de SET. A revista tornou-se, indubitavelmente, a melhor publicação brasileira do gênero. Os percalços do início foram paulatinamente eliminados com a melhoria gráfica e a distribuição dos assuntos, aliados ainda às críticas inteligentes e objetivas.
Ariel Macedo Mendonça
(Rio de Janeiro — RJ)

Parabenizo-os por essa publicação séria e informativa sobre cinema. Tenho algumas ressalvas quanto ao novo caderno Vídeo & Equipamentos, pois algumas matérias são maçantes e desinteressantes.
Márcio Dutra
(Camobi — RS)

Fãs-Clubes

Fã-clube e S.A. de Cinema e Vídeo. Endereço: rua Nossa Senhora da Glória, 33, casa 2, São João do Meriti, RJ (CEP 25500).
Luciano da Silva

Quero trocar correspondência com pessoas que curtam John Travolta, Olivia Newton-John, Tom Cruise, Madonna, Michael J. Fox e Harrison Ford. Endereço: av. Carilau Cerre, 7D, Guarulhos, SP (CEP 07130).
Márcia do Rosário

Gostaria de me correspon-

der com pessoas que curtem as atrizes do cinema americano Kim Basinger, Kathleen Turner, Michelle Pfeiffer e Maria Conchita Alonso. Endereço: Caixa Postal 47, Natal, RN (CEP 59010).
Rogério Ziandro Taveira

Quero me corresponder com pessoas que curtem os atores Matthew Broderick, Michael J. Fox, Tom Cruise, Ken Wahl, Richard Andersen para troca de informações. Endereço: rua Benjamin Constant, 1 667, ap. 205, Porto Alegre, RS (CEP 90450).
Cristina Pagano

Quero me corresponder com admiradores de Michelle Pfeiffer, Matthew Broderick, Daryl Hannah, Sônia Braga, Michael J. Fox e do clássico *...E o Vento Levou*. Endereço: rua Feliciano Lima, 361, Três Rios, RJ (CEP 25800).
Alessandro Lima Lavinas

Sou fã incondicional de Ralph Macchio, Moriuky Morita, Stallone, Kevin Bacon, John Travolta, Olivia Newton-John, Jessica Lange e Michelle Pfeiffer e quero me corresponder com pessoas que também os admiram. Endereço: rua Claudino Barbosa, 304, Guarulhos, SP (CEP 07110).
Clovis Duarte

Quero trocar correspondência com pessoas que curtam Michelle Pfeiffer e Tom Cruise. Endereço: av. Floriano Peixoto, 90, Prata, MG (CEP 38140).
Wellington Santos

Troco correspondência com quem curte Harrison Ford, Kathleen Turner, Dan Aykroyd, Kim Basinger e Steve Martin. Endereço: rua Álvaro Alvim, 450, apto. 135, Porto Alegre, RS (CEP 90410).
Fabiano Gobbato Barbosa

Kim Basinger, Madonna, Michelle Pfeiffer e o agente 007: quero me corresponder para venda e troca de material. Endereço: rua Machado de Assis, 24, apto. 505, Rio de Janeiro, RJ (CEP 22210).
Marcelo Ramos Araújo

Correio entre os Leitores

Tenho um vasto material do ator Marlon Brando e troco por qualquer coisa relacionada com James Dean. Endereço: Quadra 19, conjunto 3, casa 6, Setor "O", Brasília, DF, (CEP 72000).
Renato Silva

Compro materiais importados dos atores Sylvester Stallone, Arnold Schwarzenneger, Harrison Ford e Tom Cruise. Endereço: rua Marinheira Agra, 840, Campina Grande, PB (CEP 58100).
Allan Davis Ribeiro

Compro fotos, pôsteres e reportagens do ator Tom Cruise. Endereço: rua Torres Homem, 730, Araçatuba, SP (CEP 16100).
Mirela de Camilo

Troco pôster de Arnold Schwarzenegger por outros de atrizes e atores. Endereço: rua Padre Benedito Alves, 121, Apode, RN (CEP 59700).
Francisco Moreira da Silva

Tenho a trilha sonora do filme *A Música Não Pode Parar* e o pôster de *Eu Sei Que Vou Te Amar* e troco por pôster de *Gothic!* ou pela trilha sonora de *Batman*. Endereço: rua Francisco Maria de Oliveira, 223, Campina Grande, PB (CEP 58100).
Marlon Vasconcelos

Troco fotos de Mel Gibson, Sting, Charlie Sheen, Dennis Quaid por outras de Michael J. Fox, Tom Cruise e Felipe Camargo. Endereço: av. Dr. Passos de Miranda, 159, Maceió, AL (CEP 57060).
Khatleen dos Santos

Vendo ou troco trilhas sonoras de *Trovão Azul*, *Perigosamente Juntos*, *2001 — Uma Odisséia no Espaço*, *Doutor Jivago*, *Love Story*, *Um Estranho no Ninho* e outras. Endereço: rua Bento Lisboa, 76, ap. 405, Rio de Janeiro, RJ (CEP 22221).
Márcio A. Silva

Compro trilha sonora de *Os Garotos Perdidos* (em CD, vinil ou cassete, e compro fita em vídeo de *The Big Blue*. Endereço: rua 14 de Julho, 240, Farroupilha, RS (CEP 95180).
Marcelo Dal Pizzol

Desejo me corresponder com pessoas que apreciam o bom cinema, tanto o de arte como o de entretenimento e suas adaptações de livros. Endereço: rua José Adorno, 600, São Paulo, SP (CEP 03714).
Osvaldo Luiz Pastorelli

Quero me corresponder com quem tenha seriados antigos e novos, filmes, videoclipes e shows gravados para troca, compra e venda. Endereço: Caixa Postal 9118, São Paulo, SP (CEP 01051).
Edmir Kuazaqui

Troco reportagens sobre Ken Wall, John Travolta, Rob Lowe e Marilyn Monroe por reportagens sobre Tom Cruise. Endereço: rua 7 de Maio, 927, Tatuí, SP (CEP 18270).
Cláudia Adriana Moreira

Possuo bastante material sobre cinema e música e quero trocá-los por outros diferentes. Endereço: Caixa Postal 4 318, São Paulo, SP (CEP 01051).
Eduardo Eizi

Compro qualquer tipo de pôster de filmes de aventura, ficção, terror, guerra e épico, e fotos dos atores Stallone, Schwarzenneger, Jean-Claude Van Damme e Lou Ferrigno. Endereço: rua Severino Vieira, 852, Acajutiba, BA (CEP 48360).
Marcelo Pereira de Brito

Troco material de artistas brasileiros e americanos por reportagens e pôsteres de Tom Cruise. Endereço: rua Azevedo Soares, 1 359, bloco 1/25, São Paulo, SP (CEP 03322).
Priscilla Gaspar

AVISO AOS ASSINANTES

Se você necessita de alguma informação sobre sua assinatura, escreva para Editora Azul - Depto. de Assinaturas, Rua do Curtume, 769, Lapa, CEP 05065, São Paulo, SP.

Ou, se preferir, telefone para:

São Paulo - Tel. (011) 823-9222
Das 8h às 18h

Rio de Janeiro - Tel. (021) 295-5544
Das 8h às 18h

Recife - Tel. (081) 224-0655
Das 8h30 às 12h30 e das 14h às 18h

Salvador - Tel. (071) 371-5577
Das 8h às 12h e das 14h às 18h

Belo Horizonte - Tel. (031) 275-2255
Das 8h30 às 12h e das 13h30 às 18h

Porto Alegre Tel. (0512) 33-9034
Das 8h30 às 12h e das 14h às 18h30

Brasília - Tel. (061) 226-6963
Das 8h30 às 12h e das 13h30 às 18h

Curitiba - Tel. (041) 263-3013
Das 8h30 às 12h e das 14h às 18h30

Florianópolis - Tel. (0482) 23-7598
Das 9h às 12h e das 14h às 18h

Londrina - Tel. (0432) 22-6049
Das 8h às 12h e das 13h30 às 18h

Fortaleza - Tel. (085) 244-1566
Das 9h às 12h e das 14h às 18h30

Se você mudou de endereço, preencha o pedido de alteração abaixo. Através dele você pode alterar de uma única vez o endereço de todas as revistas que assina. Coloque-o num envelope e envie-o para:

Editora Azul
Departamento de Assinaturas
Rua do Curtume, 769, Lapa,
CEP 05056, São Paulo, SP.

EDITORA AZUL

Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço 4 semanas após recebermos o seu pedido.

SET-31

PEDIDO DE ALTERAÇÃO DE ENDEREÇO.
Cole aqui sua etiqueta de endereçamento anterior ou escreva seu nome e seu código de assinante.

Nome _____

Código de assinante

Atenção: você encontra seu código de assinante na etiqueta de endereçamento de suas revistas

Novo endereço _____ CEP _____

Bairro _____ Estado _____ Telefone _____

Cidade _____

Revistas que você quer receber neste novo endereço:

EDITORA AZUL

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

SET

Diretor de Grupo: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO
Diretor de Redação: Eugênio Bucci
Editores: Dilson P. Gomes (executivo), Carlos Volpato, Mario Nery
Redação: Deborah Peleias, Walter de Silva
Auxiliar de Prod. Editorial: Marcelo de Castro
ARTE
Editor de Arte: Michel Spitale
Produção: Maria Amélia Azevedo
Diagramador: Izau Norbertino
Arquivo e Pesquisa: Sandra Machado Alves
Correspondentes: José Emílio Rondeau e Ana Maria Bahiana (Los Angeles)
Colaboradores:
Críticos: Amir Labaki, Antonio Querino Neto, José Geraldo Couto, Luiz Nazário, Paulo Capuzzo
Texto: Celso Masson, Celso Pucci, José Carlos Avellar, Marcos Smirkoff, Murilo Salles, Wagner Almeida Silva
Arte: Jair Farias, Marcelo Paton Viola, William Amaral
Fotografia: Rui Mendes
Revisão e Preparação de Textos: Marcos D. Agathão
Diretora Responsável: Liège de Lima Dória Castelli
PUBLICIDADE
Diretor: Carlos Alberto Araújo
SP - Diretor: Eduardo Rosa
Supervisora: Rosangela Cassilio
Contatos: Iracema Gil, Márcia Leticia L. L. Amaral, Ricardo Mateoli
RJ - Diretor: Jairo Carneiro
Contatos: Romualdo Ayres Costa
Produção Gráfica:
Gerente: Edna K. Burigo
Coordenador: José Soares A. Santos
Representantes:
Rio Grande do Sul e Santa Catarina:
Print Sul (0512) 23-9528, (0482) 33-7622
SP-2: Intermídia Repres. e Public. S/C Ltda. Fones: (016) 623-4262/623-4291 — Ribeirão Preto — SP
Belo Horizonte:
Marco Aurélio Maia
Fone: (031) 222-5594
Serviços Editoriais
Azul Press - Gerente: Benjamin Sérgio Gonçalvez
Abril Press - Gerente: Judith Baroni; **Escritórios - Nova York:** Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165, Phone: (001212) 557-5990/5993, Telex (00) 237670, FAX: (001212) 983-0972. **Paris:** 33, rue de Miromesnil, 75008 - Paris, Phone (00331) 42.66.31.18, Telex (0042) 660731 ABRILPA, FAX: (00331) 42.66.13.99
Departamento de Documentação - Dedoc - **Gerente:** Susana Camargo - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, Telex: (011) 22115
Serviços Fotográficos - Gerente: Pedro Martinelli
COMERCIAL
Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Produto: José Carlos Boldarine
Gerente de Circulação: Gilberto Finotto Gil
Gerente de Promoções e Propaganda: A. Vasco C. Barbosa

EDITORA AZUL
Diretores: Ana Maria Fadigas, Carlos C. Arruda, Carlos Alberto Araújo, Pedro Frazão e Vera Helena Mirandez Gomes

SET é uma publicação da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** Av. das Nações Unidas, 5777, CEP 01139, tel.: (011) 211-7866, Caixa Postal 60081, CEP 05096, Telex (011) 26070. **Telegramas:** Editabril/Abrilpress. **Rio de Janeiro:** r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andares, CEP 22290, tel.: (021) 546-8282, Telex: (021) 22674, Telegramas: Editabril/Abrilpress. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. Ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal à Editora Abril S/A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção definitiva da entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição da parte do preço total antecipadamente paga, correspondente aos exemplares que não forem entregues, acrescida de correção monetária calculada com base na variação do valor nominal das BTN verificada no período. Circulação desta revista: julho/agosto de 1990.
Números atrasados: ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Pedidos pelo Correio: DINAP — Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.
Fotolito: Lastri S.A. Indústria de Artes Gráficas
IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

CARTAS

Compro fotos e reportagens do ator Matthew Broderick. Endereço: rua Rio do Sono, 115, São Paulo, SP (CEP 08190).
Gilvania Vicente Vieira

Gravo em fita cassete qualquer trilha sonora, pois possuo um arquivo com 1 500 discos. Endereço: rua do Rezende, 103, ap. 202, Rio de Janeiro, RJ (CEP 20231).
José Fernandes de Campos

Gostaria de entrar em contato com leitores para troca de material de cinema e vídeo. Endereço: rua Rolante, 389, Sapiranga, RS (CEP 93800).
Mauro A. Schumann

Quem quiser trocar material sobre cinema, escreva. Endereço: rua Dirce, 412, São Paulo, SP (CEP 02077).
Fúlvio Torres Flores

Quem gravou o Oscar de 88 e quiser vender ou trocar pelo Oscar 87 e o Grammy 87, me escreva. Endereço: rua R-16, 250, ap. 502, Setor Oeste, Goiânia, GO (CEP 74000).
Maria Angélica O.S.

Compro as fichas de cine & vídeo de SET da edição n.º 1 até a de n.º 25 e da edição n.º 29. Endereço: Caixa Postal 9, São Vicente, SP (CEP 11301).
Lindalva P. dos Santos

Compro qualquer reportagem ou entrevista, fotos, pôsteres ou cartazes de filmes com John Travolta e Olívia Newton-John. Endereço: rua Coronel João Gualberto, 464, Palmas, PR (CEP 84670).
Ubirajara Abrão David

Tenho vasto material de Arnold Schwarzenneger e estou interessada em vendê-lo ou trocá-lo por material de David Bowie. Endereço: rua Jequeri, 100, ap. 505 A, Belo Horizonte, MG (CEP 31210).
Juliana Lembi Viana

Desejo comprar cartazes de filmes de western, principalmente os com John Wayne. Também quero me corresponder com fãs desse ator. Endereço: rua Soares Cabral, 15, ap. 101, Rio de Janeiro, RJ (CEP 22240).
André Luís Barata

Tenho fotos do ator Corey Feldman, da atriz Madonna e outras fotos para trocar por fotos de Michelle Pfeiffer e Kim Basinger. Endereço: al. Santos, 721, ap. 92, São Paulo, SP (CEP 01419).
Fabíola Loureiro de Almeida

Compro pôsteres e materiais sobre as atrizes Jodie Foster, Geena Davis, Sigourney Weaver, Kim Basinger, Nastassja Kinski, Melanie Griffith e Michelle Pfeiffer. Endereço: av. Coronel Lucas, 484, Parnaíba, PI (CEP 64200).
Marcelo S.O. do Rêgo

Compro pôster, fotos ou qualquer material sobre os atores Willim Ragsdalg, Kurt Russel e Christopher Reeve. Endereços: av. Brás de Pina, 2 594, apto. 202, Vista Alegre, RS (CEP 21210).
Suzini Ferreira

Compro a edição n.º 26 de SET pelo dobro do preço de banca. Endereço: rua Venceslau, 82, ap. 101, Rio de Janeiro, RJ (CEP 20731).
Carmem Menduinha Bessa

Compro a trilha sonora dos filmes *Caçafantasmas* e *Xanadu*, de preferência em fitas cassete. Endereço: rua Mário Studart, 90, ap. 304, Fortaleza, CE (CEP 60325).
Germano Ribeiro

Compro pôsteres, fotos ou qualquer outro material referente aos atores Rob Lowe, Matthew Broderick, Lance Quest, Johnny Depp e Eric Stolts. Endereço: av. Brás de Pina, 2 594, apto. 202, Rio de Janeiro, RJ (CEP 21210).
Roseline Cabral

Compro todas as fichas de cine & vídeo de SET até o n.º 5 do ano 3. Endereço: av. Prefeito Mendes de Moraes, 1 400, ap. 101, bloco 3, São Conrado, RJ (CEP 22610).
Nathalia Lage Escher

Tenho vasto material de artistas que gostaria de trocar por fotos e reportagens sobre Tom Cruise. Endereço: rua Nascimento Antunes de Oliveira, 41, São Paulo, SP (CEP 02161).
Márcia Maria da Silva

Compro a edição n.º 12, ano 2, de SET e pago o preço de banca. Endereço: Caixa Postal 219, Novo Hamburgo, RS (CEP 93301).
Demian Diniz

Compro fotos e pôsteres dos filmes das séries *Rambo* e *Rock, Cobra* e *Condenação Brutal*. Também compro todas as fichas de cine & vídeo publicadas em SET. Endereço: Fazenda Von Herte, Manduri, SP (CEP 18780).
Clodoaldo Rodrigues

Troco várias fotos de diversos artistas por outras de *Sexta-Feira 13*. Endereço: rua Joaquim Farias, 186, Feira de Santana, BA (CEP 44100).
Raimilan da Silva Rodrigues

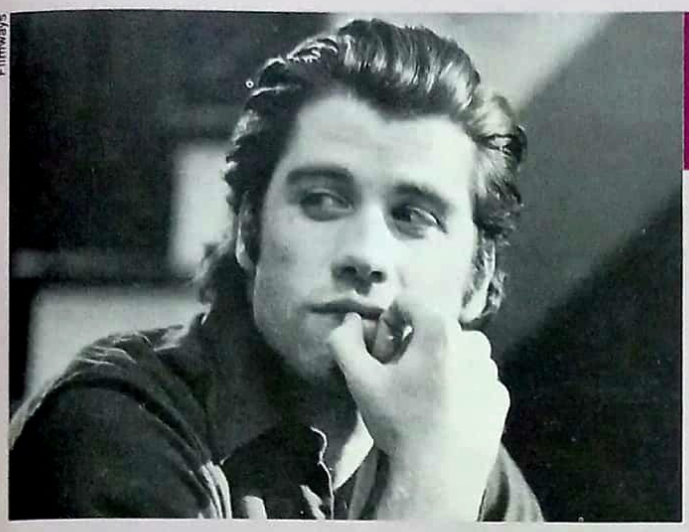
Compro a edição n.º 12, ano 3, de SET. Endereço: rua Castro Alves, 216, Feira de Santana, BA (CEP 44100).
Liane Maria Silva

Errata

O leitor Dário Soriano Rocha, de Maceió (AL), nos escreveu provando por a + b que é a jovem atriz Ally Sheedy, e não Dabney Coleman (como publicado na foto da página 31, na edição n.º 4, ano 4), quem está ao lado de Matthew Broderick.

Cartas para Diretor de SET, av. das Nações Unidas, 5777, CEP 05477, São Paulo, SP. Todas as cartas serão respondidas pelo correio. As publicadas nesta seção, por motivo de espaço, poderão ser resumidas.

FILMOGRAFIAS


Filmways

JOHN TRAVOLTA

Nascido em 18 de fevereiro de 1954, em Englewood, New Jersey.

1974: THE DEVIL'S RAIN (de Robert Fuest) ■ 1976: CARRIE, A ESTRANHA* (*Carrie*, de Brian De Palma); O GAROTO NA BOLHA DE PLÁSTICO (*The Boy in the Plastic Bubble*, de Randal Kleiser, para a TV) ■ 1977: OS EMBALOS DE SÁBADO À NOITE* (*Saturday Night Fever*, de John Badham) ■ 1978: GREASE, NOS TEMPOS DA BRILHANTINA (*Grease*, de Randal Kleiser); VIVENDO CADA MOMENTO (*Moment By Moment*, de Jane Wagner) ■ 1980: COWBOY DO ASFALTO (*Urban Cowboy*, de James Bridges) ■ 1981: UM TIRO NA NOITE* (*Blow Out*, de Brian De Palma) ■ 1983: OS EMBALOS DE SÁBADO CONTINUAM* (*Staying Alive*, de Sylvester Stallone); EMBALOS A DOIS (*Two of a Kind*, de John Herzfeld ■ 1985: PERFEIÇÃO* (*Perfect*, de James Bridges) ■ 1988: OS ESPERTINHOS* (*The Experts*, de Dave Thomas) ■ 1989: OLHA QUEM ESTÁ FALANDO (*Look Who's Talking*, de Amy Heckerling) ■ 1990: CHAINS OF GOLD (em produção); THE TENDER (em filmagens).

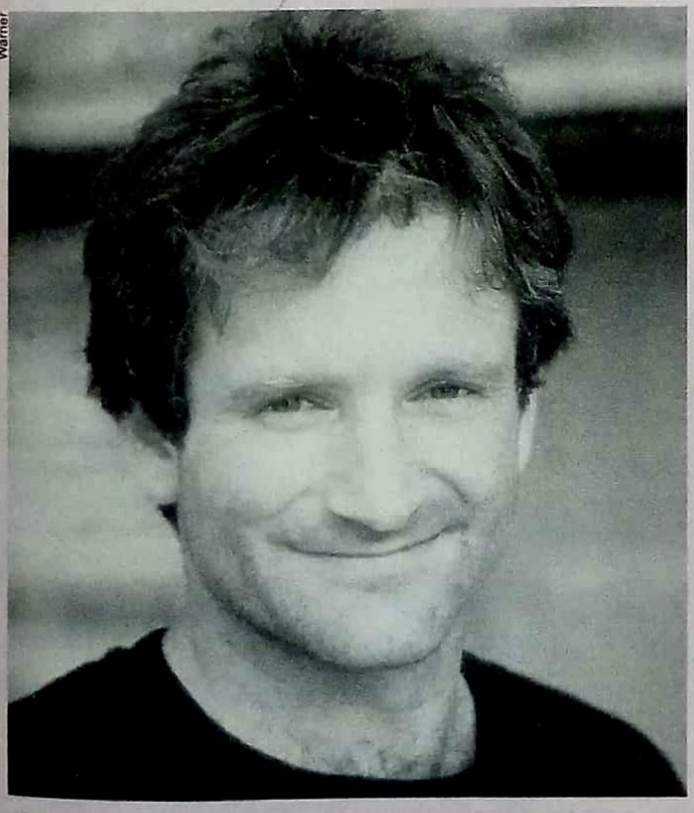
Séries para a TV — MEDICAL CENTER (de 1969 a 1976), OWEN MARSHALL (de 1971 a 1974), THE ROOKIES (de 1972 a 1976), EMERGENCY (de 1972 a 1977), WELCOME BACK, KOTTER (de 1975 a 1979).

ROBIN WILLIAMS

Nascido em 21 de julho de 1952, em Chicago.

THE LAST LAUGH ■ 1980: POPEYE* (de Robert Altman) ■ 1982: O MUNDO SEGUNDO GARP (*The World According to Garp*, de George Roy Hill) ■ 1983: THE SURVIVORS (de Michael Ritchie) ■ 1984: MOSCOU EM NOVA YORK* (*Moscou on the Hudson*, de Paul Mazursky) ■ 1986: THE BEST OF TIMES (de Roger Spottiswoode); CLUBE PARAÍSO* (*Clube Paradise*, de Harold Ramis); BOM DIA, VIETNÃ* (*Good Morning, Vietnam*, de Barry Levinson) ■ 1987: DEAR AMERICA: LETTERS HOME FROM VIETNAM (de Bill Couturie, como narrador) ■ 1989: AS AVENTURAS DO BARÃO DE MUNCHAUSEN (*The Adventures of Baron Munchausen*, de Terry Gilliam); SOCIEDADE DOS POETAS MORTOS (*Dead Poets Society*, de Peter Weir) ■ 1990: THE CADILLAC MAN.

Séries para TV: THE RICHARD PRYOR SHOW (1977), LAUGH IN (1977 a 1978), MORK, MORK & MINDY (1978 a 1982), AMERICA TONIGHT (1978), NINETY MINUTES LIVE, THE ALAN HAMEL SHOW, THE GREAT AMERICAN LAUGH OFF, E.T. & FRIENDS, FAERIE TALE THEATRE, FREE TO BE... A FAMILY. Filme para TV: SEIZE THE DAY.


Warner

Fox

DAVID CRONENBERG

Nascido em 15 de maio de 1943, em Toronto.

1966: TRANSFER (curta-metragem) ■ 1967: FROM THE DRAIN (curta-metragem) ■ 1969: STEREO ■ 1970: CRIMES OF THE FUTURE ■ 1975: CALAFRIOS* (*Shivers, They Came from Within* ou *Parasite Murders*) ■ 1976: ENRAIVECIDA — NA FÚRIA DO SEXO* (*Rabid*) ■ 1979: A ESCUDERIA DO PODER* (*Fast Company*); OS FILHOS DO MEDO* (*The Brood*) ■ 1980: SCANNERS, SUA MENTE PODE DESTRUIR* (*Scanners*) ■ 1982: VIDEODROME, A SÍNDROME DO VÍDEO* (*Videodrome*) ■ 1983: A HORA DA ZONA MORTA* (*The Dead Zone*) ■ 1985: UM ROMANCE MUITO PERIGOSO* (*Into the Night*, de John Landis, como ator) ■ 1986: A MOSCA (*The Fly*) ■ 1988: GÊMEOS — MÓRBIDA SEMELHANÇA (*Dead Ringers*) ■ 1990: THE NAKED LUNCH (em produção).

Séries documentais para a TV francesa — 1971: JIM RITCHIE SCULPTOR; LETTER FROM MICHELANGELO; TOURETTES. **Séries para a TV canadense** — 1971: DON VALLEY; FORT YORK; IN THE DIRT; LAKESHORE; SCARBOROUGH BLUFFS; WINTER GARDEN. **Documentários para a TV canadense** — 1975: THE VICTIM; THE LIE CHAIR. 1976: THE ITALIAN MACHINE.

*Disponível em vídeo.

SET
O charuto é o melhor
amigo do homem
Edward G. Robinson (1893-1973)

PHILIPS VR 6558. O VIDEOCASSETE EVOLUIU ATÉ DESCOMPLICAR.

STANDARD

A Philips é especialista em estar um passo à frente em tecnologia. Com o VR 6558 o avanço foi na direção da simplificação. ▶ A programação, que costuma ser a parte mais chata da história, agora aparece explícita e detalhada

na tela do seu televisor, passo a passo. Tem até um calendário programado. E, na hora de localizar cenas preferidas, entra em ação um sistema que busca automaticamente o início de cada gravação feita na fita, com direito a um trailer de 5 segundos só para conferir. ▶ Bem, tem ainda uma série de funções que você não vai ver, porque são automáticas: seleção 110/220V, NTSC/PAL-M, liga/desliga, reprodução, retrocesso e ejeção. ▶ Todas estas funções são importantes, mas a principal você já percebeu: ele deixa você com mais tempo para as melhores emoções do vídeo.

IMPORTADO
AGORA, À VENDA EM TODO O BRASIL.
1 ANO DE GARANTIA

PHILIPS

BEM-VINDO AO FUTURO. BEM-VINDO À PHILIPS.

I WANT

I CAN

adidas

TORSION

Torsion. A parte dianteira e a parte traseira do pe movendo-se independente mente. Livre como andar descalco. Tecnologia Adidas.